



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

RAPHAEL GONÇALVES TEIXEIRA

MESTRES TOURO E DENTINHO, OS IRMÃOS BEMVINDO:

Uma perspectiva da memória corporal e dispórica da Capoeira Carioca a partir do território da comunidade Vila Cruzeiro.

Rio de Janeiro

2022

RAPHAEL GONÇALVES TEIXEIRA

MESTRES TOURO E DENTINHO, OS IRMÃOS BEMVINDO:

Uma perspectiva da memória corporal e diaspórica da Capoeira Carioca a partir do território da comunidade Vila Cruzeiro.

Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Espaço.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Gabriel da Silva Vidal Cid

Rio de Janeiro

2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

T262	<p>Teixeira , Raphael Gonçalves MESTRES TOURO E DENTINHO, OS IRMÃOS BEMVINDO: Uma perspectiva da memória corporal e dispórica da Capoeira Carioca a partir do território da comunidade Vila Cruzeiro. / Raphael Gonçalves Teixeira . -- Rio de Janeiro, 2022. 120</p> <p>Orientador: Sérgio Luis Pereira da Silva . Coorientador: Gabriel da Silva Vidal Cid. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2022.</p> <p>1. Brecha. 2. Corpo. 3. Imagem . 4. Território . I. Silva , Sérgio Luis Pereira da , orient. II. Cid, Gabriel da Silva Vidal , coorient. III. Título.</p>
------	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

RAPHAEL GONÇALVES TEIXEIRA

MESTRES TOURO E DENTINHO, OS IRMÃOS BEMVINDO:

Uma perspectiva da memória corporal e diaspórica da Capoeira Carioca a partir do território da comunidade Vila Cruzeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Espaço.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Gabriel da Silva Vidal Cid

Aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, ____/____/____

Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva (Orientador)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Gabriel da Silva Vidal Cid (Coorientador)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dra. Lobélia da Silva Faceira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Luiz Rufino Rodrigues Junior
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação da Baixada
Fluminense (UERJ/FEBF)

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

DEDICATÓRIA

Esta pesquisa é dedicada a Marília Calvo Gonçalves, minha Mãe.

AGRADECIMENTOS

O ano era 1990 e começava meus estudos na Escola Técnica de Comunicação (ETEC). Através do ecologista e professor de biologia Luiz Franklin de Mattos Silva dei meus primeiros passos na participação de projetos ambientais, socioeconômicos e culturais em diversos territórios populares da cidade do Rio de Janeiro.

Agora, no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (UNIRIO), é fundamental reconhecer que minha trajetória só foi possível graças ao suporte e a contribuição de alguns nomes que citarei aqui, pois, ao longo desses anos contei com pessoas decisivas que me impulsionaram a seguir em frente.

Assim, agradeço aos meus familiares que me acompanharam e torceram pela minha trajetória. Agradeço a minha Mãe Marília Gonçalves Calvo, a minha Tia Marcia Calvo Gonçalves Mansur, a minha Tia Marisa Calvo Gonçalves, ao meu Filho Vitor de Oliveira Calvo e sua Mãe Ana Cristina O. de Oliveira, a meu Pai José Sérgio Maciel Teixeira (in memoriam), a meu Padrasto Raimundo Cezar Martins Caulliraux e a Rosa Maria Coelho Rodrigues, minha segunda Mãe (in memoriam).

Aos membros da família Bemvindo, que me emprestaram seus Pais para que eu pudesse realizar esta investigação. Agradeço aos filho(a)s de Mestre Touro, Aline Bemvindo, Janaína Bemvindo e ao Contramestre Jorge Bemvindo, assim como a esposa do Mestre, Luciene Andrade e seu filho Yuri Gomes. Agradeço também aos filhos de Mestre Dentinho, Mestre Alcino Bemvindo e ao Índio (Manoel da Silva Santos, in memoriam), além da irmã dos Mestres, Ailda Bemvindo (in memoriam).

Agradeço toda a dedicação e profissionalismo da equipe do documentário BEMVINDO: Brunno Rodrigues, Vicente Duque Estrada, Guilherme Whitaker, Alexandre Sacramento (Morcegão), Alex Rodrigues Pereira, Aurino Junior, Nilma Rocha, Rafael César, Kiko, Moisés Alcuña, Auirá Ariak, Júlia Limaverde, Félix Milesi, Márcio Oliveira, Gisele Marques, Marton Merritt, Felipe Varanda, Eduardo H.P. de Oliveira, Athayde Motta, Fernanda Felisberto, Kátia Drummond, Martha de Almeida, Adriana de Souza, Thaís Portella, Pedrão Cunha, a Flávia Gitersonke e Joshua Gitersonke.

Aos professores que me deram o suporte intelectual e me acompanharam na trajetória deste estudo: Prof. Dr. Gerd Bornheim (in memoriam), Prof. Dr. Walter Kohan e ao Núcleo de Estudos de Filosofia e Infância (NEFI), Prof. Dr. Marcelo Almeida Peloggio e ao Grupo de Estudos em Estética, Literatura e Filosofia (GEELF), Prof. Dr. Júlio Cesar de Tavares e o Prof. Dr. Humberto Gomes Pereira.

Aos amigos e parceiros que me auxiliaram na realização deste projeto: Sérgio May, Silvia Rocha, Poena Viana, Grasielle Nespoli, Soraya Tavares, Jeanne Versiani Murta, Carlos Gracie, Clóvis Correa, Júnior Perim, Luiz Fernando Nascimento, Vinícius Daumas e a equipe do Circo Crescer e Viver, Maria Pia Scognamiglio e Joom Melo.

Agradeço a Comunidade da Vila Cruzeiro e sua Associação de Moradores, a Associação de Moradores das Quatro Bicas e ao seu Presidente Ramildo Belizário da Silva Filho, ao Roberto Francisco (Beto da Biblioteca), ao Bar do Canário, a E. M. Joracy Camargo, EDI Almir Leite Ribeiro, E. M. Monsenhor Rocha, E. M. Leonor Coelho Pereira, CIEP Brandão Monteiro, EDI São Vicente, ao jornalista Arthur Lucena e a página Valores da Penha, a jornalista Cláudia Sacramento e a página Vila Cruzeiro, ao jornalista La Toy Jetson, ao Pe. Serafim Fernandes e a Venerável Irmandade da Igreja da Penha.

Aos amigos que fiz na cultura da capoeira durante este estudo. Meu agradecimento ao Mestre Zé (José Fernando Andrade) e o Grupo Kapoarte, ao Mestre Ephrain (Luiz Fernando Ephrain de Marins) e o Grupo Ginga Brasil, ao Mestre Biquinho (Adenilson B. dos Santos) e ao Grupo Filhos da Corda Bamba, ao Mestre Criolo (Jorge Roberto S. Coutinho), ao Mestre Nacional (Adalberto S. Alvarenga, in memoriam), ao Mestre Celso Pepe, a Roberto Batista Fernandes da Federação de Capoeira Desportiva do Rio de Janeiro (FCDRJ), ao Mestre Evaldo Bogado de Almeida (in memoriam), ao Mestre Nilton S. Barros, a Isabel de A. Barros (in memoriam), ao Mestre Fatal (Cláudio L. A. Marinho) e ao grupo de Capoeira União das Raças, ao Mestre Maguinho (Magno O. de Almeida), ao Mestre Marrom e ao Grupo de Capoeira Angola Marrom e Alunos e ao amigo Jacaré (Hugo Luiz Menezes).

Para concluir, meus agradecimentos ao Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO e a seu corpo docente, onde tive a oportunidade de aprofundar a meus conhecimentos teóricos e receber uma orientação precisa, afetiva e

inventiva do Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva, do Prof. Dr. Gabriel da Silva Vidal Cid, da Prof.^a. Dra. Lobélia da Silva Faceira, do Prof. Dr. Luiz Rufino Rodrigues Junior e do Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea.

EPÍGRAFE

A capoeira é cultura, não é esporte. Eles forçaram a gente a usar essa palavra para dizer que nós éramos legalizados, que a gente estava dentro da lei. Então, botaram a capoeira como esporte, mas a capoeira não é esporte. Considerar a capoeira como esporte é empobrecer a capoeira. É empobrecer a nossa cultura. Porque como capoeirista eu sou artista, eu sou um dançarino, eu sou um músico, eu sou um compositor, eu sou um poeta, eu sou um ator, pode ver o capoeirista, eu sou o que? Um historiador, eu sou um cantor, sou um lutador, entendeu, sei brigar, também sou mentiroso, então, a capoeira engloba isso tudo. (Mestre Touro, no Fórum de Capoeira Viva, em 2006).

A capoeira leva a gente a tudo isso. A gente aprende a não ter medo. A capoeira é tão boa que a gente aprende a não ter medo. Tanto é que hoje uma pessoa me chamou para... perguntou se eu sabia dança de salão, eu falei, eu danço tiroteio o resto é mole, então, quem passa pelo tiroteio dançando bem, o resto... pode bater de frente. (Mestre Dentinho, 2003).

RESUMO

O objetivo desta dissertação é apresentar a memória corporal dos Mestres de capoeira Touro e Dentinho, os irmãos Bemvindo, como enunciadoras de políticas, filosofias e éticas diaspóricas à partir da comunidade Vila Cruzeiro. O Primeiro Capítulo é denominado de “Percurso, Percalços e Brechas” e exploramos a metodologia da pesquisa. O Segundo Capítulo foi denominado de “Corpo Diaspórico: um projeto comunitário” e exploramos termos como “gestos”, “movimentos”, “memória corporal” e “saber corporal”, além do conceito de “jogo”. No Terceiro Capítulo, denominado de Vila Cruzeiro: um território encarnado, os conceitos que nos deram suporte foram “desterritorialização” ou “desculturalização” e o conceito de “território” como “abrigo”. O Quarto Capítulo de nome “Brecha”, colhido do depoimento de Mestre Dentinho, relacionamos com a desestabilização das regras discursivas de uma pesquisa para que ela se aproximasse melhor do contexto social e geográfico estudado, além da palavra “marginal” e do conceito de “memória”.

Palavras chaves: brecha - corpo – imagem - memória - território.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to present the corporal memory of the Capoeira Masters Touro and Dentinho, the Bemvindo brothers, as enunciators of diasporic policies, philosophies and ethics from the Vila Cruzeiro community. The First Chapter is called “Travels, Mistakes and loophole” and we explore the research methodology. The Second Chapter was called “Diasporic Body: a community project” and we explored terms such as “gestures”, “movements”, “body memory” and “body knowledge”, in addition to the concept of “game”. In the Third Chapter, called Vila Cruzeiro: an incarnate territory, the concepts that supported us were “deterritorialization” or “deculturalization” and the concept of “territory” as “shelter”. The Fourth Chapter called “Loophole”, collected from the testimony of Mestre Dentinho, we related to the destabilization of the discursive rules of a research so that it could better approach the social and geographic context studied, in addition to the word “marginal” and the concept of “memory”.

Keywords: loophole - body - image - memory – territory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – Percursos, Percalços e Brechas.	17
CAPÍTULO 2 – Corpo Diaspórico: um projeto comunitário.	36
CAPÍTULO 3 – Vila Cruzeiro: território encarnado	59
CAPÍTULO 4 – Brecha	85
PALAVRAS FINAIS	114
REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

Livre. Foi assim que nasceu o sonho da capoeira. Filha rebelde das matas e favelas, fora criada por seus padrinhos, fiéis guardiões da liberdade, também sem pai e mãe, filhos do gueto, da vala, homens que se impuseram talhar Mestres na escultura feita à navalha e sangue, no olhar da ginga, osso duro de roer.

Este é um estudo revelador de lacunas, tensões e brechas entre a minha trajetória acadêmica, minhas memórias e as memórias dos Mestres Antônio Oliveira Bemvindo e Alcino Oliveira Bemvindo, mais conhecidos no mundo da capoeira como os Mestres Touro e Dentinho da Penha, no Rio de Janeiro.

Não tenho a pretensão que minhas análises abarquem as memórias dos irmãos Bemvindo de forma definitiva, ao contrário, minha intenção é justamente expor caminhos e possibilidades percebidas a partir delas de modo que outros desdobramentos possam surgir dessa organização preliminar.

No Primeiro Capítulo denominado de Percursos, Percalços e Brechas pude explorar o entendimento de “metodologia da vadiagem”, inspirada nos irmãos Bemvindo à partir da realização de imagens digitais. Registros que foram fundamentais para reconhecê-los como co-autores das teorias que versam sobre eles.

No Segundo Capítulo, denominado Corpo, contamos com a contribuição do antropólogo Júlio Cesar de Tavares quando explorei os termos “gestos e movimentos” através da “memória corporal” e do “saber corporal” como agenciadores de um “corpo comunitário”.

O corpo comunitário discutido neste estudo tem seu ponto de partida na diáspora africana, tema explorado neste capítulo através de um dos protagonistas de um grupo de pesquisadores que tiveram sua produção reconhecida como Estudos Culturais, o sociólogo Jamaicano Stuart Hall. Através do pedagogo Luiz Rufino e do filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz percebemos que além de uma memória o corpo também manifesta uma visão de mundo, um modo de ser ou *êthos*.

Outro tema importante abordado no Segundo Capítulo foi o Jogo, explorado à partir de três autores fundamentais como o poeta e filósofo alemão Friedrich Schiller,

um dos precursores do Romantismo alemão no século XVIII e um dos primeiros pensadores a abordar esse tema na filosofia. Em seguida recorreremos ao historiador e linguista holandês Johan Huizinga e novamente à pesquisa de Muniz Sodré a respeito da capoeira.

Algumas perguntas foram importantes para avançarmos neste capítulo, são elas: a capoeira é uma vanguarda da resistência afro-brasileira? O corpo do capoeirista é um enunciador de memórias, territorialidades, filosofias e modos de ser?

O Terceiro Capítulo versa sobre o território ocupado pelos Mestres Bemvindo e foi intitulado de Vila Cruzeiro¹. Primeiramente exploramos os conceitos de “desterritorialização” ou “desculturalização” a partir do geógrafo Milton Santos, que dentre outros temas, se dedicou à problemática da urbanização do chamado Terceiro Mundo.

Em seguida, abordei propriamente o conceito de “Território” como “abrigo”, através do texto “De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana” de Carlos Walter Porto Gonçalves, geógrafo que discute temas como Territorialidades e Movimentos Sociais.

Para concluirmos esse momento; destacamos o aspecto da identidade e da diferença entre os irmãos Bemvindo a partir de suas inserções territoriais, ao percebermos o papel do espaço, mais especificamente os territórios populares, como acolhedores de pluralidades.

Destacamos duas perguntas como norteadoras deste capítulo: Qual o papel da Vila Cruzeiro na construção dos modos de ser dos Mestres Bemvindo? É possível se pensar em uma “enunciação” da Vila Cruzeiro a partir de seus corpos?

Para nos aproximarmos melhor das memórias dos Mestres Bemvindo compreendi que era importante explorar no Quarto Capítulo o termo “brecha”, muito citado por Mestre Dentinho e que colaborou com minha atenção e trajetória dentro desta pesquisa.

Para tanto, levei em consideração a atenção com as palavras proposta pelo pedagogo Luiz Rufino, que desenvolve pesquisas sobre Linguagens, Colonialismo e

¹ Comunidade localizada no bairro da Penha, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Educações Populares através de textos como: “Campo de batalha e campo de mandinga”, “Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas” e “Pensamento diaspórico e o "ser" em ginga: deslocamentos para uma filosofia da capoeira”, além de Michel Foucault e seu estudo sobre o método Genealógico de Friedrich Nietzsche.

Ainda no Quarto Capítulo, compreendi que para explorar a memória dos Mestres Bemvindo era necessário certa desestabilização da pesquisa e de suas regras discursivas, por isso me aproximei novamente de Rufino e do conceito “transdisciplinar” exposto por Dodebey e Gondar, além da perspectiva da palavra “marginal” do autor venezuelano Luís Britto Garcia. Em seguida nos aproximamos do termo “guerrilha”, proposto por Júlio Cesar de Tavares, um dos primeiros historiadores a analisar os aspectos corporais da capoeira e sua etnografia diaspórica.

O termo brecha também é percebido através de suas dimensões temporais e espaciais apresentadas pelo jornalista e sociólogo brasileiro Muniz Sodré e do filósofo e sociólogo associado à Escola de Frankfurt Walter Benjamin.

Baseado na orientação dos textos do Professor e Filósofo argentino Miguel Angel Barrenechea aprofundi meu conhecimento a respeito do conceito de memória proposto pelo Filósofo Friedrich Nietzsche em seu livro “Genealogia da moral”, onde pude compreender criticamente que ao longo da história ocidental; o ser humano passou por um profundo processo de condicionamento social que foi a base da construção de nossa memória.

As perguntas problema deste tópico foram: Qual o papel da brecha no jogo de capoeira? Como podemos perceber a brecha na memória, na cultura e no território?

Assim, o objetivo geral dessa dissertação é apresentar a memória corporal dos Mestres de capoeira Touro e Dentinho, os irmãos Bemvindo, como enunciadoras de políticas, filosofias e éticas diaspóricas à partir da comunidade Vila Cruzeiro.

Objetivos específicos:

1. Compreender como a brecha é uma orientação política, filosófica e ética da cultura da capoeira;
2. Perceber a diferença como elemento fundamental na construção da identidade e das memórias dos irmãos e Mestres Bemvindo;

3. Entender a comunidade Vila Cruzeiro, da Penha, como um território político acolhedor de memórias e projetos diaspóricos;
4. Compreender a narrativa corporal dos Mestres Bemvindo como autora de filosofias, políticas e éticas diaspóricas à partir da comunidade da Vila Cruzeiro.

CAPÍTULO 1 – PERCURSOS, PERCAUÇOS E BRECHAS



Compartilho do entendimento de Félix Guattari (1992) quando ele nos explicita a fundamental relação do domínio cognitivo do pesquisador e o seu engajamento com sua pesquisa. Para o psicanalista, filósofo e militante político francês, o engajamento do pesquisador³ deve ser evidenciado através dos conceitos escolhidos pelo mesmo ao ser afetado pelas questões sociais, políticas, éticas e estéticas da realidade que pesquisa.

Ao nos provocar sobre os porquês de uma pesquisa, Guattari (1992, p. 4) nos alerta para que a orientação social da investigação não seja apenas mera informação técnica, distanciada de propósitos ou da realidade em que nos debruçamos, mas que, em alguma

² Quadrinho Calvin e Haroldo: <https://www.google.com/search?q&tbn=isch&ictx=1&tbs=rimg:CSXbW7g8rOiJIgg121u4PKzoiSoSCSXbW7g8rOiJEU0cUICn8VcW&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjL6r-1rLvwAhX0OLkGHZ3cCd8QiRx6BAgAFAQ&biw=412&bih=678#imgrc=7eHJZNvTeEqGHM>. Acesso em 09/05/2021.

³ Depois de me formar como Técnico em Comunicação (ETEC), concluí as faculdades de Artes Cênicas (UNIRIO), Filosofia (UERJ) e realizei especializações nas áreas de Meio Ambiente (ISER), educação Estética (UNIRIO) e Gestão de Projetos (DOCTUM/PMI). Como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) consegui realizar meu objetivo em aprofundar minha formação de forma transdisciplinar, pois diante da diversidade e adversidades apresentadas pelos territórios populares acabei por orientá-la de maneira heterogênea, de modo que ela refletisse a minha *práxis* com esses territórios, que acabaram por contribuir para a definição do meu norte profissional. Atualmente sou professor de Filosofia da Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), lotado na Diretoria de Unidades Escolares Prisionais (DIESP), no Complexo Penitenciário de Gericinó.

medida, colabore com a vida e o lugar que investigamos, isto é, segundo o autor francês “não tem sentido estudar um bairro em dificuldade sem, ao mesmo tempo, trabalhar para sua recuperação. A elaboração cognitiva, neste caso, é inseparável do engajamento humano e da escolha de valores em que implica.”

A primeira aproximação oficial deste estudo com os Mestres Touro e Dentinho ocorreu no dia 5 de abril de 2003. Não havia um objetivo claro para essa aproximação; no entanto, em outubro desse ano, produzi e dirigi um documentário de 22 minutos que veio a se chamar: *BEMVINDO*.

Em 2006 o Ministério da Cultura (MINC) criou pela primeira vez um programa específico para pesquisas em capoeira e o “Projeto Capoeira Viva Touro e Dentinho” me deu a oportunidade de ser aprovado como pesquisador. Com esse financiamento eu e os Mestres Touro e Dentinho pudemos fazer o primeiro retorno à Tapera, sua terra natal, no Estado do Espírito Santo.

Através deste projeto também realizei o Fórum Capoeira Viva Touro e Dentinho, na Igreja de Nossa Senhora da Penha, com o objetivo de apresentar ao território da Vila Cruzeiro às informações pesquisadas até àquele momento. Nesse dia fizemos uma exposição fotográfica, exibimos o documentário Bemvindo e os Mestres puderam palestrar a respeito de suas experiências e memórias. Estiveram presentes tanto moradores das comunidades Vila Cruzeiro quanto das Quatro Bicas, além de grupos de capoeiristas do subúrbio carioca. Ao final do evento, com sol se pondo, realizamos uma roda de capoeira no alto da Igreja da Penha. Mas antes, em sua missa, o Padre Serafim Fernandes, que em 2006 liderava a Venerável Irmandade da Igreja da Penha, realizou uma homenagem aos Mestres:

Agora mesmo foi afirmado no Fórum que se realizou no salão, capoeira não é um esporte, é uma cultura. E a cultura é fundamental para a identidade de um povo. É uma cultura propriamente brasileira. Então nós temos o dever de respeitar e apoiar a cultura brasileira. Como agora pouco minutos eu dizia lá no salão e repito, bem consciente do que estou dizendo que, assim como uma árvore, se a árvore rejeitar as suas raízes, o que vai acontecer a árvore? Morre. Assim também é um povo se rejeitar a sua cultura, esse povo não tem futuro. Daí a importância, que não é nenhum favor que nós fazemos, não é nenhuma concessão, não é nenhum favor que fazemos em respeitar e apoiar uma cultura, a cultura da capoeira. Então nós queremos nesta celebração homenagear os dois Mestres, o Mestre Touro, que já se encontra aqui entre nós e o Mestre Dentinho, que está chegando, né?⁴

⁴ Depoimento colhido no FÓRUM CAPOEIRA VIVA, na Igreja da Penha, em 2006.

Entre os anos de 2003 a 2010 os Mestres Bemvindo disponibilizaram seus arquivos pessoais com inúmeras fitas de vídeos VHS, fotos analógicas e o livro escrito por Mestre Touro, ainda não publicado, sobre a cultura capoeira carioca. Mestre Dentinho também deixou sob minha responsabilidade cerca de 70 cartas manuscritas descrevendo sua vida desde a infância. As cópias dessas cartas foram disponibilizadas para o seu filho, Mestre Alcino Bemvindo. Por fim, durante esse período, gravei cerca de 70 horas de imagens em vídeo digital, além do registro fotográfico do processo de pesquisa.

Graças à resistência dos capoeiristas que a pelo menos de 150 anos jogam capoeira na Festa de Nossa Senhora da Penha e a organização proporcionada pelos estudos do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO foi possível colaborar com o reconhecimento da Roda da Penha junto ao Poder Público. A roda de capoeira mais antiga da cidade do Rio de Janeiro ainda em vigor se tornou Patrimônio Imaterial da Cultura carioca através da aprovação do Projeto de Lei nº1490/2019, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, pelo então Vereador Leonel Brizola Neto. Assim como a Lei número 5051/2021, de autoria da Deputada Estadual Renata Souza, também declarou a Roda da Penha e o Espaço Cultural Manduca da Praia Patrimônio Histórico e Cultural, Imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

Durante a realização deste estudo escrevi o projeto e auxiliei a idealizar, assim como a realizar a instalação das estátuas, em tamanho natural e em posição de jogo, dos Mestres Touro e Dentinho. Por se tratar do primeiro monumento da cidade do Rio de Janeiro em fibra de vidro, nomeei este projeto de “Homens de Fibra”. Assim, as estátuas dos irmãos Bemvindo fora inaugurada no dia 30 de outubro de 2021, durante as festividades de Nossa Senhora da Penha.

Para dar prosseguimento ao estudo a respeito da memória dos irmãos Antônio Oliveira Bemvindo e Alcino Oliveira Bemvindo, respectivamente, Mestres Touro e Dentinho (falecido em 2011), me aproximei de conceitos que levassem em consideração o vínculo entre a pesquisa e a realidade investigada, além de concepções metodológicas que fortalecessem o comprometimento social desta investigação.

Assim, através do livro “O que é memória social?”, organizado pelas professoras Jô Gondar e Vera Dodebei do Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS) da UNIRIO, tive contato com diversas concepções e conceitos de memória social que me levaram a considerar como materiais de pesquisa a subjetividade, seus atravessamentos diante das

relações de poder, além de estar atento também as cartas, aos objetos, as fotos, aos corpos e seus afetos.

É no mínimo desafiador trabalharmos metodologicamente com um conceito que, segundo Gondar e Dodebei (2005, p. 11), dificilmente encontraremos uma definição “única e definitiva”. Segundo as autoras, não é possível formular o “conceito de memória social no sentido clássico do termo”, ou seja, “aquele que implica postular a identidade e a permanência de alguma coisa”. Por outro lado, as autoras nos fazem uma revelação importante e que precisamos ficar atentos:

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente. (GONDAR e DODEBEI, 2005, p. 17).

Entendemos como Gondar e Dodebei (Ibidem, p. 11) que a memória social “se move, e os conceitos criados para pensá-la devem admitir e acompanhar sua mobilidade.” Assim, da mesma forma que as autoras expõem a abertura do campo da memória, também nos alertam sobre os perigos de um conceito com princípios tão inconstantes.

Por outro lado, para Gondar e Dodebei (2005, p. 11), o principal perigo a ser enfrentado no campo da memória é o medo, “afeto germinal de todas as fontes de autoritarismo” e que pode nos levar a caminhos e definições mais precisas e determinadas, mas que não correspondem às necessidades moventes do campo.

Um dos autores fundamentais para que esse medo fosse diluído foi Michel Foucault. O epistemólogo francês que muito contribuiu para o movimento antipsiquiátrico, antipedagógico, além de desenvolver investigações sobre a estrutura das instituições judiciais e penitenciárias na época moderna. Em particular, utilizamos seu livro “Microfísica do poder”, sobretudo na abordagem do conceito de Genealogia, através de seu texto “Nietzsche, a genealogia e a história.”

Outro autor que me deu base para pensar o conceito de memória foi Michael Pollak (1992). Nascido em Viena, na Áustria, em 1948, Pollak veio a falecer em Paris, em 1992. Formou-se em sociologia e começou suas pesquisas no Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS. Através de textos como Memória e Identidade Social e Memória,

Esquecimento e Silêncio pude ter contato com alguns de seus principais interesses acadêmicos.

Inicialmente, Pollak (1992, p. 200) se voltou para as “relações entre a política e ciências sociais, tema de sua tese de doutorado orientada por Pierre Bourdieu e defendida na École Pratique des Hautes Études em 1975” para em seguida estender seus estudos “a diversos outros campos de pesquisa, que confluíram para uma reflexão teórica sobre o problema da identidade social em situações limites.” Neste estudo nos atermos a conceitos como “memórias subterrâneas”, “memória seletiva”, “construção e reorganização de memórias”, pois, como o autor nos coloca, os “elementos constitutivos da memória” são os “acontecimentos vividos pessoalmente”, pelo sujeito pesquisado, assim como os “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.”

Por outro lado, Pollack (1989, p.8) nos provoca também a refletirmos a respeito da “transmissão” dessas memórias, de modo que "elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação” de seu lugar ao Sol.

Entenderemos que essa "ocasião” apresentada por Michael Pollak dialoga com o princípio de “oportunidade” ou *Kairós* que veremos neste capítulo quando abordaremos o Tempo dos gregos antigos. O entendimento dessa “oportunidade” será importante para a compreensão do “instante” que compõe a “brecha”, termo explorado no quarto capítulo e que apresenta a intenção da ampliação das possibilidades de aberturas na realidade para que outras vozes sejam ouvidas.

Uma percepção fundamental do conceito de memória para este trabalho me foi proporcionada pelo sociólogo Nilson Alves de Moraes, que tem a memória como um de seus principais temas de discussão e a percebe à partir da cumplicidade, do vínculo e da intervenção intelectual.

Contei também com a colaboração do sociólogo Norbert Elias, considerado um dos mais importantes pensadores do nosso tempo. Em seu livro *Mozart, sociologia de um gênio*, Elias reforçou minha atenção sobre os aspectos sociais que colaboram na construção do indivíduo. Segundo Elias (1995, 10) não devemos nos iludir julgando o significado, ou falta de significado, da vida de alguém segundo o padrão que aplicamos à nossa própria vida. É preciso perceber o que essas pessoas consideram ser a realização ou o vazio de sua vida.

Por isso os depoimentos dos Mestres Bemvindo atravessam todos os capítulos desta pesquisa. Mesmo com algumas repetições de palavras, o que é natural em uma entrevista, tentei preservar a expressão e o ritmo de seus pensamentos na íntegra. Penso que dessa forma posso colaborar melhor com o entendimento de seus pensamentos, assim como a investigação de outros pesquisadores que também possam ter acesso a esses registros.

Optei também por descrever alguns elementos que compunham o momento em que as entrevistas foram gravadas, como um bar, um objeto, uma expressão ou gesto que fora registrado pela câmera fotográfica ou vídeo, mas que entendi como ser necessária uma contextualização dos depoimentos para compreendermos melhor o universo em que os Mestres foram entrevistados.

É importante ressaltar que a forma como esses depoimentos foram expostos reforçam uma espécie de grito de representatividade, pois compreendo que os depoimentos desses irmãos não são apenas vozes isoladas que solicitam atenção, mas está em jogo a representação da família Bemvindo, da cultura da capoeira no Rio de Janeiro e da comunidade Vila Cruzeiro, território que os acolheu e os auxiliou a sobreviver.

Sobre essa questão de representatividade, Sarlo (2007, p. 36) nos esclarece que, ao percebermos a memória dos sobreviventes judeus da Segunda Grande Guerra, é fundamental entendermos que a “intensidade da experiência vivida, incrível para quem não viveu a experiência, é também aquilo que o testemunho *não* é capaz de representar.” Segundo a autora, é necessário percebermos que:

não é o sujeito que se restaura a si mesmo no testemunho do campo, mas é uma dimensão coletiva que, por oposição e imperativo moral, se desprende do que o testemunho transmite. Em suma, não se pode representar tudo o que a experiência foi para o sujeito, pois se trata de uma "matéria-prima" em que o sujeito-testemunha é menos importante que os efeitos morais de seu discurso. (SARLO, 2007, p. 36).

Compreendo que a perspicácia solicitada pelas autoras Gondar e Dodebei (2005, p. 11) a respeito da memória está no quanto somos capazes de sustentar seu tencionamento. O tencionamento como princípio metodológico, isto é, a riqueza da nossa pesquisa será diretamente proporcional a uma espécie de “aliança entre aventura e rigor”. Esse “parece ser o grande desafio conceitual, ético e político do campo da memória social.”

Entendo que o próprio caráter da memória social já nos impulsiona ao desafio, à provocação e à inovação. Além disso, segundo Gondar e Dodebei (2005, p. 15), a memória não pertence a uma disciplina em particular, mas provoca os contornos e as relações das disciplinas tradicionais para a construção de novos problemas, que ocasionarão novas perspectivas:

A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas. Não se trata aqui de deduzir problemas valendo-se das teorias já vigentes, mas, inversamente, de inventar novos problemas que, conseqüentemente, produzirão novas teorias e conceitos. (Gondar e Dodebei, 2005, p.15).

Assim como ocorre no jogo da capoeira, pesquisar o campo da memória também é se manter em permanente movimento e prontidão. É sustentarmos o permanente “jogo” da atenção. Essa atenção ganha uma outra matiz quando Gondar e Dodebei (2005, p. 16) expõem o campo da memória a partir do pensamento de Michel Foucault, que compreende que a memória é tecida “por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como um foco de resistência no seio das relações de poder”.

É necessário compreender como Gondar e Dodebei (2005, p.23) que, ao adentrarmos em um estudo sobre a memória é fundamental percebermos que a dinâmica social que nos aguarda é “viva, pulsante e em constante mudança”, onde “as representações são apenas o referente estático do que se encontra em constante movimento.”

Gondar e Dodebei (2005, p.23) reafirmam a importância de nossa atenção diante das relações de poder, das “forças em constante tensão” e “disputa” na sociedade, de modo a não confundirmos “aquilo que elas produzem - as representações coletivas ou sociais - com o próprio processo de que essas representações resultam.”

Por outro lado, como nos coloca Foucault (2006, 278), trata-se de entender que “O poder não é o mal. O poder são jogos estratégicos” que gradativamente os jogadores poderão tomar consciência, se situar e provocar inovações em sua dinâmica. Assim, para Foucault (2006):

Trata-se precisamente de não ver que as relações de poder não são alguma coisa má em si mesmas, das quais seria necessário se libertar; acredito que não pode haver sociedade sem relações de poder, se elas forem entendidas como estratégias através das quais os indivíduos tentam conduzir, determinar a conduta dos outros. O problema não é, portanto, tentar dissolvê-las na utopia de uma comunicação perfeitamente transparente, mas se imporem regras de

direito, técnicas de gestão e também a moral, o *êthos*, a prática de si, que permitirão, nesses jogos de poder, jogar com o mínimo possível de dominação. (FOUCAULT, 2006, p. 277).

Nesse “jogo” de disputas e tensões sociais compreendi a importância de estar atento aos valores expressos pelas memórias dos irmãos Bemvindo, assim como me aproximar de seus modos de ser à partir dessas tensões e disputas. Pois, como nos alerta Gondar e Dodebei (2005, p. 11), os “jogos” de poder da memória reivindicam “outra ética e outra posição política”, assim como os jogos de capoeira dos Mestres Touro e Dentinho. Sobre isso Nilson Alves de Moraes nos coloca:

A memória social deve ser pensada em seu contexto e produção sócio-históricas. Considerada à luz de seu sentido plural, é a expressão partilhada de um sentimento e de um modo de compreender e de se relacionar no mundo, uma singularidade social, bem como um campo de lutas simbólicas, discursivas e relacionais, lembranças, silêncios e esquecimentos. (MORAES in GONDAR, JÔ e DODEBEI, 2005, p. 96-97).

Assim, o objetivo deste estudo não é justificar suas memórias, mas explorar a potência do pensamento que está por traz delas e compreender sua relevância epistemológica no enfrentamento da realidade. Para isso, é importante estarmos atentos a nossa tradução, como nos alerta Viveiros de Castro (2005):

Hoje é certamente um lugar-comum dizer que a tradução cultural é a tarefa distintiva da nossa disciplina. O problema, porém, consiste em saber o que exatamente é, pode ou deve ser uma "tradução", e como tal operação se realiza. É aqui que as coisas se complicam bastante, como mostrou Talal Asad em um notável artigo. Eu adoto a posição radical que é, penso, a mesma de Asad, e resumo dizendo que, em antropologia, a comparação serve à tradução e não o contrário. A antropologia compara para traduzir, e não para explicar, justificar, generalizar, interpretar, contextualizar, revelar o inconsciente, dizer o que va sans dire, todo esse tipo de coisa. E direi também que se traduzir é sempre trair, (...) A boa tradução é aquela que consegue fazer com que os conceitos alheios deformem e subvertam o dispositivo conceitual do tradutor, para que a intenção do dispositivo original possa ali se exprimir. (CASTRO in GONDAR, JÔ e DODEBEI, 2005, p. 146-147).

Moraes aponta um caminho fértil para pensarmos os contornos do conceito de memória social que almejamos. Tal escolha se deve pela compreensão do autor em perceber que a memória exige vínculo, cumplicidade e intervenção intelectual, princípios que considero fundamentais para o desenvolvimento de uma pesquisa com os Mestres Bemvindo. Assim:

A memória social é produzida como intervenção intelectual sistemática: elabora uma estratégia projetiva e responde a demandas específicas das que a ela recorrem. Mais importante, ocorre no presente, transformando-o ou reelaborando-o segundo lógicas e recursos em disputas e processos em desenvolvimento, mesmo quando referidas ao passado. A memória não quer

(ou deve) permanecer ou se constituir como aquisição individual ou isolada. A memória social exige atração, interlocução, mediação, vinculação e cumplicidade. (MORAES, 2005, p.97).

A contribuição de Moraes foi reforçada pelos orientadores deste trabalho quando me encorajaram a aprofundar mais a exposição da cumplicidade desta investigação ao apresentar a escrita desta pesquisa em “primeira pessoa”, aos moldes do livro *Sociedade de Esquina*, do sociólogo Willian Foote White. Essa posição metodológica facilitou o processo de exposição da minha percepção sobre o tema e expôs de forma mais transparente o caráter de intimidade com os Mestres Bemvindo.

Podemos dizer que esta pesquisa teve seu início informal no ano de 2002, na roda do Mestre Marrom⁵, onde se deu o primeiro contato com a capoeira de Mestre Dentinho. Naquela oportunidade conversamos sobre o acontecido em um bar do Clube Copa Leme⁶ e hoje posso dizer que estávamos realizando a primeira, dentre tantas, experiências de vadiagem com o Mestre.

Não posso ignorar o termo vadiagem porque os sete anos de encontros com os irmãos Bemvindo, assim como as imagens registradas por esta pesquisa, foram atravessadas por uma espécie de **metodologia da vadiagem**. Através dessa metodologia que pude compreender melhor as palavras do filósofo Friedrich Nietzsche (2003, p. 23), quando afirmou que em “todos os tempos o homem politizado das tabernas sempre foi mais inteligente, mais justo e prudente do que o estadista que efetivamente governa”.

A “vadiagem”⁷ era compreendida por Mestre Dentinho como um “jogar conversa fora”⁸, um “papear”⁹ sem um objetivo definido, um “caminhar a esmo, sem rumo”¹⁰, “mas onde tudo acontece!”¹¹. No decorrer dessa investigação percebi que ele era um homem em “estado de vadiagem” ou como colocou Rufino na banca de defesa do projeto¹² desta pesquisa, Mestre Dentinho era um homem em “estado de capoeira”.

⁵ Mestre Marrom é baiano e líder do *Grupo Mestre Marrom e Alunos*. Sua Roda ainda se localiza no clube Copa Leme.

⁶ Localizado no Leme, na cidade de Rio de Janeiro.

⁷ Palavra retirada do depoimento de Mestre Dentinho em 2003.

⁸ Trecho retirado do depoimento de Mestre Dentinho em 2003.

⁹ Palavra retirada do depoimento de Mestre Dentinho em 2003.

¹⁰ Trecho retirado do depoimento de Mestre Dentinho em 2003.

¹¹ Trecho retirado do depoimento de Mestre Dentinho em 2003.

¹² Banca de avaliação do projeto de pesquisa desta dissertação, dia 11 de maio de 2021.

Entendo que a metodologia da vadiagem pode ser ilustrada se fizermos uma analogia com a cultura do *flâneur*, sobretudo quando Walter Benjamin analisa a poesia lírica de Baudelaire no contato com seus leitores. Segundo Benjamin (1980, p. 29), o poeta francês fez da sua experiência sua própria metodologia: “Isto poderia ser devido ao fato de que tal experiência transformou-se em sua estrutura.” Compreendo que essa situação também ocorreu com os Mestres Bemvindo, quando estes se propuseram a ser autores de sua própria filosofia.

Arantes (2000) é bastante preciso ao ilustrar a figura do *flâneur*:

O flâneur tem sua origem na Paris do início do século XIX, quando, entre 1800 e 1850, construíram-se cerca de 30 galerias que proporcionavam espaços fechados para caminhar e olhar, gastar tempo e folgar, como vemos no exemplo muito citado do flâneur que mostrou sua indiferença ao ritmo da vida moderna, levando uma tartaruga para passear. Essa tensão entre olhar e vagabundear aponta para uma série de outras tensões. Porque um lado, o flâneur é o preguiçoso ou o desperdiçador: por outro, é o observador ou o detetive, a pessoa suspeita que está sempre olhando, observando e classificando; a pessoa que, como disse Benjamin, "faz pesquisas botânicas no asfalto". (ARANTES, 2000, p. 192).

Os primeiros registros da *flânerie* em Paris remontam o século XIX, período em que a vadiagem no Brasil já ocupava seu espaço na então capital do País. No entanto, vale ressaltar, que esse comportamento não estava associado a uma escolha, mas sim a uma condição econômica, racial e que poderia ser considerada crime:

A primeira codificação penal brasileira, intitulada de “Código Criminal do Império do Brasil”, datada de 1830, não possuía uma referência explícita aos praticantes da capoeira, mas os chefes de polícia os enquadravam no capítulo que tratava dos vadios e mendigos. (BARBIEIRI, 1993, p. 117 *apud* IPHAN, 2007, p. 18).

Ao ver Mestre Dentinho jogar pela primeira vez na roda de Mestre Marrom, vi um homem expressar a alegria, a criatividade e a ânsia de viver de quem precisou de fato proteger a vida com as próprias mãos, pés, e, por que não dizer, os dentes, marca registrada do Mestre.

A palavra estranho pode resumir o impacto do primeiro contato com a capoeira de Mestre Dentinho. Ainda não era possível para mim analisar racionalmente aquela situação, apenas ser afetado por ela. Olhos grandes, penetrantes, corpo negro, de estatura baixa, suado, talhado pelo desenho de sua musculatura, Mestre Dentinho desferia movimentos rápidos e precisos através de seu jogo de cintura, de sua ginga quebrada, assimétrica e desconcertante.

Ao mesmo tempo que seus movimentos se apresentavam como algo ancestral, Mestre Dentinho os aplicava de modo único, inédito. A precisão de seus golpes, o tônus

muscular de seus movimentos, o contorno dos gestos e esquivas expressavam sua singularidade, ao mesmo tempo que também demonstravam um saber coletivo. Seu corpo me revelava um tipo de força primordial oriunda de algum lugar do passado, no entanto, seus movimentos se apresentavam com singularidade e em permanente diálogo com o instante.

Tavares (2012) me auxiliou a começar a entender essa situação quando afirma que o corpo pode ser compreendido como um arquivo coletivo. Sobre tudo o corpo da diáspora africana que é entendido pelo autor como um arquivo de memória comunitária:

O corpo aparece, assim, como o repositório de inúmeras experiências realizadas no cotidiano; como arquivo das informações que ficaram evidenciadas por intermédio dos gestos e dos movimentos corporais. É o corpo um arquivo não verbal e, por intermédio dele, a memória comunitária é recuperada, passando o corpo a falar e a salvaguardar a memória do grupo por intermédio das modulações gestuais, cuja elaboração foi possível. (TAVARES, 2012, p. 83).

Dentre tantas tensões que o vadio e a vadiagem carregam, a maneira como ele lida com o tempo certamente lhe é peculiar. Hoje compreendo que a relação estabelecida com os Mestres Touro e Dentinho não se deu exclusivamente pelo compromisso profissional dessa pesquisa, mesmo que eu sempre tenha prezado por esse caminho, mas entendo que a relação com os Mestres estava mais atrelada a qualidade do tempo que estava em jogo e de quanto significado esse comportava em cada experiência.

Essa percepção pode ser melhor esclarecida através do auxílio dos gregos antigos, quando refletiram sobre suas concepções de tempo. Segundo Kohan, em seu texto *A infância da educação: o conceito de devir-criança*¹³, para Aristóteles, o tempo é designado pela palavra *Chrónos*, que demarcava a sequência permanente de cada situação. Por outro lado, os antigos gregos também designavam o tempo através da palavra *Kairós*, que nos compele à necessidade de estarmos atentos aos “momentos críticos” e “oportunidades” de uma determinada situação. E por fim, a concepção apresentada pela palavra *Aión*, entendida pelos gregos antigos como a “intensidade do tempo da vida humana”, “uma duração”, a “temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva” de uma experiência.

¹³ KOHAN, Walter O.. *A infância da educação: o conceito de devir-criança*. CECIERJ, ISSN 1994-6290. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>. Acesso em: 29/09/16.

Para lidar com as experiências advindas dos Mestres Bemvindo fora necessário estar aberto a essas três concepções de tempo. Cada um a seu modo transitava por elas. Assim, de modo a compreender como lidar com as diferentes concepções de valores e modos de ser apresentados por cada Mestre, foi importante entender a colocação de Gondar e Dodebei (2005, p. 20), quando nos alerta que “as variações quanto às concepções de tempo corresponderão a ideias distintas de memória”.

Por fim, me debrucei sobre o sentido do termo “brecha”¹⁴, tão falado por Mestre Dentinho, e que entendo ser importante para a compreensão de alguns aspectos da trajetória dos Mestres Bemvindo desde a memória da Diáspora Africana até alguns aspectos de suas vidas no presente percebidos pelo viés marginal.

Para isso, compreendi a necessidade de estabelecer uma espécie de genealogia do termo brecha através da contribuição de Michel Foucault (1979), em seu texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, que nos alerta para uma aproximação crítica da proveniência (*Herkunft*) dos vocábulos e das situações que nos aproximamos e estudamos:

A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. Nada que se assemelhasse à evolução de uma espécie, ao destino de um povo. Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios - ou ao contrário as inversões completas - os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos - não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. Eis porque, sem dúvida, toda origem da moral, a partir do momento em que ela não é venerável - e a *Herkunft* nunca é - é crítica. (FOUCAULT, p.21, 1979).

Foucault (1979, p. 20) resgata o entendimento dos termos “Entestehung ou *Herkunft*” que, segundo o autor, marcam melhor o objeto próprio da genealogia, já que tais termos são “ordinariamente traduzidos por ‘origem’”, por outro lado, para o filósofo francês, “é preciso tentar a reconstituição de sua articulação própria.”

Segundo Foucault (1979, p. 20) o termo *Herkunft* é "o tronco de uma raça, é a proveniência; é o antigo pertencimento a um grupo – do sangue, da tradição, da ligação entre aqueles da mesma altura ou da mesma baixeza”. Essa palavra ganha ainda mais coerência em

¹⁴ Fenda ou abertura em algo. 2. Espaço vazio; lacuna. (FERREIRA, 2008, p. 118).

nosso estudo quando o filósofo francês o relaciona ao corpo, sobretudo ao assumir as disputas que esse atravessa:

Enfim, a proveniência diz respeito ao corpo. Ela se inscreve no sistema nervoso, no humor, no aparelho digestivo. Má alimentação, má respiração, corpo débil e vergado daqueles cujos ancestrais cometeram erros; que os pais tomem os efeitos por causas, acreditem na realidade do além, ou coloquem o valor eterno, é o corpo das crianças que sofrerá com isto. A covardia, a hipocrisia, simples rebentos do erro; não no sentido socrático, não porque seja preciso se engajar para ser malvado, nem também porque alguém se desviou da verdade originária, mas porque o corpo traz consigo, em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza, a sanção de todo erro e de toda verdade como ele traz consigo também e inversamente sua origem - proveniência. Por que os homens inventaram a vida contemplativa? Por que eles atribuíram a esse gênero de existência um valor supremo? Por que atribuíram verdade absoluta às imaginações que nela se formam? "Durante as épocas bárbaras... se o vigor do indivíduo diminui, se ele se sente cansado ou doente, melancólico ou saciado e, por consequência, de uma maneira temporária, sem desejos e sem apetites, ele se torna um homem relativamente melhor, quer dizer, menos perigoso e suas idéias pessimistas se formulam apenas por palavras e reflexões. Neste estado de espírito ele se tornará um pensador e anunciador ou então sua imaginação desenvolverá suas superstições". O corpo - e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo - é o lugar da Herfunft: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (FOULCAULT, p.22, 1979).

Foucault (1979, p.22) nos esclarece que a genealogia “como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história.” Segundo o autor francês a genealogia “deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.”

Compreendo que caminhamos a passos certos quando compreendemos que o pertencimento, além de articular o corpo com a história, a faz transparecer suas descontinuidades, entendidas por esse estudo como as frestas e brechas que nos atravessam:

A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam. (FOULCAULT, p.35, 1979).

Nesse sentido, Foucault (1979, p. 24) faz uma advertência extremamente importante em relação ao pertencimento, sobretudo em um estudo que discute as brechas da realidade. Para o autor, ninguém pode ser responsabilizado pelo insurgir do pertencimento. A emergência de uma proveniência se apresenta nos interstícios, nos vazios entre as disputas de forças. No nosso caso, entendo que a proveniência insurge através das brechas:

A emergência é portanto a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude. O que Nietzsche chama *Entstehungsherd* do conceito de bom não é exatamente nem a energia dos fortes nem a reação dos fracos; mas sim esta cena onde eles se distribuem uns frente aos outros, uns acima dos outros; é o espaço que os divide e se abre entre eles, o vazio através do qual eles trocam suas ameaças e suas palavras. Enquanto a proveniência designa a qualidade de um instinto, seu grau ou seu desfalecimento, e a marca que ele deixa em um corpo, a emergência designa um lugar de afrontamento; é preciso ainda se impedir de imaginá-la como um campo fechado onde se desencadearia, uma luta, um plano onde os adversários estariam em igualdade; é de preferência - o exemplo dos bons e dos malvados o prova - um “não-lugar”, uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço. Ninguém é portanto responsável por uma emergência; ninguém pode se auto-glorificar por ela; ela sempre se produz no interstício.

Foucault (1979, p. 21) também nos alerta sobre a fragilidade da proveniência genealógica, pois a “herança não é uma aquisição, um bem que se acumula e se solidifica: é antes um conjunto de falhas, de fissuras, de camadas heterogêneas que a tornam instável, e, do interior ou de baixo, ameaçam o frágil herdeiro”.

Foucault (1979) reforça a importância de expormos os jogos que atravessam a *Herkunft*, suas disputas e como a proveniência tenta escapar das constantes tentativas de silenciamento e a partir de seu enfraquecimento fazer seu vigor emergir:

A emergência se produz sempre em um determinado estado das forças. A análise da *Herkunft* deve mostrar seu jogo, a maneira como elas lutam umas contra as outras, ou seu combate frente a circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem - se dividindo - para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento. (FOUCAULT, p. 23, 1979).

Através dos Mestres Bemvindo foi possível realizar a interação com lideranças da Vila Cruzeiro, mesmo em um período particularmente sensível para a comunidade, já que as gravações no território ocorreram entre o assassinato do jornalista da Rede Globo Tim Lopes¹⁵, em 2002, e a intervenção do Exército brasileiro, em 2010.

Constatei a necessidade de estar atento ao contexto histórico e social do território que os Mestres Bemvindo viviam para refletir sobre as minhas possibilidades de contribuição, pois entendo como Guatarri (1992, p.1) que “a ecologia científica aplicada ao meio ambiente permanecerá impotente, se não acarretar novos comportamentos sociais e políticos e estes, por

¹⁵ O jornalista da Rede Globo Tim Lopes foi morto com um golpe de espada do tipo samurai, desferido pelo líder do tráfico do Complexo do Alemão Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco, depois de ser capturado e torturado por traficantes da favela Vila Cruzeiro, na zona norte do Rio. (<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,reporter-foi-capturado-torturado-e-morto-por-traficantes,20020609p17850>. Acesso em: 21/08/2015).

sua vez, vegetarão no imobilismo e no conservadorismo, sem uma profunda transformação das mentalidades.”

Entendo que Moraes (2005, p. 96-97) concorda com Guatarri quando destaca que “a memória é um esforço organizado de intervenção na própria conjuntura, implicando intencionalidade sobre o modo de constituição simbólica, relacional e discursiva de realidades”.

Para Moraes (2005, p. 96-97) a intervenção da memória pode ser feita por meio do “Estado, de movimentos sociais, de saberes, institucionais ou não, e de interesses socioeconômicos”. Assim, compreendo que uma interferência no território da Vila Cruzeiro poderia surtir um efeito mais profundo se as referências de memória fossem da própria comunidade, como no caso dos irmãos Bemvindo.

Quanto a intencionalidade, tão importante em uma investigação a respeito da memória, percebo que ela está bem exposta no entendimento de transmissão cultural apresentado pelo autor Walter Benjamin (1987). Para o autor, é fundamental levar em consideração a perspectiva dos que foram dominados e deixados à sombra da história.

Como nos apresenta Rufino (2016, p. 62), fui “Inspirado pelas sabedorias táticas” e pelas “ações de fresta praticadas pelos interlocutores desta pesquisa”, de maneira que “me cabe invocar outros termos para narrar a versão marginal.” Nesse sentido, o entendimento de “escovar a história a contrapelo” de Walter Benjamin (1987) trouxe uma perspectiva coerente a este estudo:

Fustel de Coulanges recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre fases posteriores da história. Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico. Esse método é o da empatia. Sua origem é a inércia do coração, a *acedia*, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz. Para os teólogos medievais, a *acedia* era o primeiro fundamento da tristeza. Flaubert, que a conhecia, escreveu: "Peu de gens devineront combien il a fallu être triste por ressusciter Carthage". A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, com a corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse

também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialismo histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Compreendi com Whyte (2005, p. 20), que “participar das atividades” do grupo que pesquisamos faz com que esse se revele de forma diferente do tipo de olhar apresentado pelos meios de comunicação tradicional que “concentra-se na crise – no evento espetacular.” “Numa “crise, o “peixe graúdo” torna-se propriedade pública. É destacado da sociedade na qual atua e julgado segundo padrões diferentes daqueles de seu próprio grupo.”

A exemplo do período da Morte do jornalista Tim Lopes no dia 02/07/2002¹⁶ e a prisão de Elias Maluco¹⁷, seu principal algoz, no dia 19/09/2002¹⁸. Durante esse período o território da comunidade Vila Cruzeiro e seus moradores se viram a mercê de uma cobrança midiática nacional, como podemos perceber no editorial do Jornal Nacional das emissoras da Rede Globo, no dia da prisão de Elias Maluco:

Naquele dia, Bonner leu outro editorial dizendo que exigir a prisão dos assassinos de Tim, com a persistência com que todo o Brasil exigiu, não era reivindicar um privilégio. Todo assassinato tem que ser punido. Mas a persistência foi também o reconhecimento de que quando se mata um jornalista o que se pretende é calar toda a sociedade.¹⁹

A definição pela realização de imagens em vídeo digital no ano de 2003 levou esse contexto em consideração. Assumir o tensionamento apresentado pelo senso comum, exposto pela mídia, e a observação local, apresentada através da legitimidade dos Mestres Bemvindo, foi um fator determinante para o estabelecimento dos caminhos dessa investigação.

A “observação participante”, da área de “Antropologia Urbana da Escola de Chicago”²⁰, se mostrou um caminho fértil para compreendermos o convívio com os Mestres

¹⁶ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lopes/>. Acesso em: 11/08/2021.

¹⁷ <https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/tim-lopes-torturado-assassinado-por-trafficantes-na-vila-cruzeiro-8903694>. Acesso em: 11/08/2021.

¹⁸ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lopes/a-prisao-de-elias-maluco/>. Acesso em: 11/08/2021.

¹⁹ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lopes/a-prisao-de-elias-maluco/>. Acesso em: 11/08/2021.

²⁰ A Universidade de Chicago surgiu em 1892 e em 1910 o seu departamento de sociologia e antropologia tornou-se o principal centro de estudos e de pesquisas sociológicas dos EUA. Em 1930, o termo Escola de Chicago foi utilizado pela primeira vez por Luther Bernard, em "Schools of sociology". Por este termo, designa-se um conjunto de pesquisas realizadas, a partir da perspectiva interacionista, particularmente depois de 1915 na cidade de Chicago. Um de seus traços marcantes é a orientação multidisciplinar,

através do vídeo. Segundo a descrição do autor White, no livro “Sociedade de Esquina”, a observação participante é:

uma posição ético-científica voltada para a melhor e mais rica compreensão dos fenômenos sociais, tendo como base o respeito aos indivíduos e grupos investigados. Representa a rejeição de abordagens e julgamentos, muitas vezes com roupagens científicas, que sustentavam – e, diga-se de passagem, até hoje frequentemente sustentam – políticas públicas arbitrárias e mesmos truculentas. (WHITE, 2005, p. 11).

Uma outra referência que colaborou para nossa compreensão do registro da imagem foi a de González y Rodríguez (2013). Segundo esses autores a imagem pode ser realizada de forma contemplativa e espontânea, assim como de forma ativa e provocadora. Para esses autores, a câmera é uma ferramenta que nos auxilia no registro das experiências, mas também pode provocá-las, motivá-las, mesmo que não tenhamos definido seu objetivo final, como na solicitação de um depoimento, uma cantiga ou um movimento de capoeira.

Escolhi o vídeo para perpetuar um encontro, registrar uma respiração, uma emoção, um diálogo, uma música, uma relação. Assim, como destaca Pollak (1989, p. 11), sobre a imagem documental, o “filme-testemunho e documentário tornou-se um instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva”. Nesse sentido, essa experiência me possibilitou a relação com lugares, pessoas, tempos e contradições, pois a produção das imagens se tornou a principal mediação para a construção de ideias e o registro de emoções. Sobre essa questão Pollak (1989) compreende:

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e portanto no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções. (POLLAK, 1989, p.11).

De acordo com Queiroz (1988, p.20), era fundamental que no decorrer deste processo o registro de imagens respeitasse a rotina de vida dos pesquisados. Nesse sentido, era necessário que os irmãos Bemvindo estivessem dispostos a compartilhar suas “histórias de vida” de forma espontânea e que cada Mestre se sentisse à vontade para revelar suas experiências diante da câmera, a grande mediadora deste trabalho. Pois foi a câmera que nos proporcionou “un ejercicio de toma de conciencia y como un posible agente de mediación, donde se puede interceder sobre uno, dos o varios planteamientos o hechos para luego llegar

envolvendo, principalmente, a sociologia, a antropologia, a ciência política, a psicologia e a filosofia. (GOLDENBERG, 2004, p. 25).

a conclusiones.” (De la Torre, 2005; Prats, 2007; Amar, 2009 *apud* GONZÁLEZ y RODRÍGUEZ, 2013, p.19).

A presença da câmera me revelou caminhos, abriu portas e deu o suporte necessário para a construção de uma relação, como uma espécie de justificativa para se compartilhar uma cumplicidade com os irmãos Bemvindo e, como nos coloca González y Rodríguez (2013, p. 23), viver uma experiência “lúdico formativa”. Logo, o registro audiovisual se tornou uma ferramenta lúdica para a interação social com os Mestres e sua comunidade. Interação essa preconizada pela Escola de Chicago:

Já desde o final do século XIX, o interacionismo simbólico exercia uma profunda influência sobre a sociologia de Chicago, através da presença de George Herbert Mead e do filósofo americano John Dewey. Dewey, que lecionou em Chicago de 1894 até 1904, trouxe para o interacionismo o pragmatismo, uma filosofia de intervenção social que postula que o pesquisador deve estar envolvido com a vida de sua cidade e se interessar por sua transformação social. (GOLDENBERG, 2004, p. 26).

Sabemos que uma cumplicidade não é construída de imediato, de forma instantânea, sobretudo quando mediada por uma câmera. A mediação foi construída de forma experimental, assim como nos coloca González y Rodríguez (2013, p.11), que defende que “la intención ha de ser la de disfrutar haciendo”, ou seja, assumi a cumplicidade como caminhar, uma atitude de confiança e experimentação em direção ao que eu desejava aprender com o território da Vila Cruzeiro e com os Mestres Bemvindo.

Apesar de Mestre Dentinho ser o estopim desta pesquisa em 2002, retomamos nossa conversa sobre um possível estudo sobre sua vida somente no ano seguinte. A partir de 2003 foram cerca de 3 a 4 encontros marcados sem o seu comparecimento. Nos encontrávamos nas rodas de capoeira, bares e esquinas da Penha, sempre com entusiasmo e alegria, mas sem sua confirmação definitiva.

Por outro lado, Mestre Touro não somente autorizou sua participação desde o primeiro contato em abril de 2003, como compareceu a todos os compromissos marcados pela pesquisa nos anos seguintes e ainda apresentou outros, como a participação de sua homenagem como cidadão da cidade do Rio de Janeiro, proposto pelo vereador Edson Santos, além das rodas de capoeira que frequentava na cidade.

Finalmente, depois de cerca de sete meses exercitando assiduamente a “metodologia da vadiagem”, em que nos encontrávamos ao menos uma vez por semana, em outubro de 2003, na Festa de Nossa Senhora da Penha, Mestre Dentinho nos agraciou com

seu consentimento oficial, estávamos acordados. Neste momento, cada Mestre assinou um termo de consentimento de utilização de suas imagens e depoimentos para esta pesquisa.

Assim, entre os anos de 2003 e 2010 foram gravadas cerca de 70 horas em vídeo digital, incluindo os depoimentos dos Mestres Touro e Dentinho. Foram sete anos de registros que contribuíram para a diluição de estereótipos e preconceitos frente à realidade pesquisada, como preconiza Whyte (2005):

Neste sentido, viver e conviver com os universos pesquisados, participando de suas dificuldades e dramas, por períodos de tempo mais extensos, representava, de saída, um esforço para não ficar preso ao senso comum, estereótipos e preconceitos, estudando situações em que matizes, ambiguidades e contradições são características inescapáveis. (WHYTE, 2005, p. 13).

Essas imagens foram decupadas, isto é, catalogadas e identificadas, entretanto, após o contato com as aulas, orientações e referências bibliográficas nos dois primeiros períodos do Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS) da UNIRIO, elas ganharam um outro olhar.

Escolhemos as 70h de material audiovisual como principal objeto de estudo desta pesquisa, onde estão incluídas as imagens dos jogos de capoeira dos Mestres Bemvindo, seus depoimentos e os territórios da comunidade da Vila Cruzeiro e da Tapera, cidade natal dos Mestres Touro e Dentinho.

CAPÍTULO 2 – CORPO DIASPÓRICO: Um projeto comunitário.

A estrela soli.... não é solitária, é destacada, né?! Ela é destacada como se fosse a Estrela Dalva, né?! A que mais brilha no céu. Por isso que eu torço para esse time, mesmo não jogando futebol sou torcedor do Botafogo, pela estrela que brilha. Brilha mais que outros times que tem 4 estrelas, 2 estrelas e não brilharam tanto quanto ao Botafogo. E é o time que eu tenho de coração porque foi lá que fui aceito pela primeira vez como atleta, como corredor. Então, tenho o Botafogo por dentro. E a estrela por dentro sempre procurando brilhar, como brilha o meu Botafogo.²¹

Como mencionado no Capítulo 1 - Percursos, Percalços e Brechas, o primeiro contato com Mestre Dentinho se deu no Clube Copa Leme. Era uma noite de sexta-feira e lentamente os capoeiristas chegavam para a roda de Mestre Marrom que estava concentrado na afinação dos instrumentos, um hábito que tem apreço especial.

Mestre Dentinho chegou com uma atitude curvada, vestindo uma camisa fina de botão, daquelas que usam as pessoas mais simples da “roça”, chapéu branco, calça clara de vinco e um sapato marrom bem lustrado. Diriam os mais antigos: “mais humilde que a própria humildade”.

Mestre Marrom foi logo recebê-lo com um aperto de mão e reverência. Sua barba branca até o peito indicava que se tratava de um Mestre antigo. Nesse momento um pensamento me fora inevitável, veríamos mais um jogo lento, encurtado, mas que é sempre bom de se ver pela malícia. Mestre Marrom apontou a direção do vestiário.

O Mestre voltou. Não era o mesmo. Agora de calça branca, esguio, trazia em sua cabeça um pano branco amarrado com uma fita preta, cores “em homenagem ao Botafogo”, seu time de coração. O pano branco na cabeça era uma fraude com a primeira “mijada”²² de criança, para dar proteção. Mestre Dentinho era devoto de “São Cosme e São Damião”²³, Santos protetores das crianças.

Como forma de ilustrar esse primeiro contato com a capoeira de Mestre Dentinho, comparo-o com o momento descrito pelo filósofo e educador argentino Walter Kohan em seu livro “O mestre inventor”, ao apresentar a experiência do também filósofo e educador venezuelano Simón Rodríguez, quando se deparou com um inesperado instante (*kairós*), que o deslocou de seu estado habitual:

²¹ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

²² Depoimento de Mestre Dentinho para o Documentário Bemvindo, em 2003.

²³ Depoimento do próprio Mestre.

Há pequenos episódios que podem mudar a vida de uma pessoa e, por meio dela, a vida de muitas outras. Podem ser situações aparentemente banais, coloquiais e sem maior transcendência que, em qualquer outro momento, passariam despercebidos, mas que, em determinadas circunstâncias da vida de uma pessoa, nesse momento *kairós* em que se apresentam, ocasionam um terremoto, fazem com que tudo mude de lugar, de posição, de estado. (KOHAN, 2013, p.29).

Ao tomar aulas de inglês em uma escola jamaicana, Simón Rodríguez gostava de se juntar as crianças na saída. Brincavam de jogar os chapéus para o alto ou tentar acertá-los no vaso de uma varanda que ficava no segundo andar de uma casa próxima. Sempre eram surpreendidos e forçados a dispersar a brincadeira. Segundo Kohan (2013, p.30), a “graça do jogo” parecia em estar “em jogar, não em alcançar determinado resultado.”

Certo dia, Rodríguez resolveu jogar seu chapéu e o acertou no vaso, de primeira, para a surpresa e a alegria das crianças. Mas e agora? Como pegar o chapéu de volta? Kohan (2013, p. 33) descreve que depois de alguns minutos de algazarra, a solução veio de um garoto chamado Thomas, um menino “negro”, o “menor” de todos, o “estranho”, o “estrangeiro”.

O menino Thomas surgiu de repente e sugeriu que eles formassem uma escada nos ombros de Rodríguez e subissem até o segundo andar para pegar o chapéu. Kohan (2013, p. 32) destaca que Thomas não estava na brincadeira, ele observava de longe, pois não pertencia a escola, no entanto, acompanhava Rodríguez com “brilho nos olhos”. Thomas será o responsável por deslocar Simón Rodríguez de seu eixo habitual e colocá-lo em um estado reflexivo.

Dois questionamentos marcaram o educador venezuelano nessa tarde: por que um menino como Thomas está fora da escola? Como a escola não ensina a pensar como Thomas? O filósofo o convidou a ser o primeiro a subir em seus ombros e depois de alguns solavancos, arranhões e gritarias o grupo conseguiu o seu objetivo. Nessa tarde, os olhos brilhantes de Thomas encontraram reciprocidade no olhar de Rodríguez.

Mestre Dentinho jogou por mais de uma hora naquela noite e poderia ter jogado mais. Todos que entraram na roda aprenderam uma lição. A aclamação do público podia ser percebida pela alegria, palmas e pelo espanto dos participantes. Estávamos diante de algo novo? Uma descoberta?

Lissofsky (2005, p. 134) nos coloca, a partir de sua análise de Walter Benjamin sobre Baudelaire, que nossas interpretações jamais podem almejar serem descobertas, mas “devem se assemelhar a reencontros: pensamentos <achados>, retirados de um baú de guardados, onde talvez sempre tenham estado à nossa espera”.

Assumir que a minha memória também estará em jogo nesta narrativa e que esse momento com Mestre Dentinho tem um caráter de “reencontro” e recuperação com os “achados” de que sou fruto traz uma perspectiva de renovação pessoal e profissional a este estudo. Seja consciente ou inconsciente, como nos coloca Pollak (1992, p. 203), “a memória individual grava, recalca, exclui, relembra”. Essa através de uma “seleção” ou edição, “é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.”

Uma organização genealógica, pois, como nos coloca Foucault (1979, p.30), a pesquisa genealógica “não teme ser um saber perspectivo”. Ao invés disso, Foucault (1979, p.28) nos estimula a pensar que “‘a história efetiva’ faz surgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo”.

Não temos a pretensão de que essa perspectiva seja assumida como um olhar universal sobre o tema da capoeira ou mesmo sobre a vida dos Mestres Bemvindo. No entanto, é importante para este estudo declarar que esta perspectiva nasce dos fenômenos materiais e a respeito de duas vidas concretas. Assim, a partir de Nietzsche, Foucault (1979) nos coloca:

O sentido histórico, tal como Nietzsche o entende, sabe que é perspectivo, e não recusa o sistema de sua própria injustiça. Ele olha de um determinado ângulo, com o propósito deliberado de apreciar, de dizer sim ou não, de seguir todos os traços do veneno, de encontrar o melhor antídoto. (FOUCAULT, 1979, p.30).

Compreendo que as experiências de Thomas e Mestre Dentinho se assemelham pela capacidade de deslocar a linearidade dos modos de ser de dois professores de filosofia, reintroduzindo-os em seus descontínuos, em suas brechas, ao evidenciar seus vazios e a possibilidade de inovação que esses carregam.

Entendo que essa situação pode ser melhor esclarecida a partir da explicação de Foucault (1979) a respeito da história “efetiva” ou genealógica, quando o autor francês afirma que ao invés de nos levar a compreender, o saber serve para cortar:

A história será "efetiva" na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranqüilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim

milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar. (FOUCAULT, 1979, p.28).

É importante frisar que a singularidade corporal apresentada por Mestre Dentinho não é desconectada de sua matriz cultural. Nesse caso, estou me referindo a diáspora africana, caracterizada pelo transladar de mulheres, crianças e homens do continente africano para outros continentes na condição de escravizados. Rufino (2018) nos auxilia a compreendermos melhor sua dialética:

Enquanto o colonialismo europeu-ocidental se inscreve como cisão da realidade e de produção de dicotomias, o devir que opera em seus vazios enlaça diferenças, reconfigura pertencas e negocia as formas de jogo. A diáspora africana é curso contínuo, transe, que perspectiva a negociação não como uma forma complacente com a violência ou apaziguadora dos conflitos. A mesma opera nas frestas, dribles, rolês, gírias, pulos de deslocamento e enigmas de potencialização da vida. (RUFINO, L., PEÇANHA, C., OLIVEIRA, E., 2018, p. 75).

A diáspora africana é um pano de fundo de violência extrema na história brasileira, mas fundamental para percebermos nossa memória, sobretudo ao compreendermos o papel do corpo como uma base crucial na construção da identidade afro-brasileira, como Tavares (2012) nos auxilia a compreender:

A Identidade dos afrodescendentes, na Diáspora, tem-se dado por intermédio do discurso proferido pelo uso do corpo. É pela capacidade de perceber, captar, processar, recalcar, dizer, sentir, traduzir e enunciar mensagens pela via do corpo que, desde quando os africanos aqui chegaram, tem permitido a construção desta experiência de mundo que chamamos, hoje, de Diáspora africana. (TAVARES, 2012, p. 62-63).

Diante das condições apresentadas pela diáspora negra, a exemplo da supressão absoluta da liberdade apresentada no período da escravidão brasileira, coube aos corpos diaspóricos estabelecerem as condições possíveis para o enfrentamento dessa adversidade extrema.

Como destaca Rufino (2016, p. 62), foi através do “cotidiano vivido na banda ocidental do Atlântico” que os “corpos, praticantes de sabedorias de fresta” reconstruíram-se e transgrediram os “efeitos de desencanto.” Nesse sentido, a partir de Tavares (2012), podemos perceber a situação que se encontrava o corpo diaspórico:

mesmo que destituídos de instrumentos eficientes, do ponto de vista militar, para resistir aos colonizadores, agentes da “civilização” (JAULIN, 1970, p.14), foram manipulados instrumentos extremamente sutis aos olhos do dominador, com a finalidade de se preservarem seus corpos e suas cosmovisões. Este fenômeno revelou-se como um traço comum nas diferentes civilizações submetidas, seja no Novo Mundo, na África ou na Ásia, cuja finalidade,

consciente ou inconsciente, era burlar a eficiência do controle da civilização ocidental, configurada desde a expansão da produção mercantil. (TAVARES, 2012, p. 77).

No momento em que vi Mestre Dentinho pela primeira vez percebi que ele não representava apenas uma pessoa jogando capoeira, era possível enxergar a trajetória de seu corpo, algo que se apreende no convívio, travando movimentos e se relacionando com pessoas, lugares e culturas em que era necessário se estabelecer um tipo de atitude de sobrevivência. Sobre essa situação Tavares (2012) nos esclarece que:

até hoje, a luta dos negros foi impulsionada pela defesa de seu corpo, pois por ele passam a discriminação (estigma corporal), a própria caracterização de seu corpo como trabalho a ser utilizado (sobrevivência da noção de trabalho encarnado), o arquivamento das informações processadas no cotidiano (memória corporal) e as possibilidades de constituição de um instrumento de defesa (resistência). (TAVARES, 2012, p. 141).

Compreendo que a expressão dos gestos de Mestre Dentinho, seu olhar e seus movimentos eram de uma pessoa que não podia blefar em serviço. Era necessário comunicar com precisão os contornos de suas experiências, intenções e escolhas que deram base para sua condição corporal periférica, reforçada pela dificuldade de se conseguir um trabalho:

E a maior parte dos capoeiristas não tinha como ter emprego. Primeiro, quando a gente ia arrumar um emprego, se era capoeirista era difícil ficar. Até entrava, quando descobria que era capoeirista eles arrumavam uma forma de te dispensar, dizia que tu não tinha passado na experiência. (...) É por isso que eu fui um dos primeiros a pagar imposto sobre capoeira. Foi difícil também, que no Estado da Guanabara não aceitaram, não queriam. Falei que era Mestre de Capoeira... mas como tu é Mestre? Assim, oh, aí comecei a dar um monte de pontapé na parede lá... esse cara é doido, vamos botar ele como doido... não... vem cá... doido não... aí botaram como Instrutor de Capoeira. O primeiro a ser oficializado pagando imposto sobre capoeira. E quase que eu fiquei pagando como doido, né?

Para Tavares (2012, p. 91), foi dada ao corpo a responsabilidade de “assegurar, por intermédio da vida no dia a dia, a herança do que foi perdido”. O corpo ganha a “função de arquivo e, junto à tradição oral, constitui um manancial que inscreve as heranças da população afro-brasileira.” Assim, segundo nos coloca Tavares (2012):

Entende-se o corpo como sendo um campo magnético de unificação de forças, para onde convergem toda a ação cotidiana e toda a percepção cósmica. Isto lhe dá a característica de um sítio arqueológico que detém, arquivado nos seus gestos e hábitos, as informações de situações dramáticas e dramatizadas, através da força de sua ação gestual. (TAVARES, 2012, p. 81).

Através de seus gestos e movimentos Mestre Dentinho era capaz de nos remeter a outros tempos e lugares. Nesse sentido, entendo que Tavares (2012) nos auxilia a compreender essa dinâmica:

Significa considerar o corpo como síntese/texto que emite, em linguagem não verbal, as mensagens arquivadas a partir das experiências que se cotidianizaram e que, por intermédio dos cines da memória corpórea, se fixaram na situação na qual aquele determinado movimento foi registrado. Isto é, o corpo brinda-nos pelo gesto expresso em linguagem não verbal com aquele movimento que foi criado e elaborado na produção de sua experiência. (TAVARES, 2012, p. 51).

Assim, a partir de Tavares (2012, p. 51), podemos compreender que a inexistência de documentos escritos não estabelece um limite para investigação no campo da memória social. E que a partir do corpo podemos enxergar uma memória coletiva que se conserva, se restitui e se expressa através dos gestos e movimentos:

Assim entendida, a memória social mostra que a existência ou a inexistência de documentos escritos jamais será justificativa plausível para explicar o desconhecimento de uma infinidade de situações desconectadas no tempo e no espaço histórico por causa da impossibilidade de análise de um material empírico suficientemente consistente. Entenda-se, portanto, aqui, a memória coletiva pelos gestos e movimentos corporais. (BASTIDE, 1980, p. 57 e LOMAX, 1969; 1972; 1975, *apud* TAVARES, 2012, p. 62).

Apesar de compreendermos que a Diáspora negra tem um papel fundamental na construção da identidade dos irmãos Bemvindo, nem sempre é simples identificarmos e reconstituirmos esses fragmentos, como nos alerta Stuart Hall a partir de seu relato sobre a diáspora africana no Caribe:

Os enormes esforços empreendidos, através dos anos, não apenas por estudiosos da academia, mas pelos próprios praticantes da cultura, de juntar ao presente essas "rotas" fragmentárias, frequentemente ilegais, e reconstruir suas genealogias não ditas, constituem a preparação do terreno histórico de que precisamos para conferir sentido à matriz interpretativa e às autoimagens de nossa cultura, para tornar o invisível visível. (HALL, 2013, p.46).

Uma característica marcante que diferencia o corpo diaspórico pode ser encontrada a partir de sua comparação com a matriz corporal europeia. Segundo Tavares (2012), a matriz corporal europeia se estabelece a partir de uma consciência corporal individualizada de difícil identificação histórica. Como nos coloca Tavares (2012):

Se tomarmos as atividades lúdicas desenvolvidas na África – tais como as danças de irrigação, as danças de fertilidade, as danças religiosas, as danças de iniciação –, veremos que nelas, as linguagens gestuais apontam para um determinado saber do mundo inscrito no corpo como resultado de um certo momento da vida cotidiana do grupo. Neste sentido, o corpo, naquelas comunidades, cumpre um papel imediato: realiza a ação direta da produção da

presença. No Ocidente, tal ligação visível, imediata, cotidiana e totalizadora com o corpo ficou perdida da sua história a partir de um dado momento. (Grifo original. TAVARES, 2012, p. 81).

Já o corpo de herança diaspórica, cuja a identidade e pertinência se dá através do grupo, suas singularidades se dão como um reflexo da comunidade, não como uma fração isolada, mas como uma unidade que comporta os elementos do seu todo, como nos coloca Tavares (2012):

O corpo, assim, torna-se tradutor das racionalizações de experiências cósmicas (no plano das tradições religiosas e dos múltiplos estados de consciência correspondentes àquela cultura) e cotidianas (no plano das vivências estabelecidas no agir do corpo no aqui-agora do mundo colonial), que derivam em ação; transita na história dessas identidades africanizadas na Diáspora. (TAVARES, 2012, p. 63).

Assim como compreendemos que no jogo da capoeira a brecha se apresenta como uma abertura de possibilidades, entendemos que esse tipo de dinâmica também atravessa o corpo quando esse oferece um diálogo entre a memória coletiva e a singularidade do indivíduo. Tavares percebe essa dinâmica diaspórica como um “dispositivo de poder”:

A herança que os negros da Diáspora acumulam refere-se exatamente a esse tipo de procedimento, em que o corpo passa a ser entendido como um dispositivo de poder, de identidade e de pertinência a um ou a outro grupo. A identidade é fornecida pela inserção e, conseqüentemente, pela sua pertinência em uma dada comunidade por onde se espelhem as singularidades e não conforme ocorre nas sociedades europeias, em que a consciência corporal se dá de maneira individual e, portanto, fragmentada. (TAVARES, 2012, p. 84).

Apesar da distância entre a Jamaica e o Brasil, tanto o menino Thomas quanto Mestre Dentinho não são frações desconectadas, seus corpos representam uma cultura que dentre tantas características não exclui o corpo para solucionar os desafios do pensamento, como nos coloca Rufino (2018), quando descreve aspectos do corpo diaspórico através da capoeira:

Sentir, fazer e pensar, sem hierarquia e linearização, o jogo de corpo se resume em ações táticas. Penso fazendo e faço pensando. Para os capoeiras o corpo é também a instância daquilo nomeado como mente e espírito, assim não se assume dicotomias, se reivindicamos um modo de racionalidade essa é corpórea, pois o corpo é a esfera do ser/saber e de toda sua imanência. (RUFINO, L., PEÇANHA, C., OLIVEIRA, E., 2018, p. 81).

Através de seus corpos o menino Thomas e Mestre Dentinho inventavam onde outros não podiam enxergar. Assim, o menino negro, representado nas palavras Walter Kohan (2013, p. 33-34) como o “estranho-estrangeiro”, o “irreverente”, o que está

“fora”, o “menor”, a “criança”, “negra”, assim como Mestre Dentinho, eram capazes de romper, espantar, capturar e ao mesmo tempo transmitir seu *êthos* corporal a outras pessoas, como nos coloca Kohan, ao se referir a Thomas:

Thomas permite um movimento incomum e extraordinário na vida de Simón Rodríguez. A partir desse dia, nada será como antes, alguns dos princípios que o acompanharão pelo resto de sua vida já tomaram corpo, saíram de um corpo e entraram em outro e, nele, seguirão viajando para sensibilizar outros corpos e, através deles, fazer o corpo da América. (KOHAN, 2013, p.35).

Assim como entendemos que memória coletiva é reconstruída no corpo, devemos estar atentos que o aprendizado desses gestos e movimentos não são isolados da expressão de hábitos e costumes da cultura a qual pertencemos. Nesse sentido, o corpo não é neutro e expressa princípios e valores que compõem os alicerces de seu *êthos*, ou seja, de seu modo de ser, como nos coloca Foucault (2006) a respeito dos gregos antigos:

Os gregos problematizavam efetivamente sua liberdade e a liberdade do indivíduo, como um problema ético. Mas ético no sentido de que os gregos poderiam entendê-lo: o *êthos* era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. Era um modo de ser do sujeito e um certa maneira de fazer, visível para os outros. O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos etc. Esta é para eles a forma concreta da liberdade; assim eles problematizavam sua liberdade. (FOUCAULT, 2006, p. 264).

Para Vaz (1993, p.11), o ser humano é constituído por “valores” e “princípios” que fornecem o contorno de seu modo de ser ou *êthos*. Pela etimologia da palavra, a ética se constitui a partir do entendimento de construção da “morada” existencial do ser humano. Como destaca Mestre Dentinho através do seu corpo, ao compreendê-lo como uma morada própria e não como uma morada universal ou “especial”:

E o organismo não... o organismo não... rejeita nada, mas também eu sei o que eu ponho dentro dele. Porque nem tudo eu posso jogar dentro dele, porque eu sei que ele merece um cuidado. Não especial. É um cuidado próprio. E esse cuidado eu procuro manter. Procuro manter.²⁴

Para Boff (1997) a ética é um espaço criado pelo ser humano para refletir sobre suas atitudes e comportamentos. É um lugar onde tornamos o nosso ambiente habitável, fértil para construirmos uma morada própria. Dessa maneira podemos lançar mão de princípios e valores que poderão se tornar regras ou leis.

²⁴ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

Desse modo, como nos coloca Boff (1997), a ética busca a universalidade, o bem e a razão. A racionalidade da ética aponta para um permanente refletir sobre nossas atitudes ou, como prefere Foucault (2006, p. 261), a “liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade.” Dessa forma, a nossa morada existencial está em permanente construção, assim como as regras e as leis que nos norteiam.

Originalmente a palavra “*ethos*” vem do grego e tem duplo significado. O primeiro diz respeito aos “hábitos” e “costumes” de uma determinada cultura e em grego se escreve com a letra inicial “*épsilon*” (ϵ). Sua pronúncia em português se aproxima do acento agudo, “*éthos*”. O segundo significa “modo de ser” ou “morada” e em grego se escreve com a letra “*eta*” (η) inicial e sua pronúncia em português se aproxima do acento circunflexo, “*êthos*”. Para fins de distinção do significado utilizaremos a grafia dessa palavra a partir de sua pronúncia em português.

Assim, ao mesmo tempo que o corpo reconstrói uma percepção do passado (memória), ele também expressa uma visão de mundo, um modo de ser (*êthos*). Segundo Tavares (2008, p.61), por “intermédio do corpo, desenvolvemos e aperfeiçoamos a comunicação com as outras pessoas”, assim como podemos criar “símbolos que nos permitam significar expressivamente a realidade. Confirma esse fato a própria maneira dos corpos se adornarem, tendo em mente a possibilidade de reafirmar determinados valores.” Apesar de Foucault (1979) concordar com esse entendimento, destaca que o corpo cria resistências:

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos - alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências". (FOUCAULT, p.27, 1979).

Se considerarmos que os valores são a matéria prima de um modo de ser, podemos afirmar que a estética do corpo é uma de suas expressões. Nesse sentido, Tavares (2012, p. 121) destaca os diversos adornos corporais dos capoeiristas da cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, dentre eles, o “brinco na orelha, sinal de valentia ou, por que não, a marca guerreira, herança africana.”

Mestre Dentinho usava um brinco de pressão na orelha esquerda, pois caso fosse puxado não lhe causaria ferimento. O brinco o remetia a hierarquia dos piratas. Ele que se considerava um “andarilho” ou “bandoleiro”. Relatava que o brinco era bom para

arrumar confusão, pois não era comum um homem usá-lo na década de 1970, e sempre que ouvia uma “besteirinha”, optava pela confusão:

Dentro do Rio de Janeiro eu fui o primeiro homem a usar brinco. Ainda era meio molecote ainda... e era proibido! Era proibido! A Invernada (de Olaria, delegacia de polícia da época, conhecida por sua violência) não podia ver. Tinha um homem chamado Delegado Ederaldo Padilha, que era doido para me prender, mas não conseguiu uma brecha, né?! Eu sempre fui malandro, sempre fui... sempre fui malandro, nunca conseguiu uma brecha para me prender. Que eu usava brinco e... camisa florida, né? Que antigamente deram o nome até de psicodélica! Eu era o único que usava. Tanto é que o primeiro homem a usar sunga nas corridas, nas maratonas fui eu. Então eu tenho isso comigo, né? Fui o primeiro a usar brinco, deu muito trabalho para o pessoal aceitar. Tive que bater muito. As vezes que eu entrava no ônibus assim, eles falavam as besteirinhas deles, meu ouvido as vezes não era bom de escutar besteirinha, aí eu tinha que dar meu jeito. Ocasões eu... às vezes acontecia da coisa ficar inflamada dentro do ônibus mesmo, quando eram dois, três, preferia que eles descessem embotado para desembolar do lado de fora. E eu sempre fui bom, sempre fui bom, mas o brinco não fui eu que inventei. O brinco já era usado desde outras épocas, pelos vikings, pelos bárbaros, era uma forma de identificação. Dependendo do posto eles usavam na orelha esquerda ou orelha direita, isso dependia... se fosse comandante usava nas duas... nas duas orelhas. Isso dependia muito do posto.

Aí com o tempo... desenrolou mais de mil anos. Em 1800... não sei a data direito... 1800 e qualquer coisa um espanhol chamado Felix Pacheco inventou a forma datiloscópica, né? Que descobriu que nem todo mundo tem os dedos na mesma postura. Então os desenhos que nós temos na forma dos dedos são formas datiloscópicas. Ele inventou a datiloscopia, aí ele criou a carteira de identidade, tanto é que até hoje ainda tem o nome dele em homenagem Felix Pacheco. E com isso o brinco caiu um pouco, né? Só aqueles que eram os malandros, que queriam ainda se calçar na história do passado se mantiveram usando brinco porque queriam confusão. Se chegasse dentro da Zona de Baixo Meretrício, aqueles que não conheciam, riam da tua cara, era motivo para você ou bater ou apanhar. Então, no passado, eles usavam muito brinco para provocar uma situação de conflito. E o capoeira sempre foi o mais ligado ao conflito no passado. O capoeira até pagava para brigar.²⁵

O nome do seu grupo de capoeira “Auê”, uma gíria que nos remete a confusão, agitação ou tumulto também pode indicar a necessidade de Mestre Dentinho afirmar seu aspecto “bandoleiro” como uma visão de mundo. O trecho da música “Da lama ao caos”, de Chico Science, pode ilustrar o pensamento de não se eximir da possibilidade desorganização como uma forma de se organizar. Assim:

Com a barriga vazia não consigo dormir/E com o bucho mais cheio comecei a pensar/Que eu me organizando posso desorganizar/Que eu desorganizando posso me organizar/Da lama ao caos, do caos à lama/Um homem roubado nunca se engana. (SCIENCE, 1994).

²⁵ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

Iniciamos a gravação da nossa entrevista com Mestre Dentinho no Bar do Canário, próximo a comunidade Quatro Bicas. Nesse dia pudemos ouvi-lo expor melhor seu lado “bandoleiro”, nesse caso, associado ao seu contato com o malandro da Lapa João Francisco dos Santos, conhecido como Madame Satã:

Mestre Dentinho: O contato que eu tive com o Satã, Madame Satã, foi dentro de um presídio chamado Ilha Grande, Ilha Grande. O nome do presídio... não lembro bem... o nome do presídio. Inclusive tem uma pessoa aqui que trabalhou dentro do presídio. Vou perguntar a ele o nome do presídio. Mas era na Ilha Grande. Então, em 1976, eu dava...

Mestre Dentinho: Oh Jacaré! (Mestre Dentinho chama o amigo policial que o acompanha no bar onde estamos fazendo a entrevista para o documentário). - Eu estou tentando lembrar o nome do presídio da Ilha Grande, qual o nome do presídio? Ele trabalhou, ele trabalhou lá dentro, então... é mais fácil dele lembrar, tem tantos anos!

Jacaré: corta, corta aí! Deixa eu ver... corta, corta! Eu vou ali... eu vou lembrar, “perai”! É que... me pegou assim...

Mestre Dentinho: a embarcação era...

Jacaré: (imediatamente) A Lorete.

Mestre Dentinho: Lorete... Tenente Lorete.

Jacaré: Ela... a embarcação, era a Lorete. Que fazia a travessia dos policiais e dos presos, entendeu?! Os presos que eram remanejados daqui para lá, que tinham penas grandes, iam, eram condenados, confinados, né?! Então iam para Ilha Grande. Iam no convés, entendeu, no porão... no porão. E os policiais em cima, tudo... (gesto de arma com as mãos).

Mestre Dentinho: Prontos!

Jacaré: naquele mar... (gesto de ondas com as mãos). A embarcação era Lorete. Agora...

Mestre Dentinho: o nome do presídio é que eu esqueci.

Jacaré: eu vou lembrar.²⁶

O presídio que Mestre Dentinho e seu amigo Jacaré se referem é o Instituto Penal Cândido Mendes, anteriormente chamado Colônia Penal de Dois Rios, hoje desativado. Segundo Mestre Dentinho, sua ida ao presídio da Ilha Grande já tinha a intenção de “esbarrar” com Madame Satã:

Aí meu contato com Satã foi lá dentro, em 1976. Eu dava aula, sempre dei aula dentro de escola de samba. Que escola de samba era considerado onde se concentrava o maior número de vagabundos. Eu dei aula na escola de samba

²⁶ Depoimento de Mestre Dentinho e Jacaré (Hugo Luiz Menezes) foram colhidos em 2003 para o documentário Bemvindo.

Vizinha Faladeira, em 1968, dei aula na escola de samba Tupi de Brás de Pina, em 1972, dei aula na escola de samba Mangueira, em 1974, aí em 1976 fomos fazer um show de capoeira para os presos lá na Ilha Grande, porque o filho do... o filho do Carlos Cachaça era prisioneiro lá. Então ele pediu para eu levar um grupo, então eu levei um grupo de garotos, tudo de 10 anos, 12 anos, fizemos o show e no retorno a Tenente Lorete, que era a embarcação, não podia cair no mar porque o mar estava agitado. Aí os coronéis lá que mandavam, me levaram para uma reunião aí falaram comigo: não vai dar para vocês irem, vocês vão ter que esperar a... a maré ficar boa. E ficamos esperando a maré ficar boa, nisso durou 3 dias lá dentro. E Madame Satã já tinha cumprido a pena dele lá dentro, de 22 anos. E ele como veio aqui fora e não se adaptou aqui fora eu conheci ele lá dentro. Aí lá dentro foi onde eu tive contato com ele. Esses 3 dias que fiquei lá ele falou que gostava de capoeira, e ele era briguento, e meu contato com ele foi lá. Mas eu não era prisioneiro eu fui fazer...e ele também não era prisioneiro, é que ele já não tinha como viver aqui fora. Que ele foi preso em 1952, 1953 para chegar lá dentro e sair em 1975, ele não tinha caminho nenhum a seguir aqui fora. “O que é isso aqui?”, um montão de arranha céu que ele viu? Ele ficou assustado. Pediu para voltar lá para dentro que ele não tinha mais como viver aqui fora e foi quando eu tive contato com ele, não só eu, todos os alunos que foram comigo, mas só que ninguém valorizou a presença dele. Que ninguém ligava para isso, né?! Ele era um mulato, meio feio, baixinho, falava assim meio... meio possante, ninguém ligou. Para todo mundo ali era um pescador comum, mas ele vivia ali dentro, já tinha ali seu restaurantezinho, ele era cozinheiro e tudo. Meu contato foi lá dentro. Também foi o único contato de 3 dias lá dentro com ele. Depois não voltei lá mais. Ele morreu. Foi desativada a Ilha Grande, a prisão. Isso eu tenho comigo. Bati de frente com... tenho ele gravado na minha mente. Poucos os capoeiras, aliás, nenhum deles viu ele pessoalmente. Só os que foram comigo para lá, mas mesmo assim não valorizaram a presença, não valorizaram. Hoje, se eles souberem quem é que estava com eles... eles: “não lembro, não lembro”. Eu lembro, eu lembro que eu já tinha em mente... ele, que lá dentro eu fui apresentado a ele por um capitão da PM, que a PM estava... tinha a PM e a polícia civil lá dentro. O capitão da PM me levou a ele, lá no alojamento, onde nós dormíamos, nós fomos bem tratados lá dentro. E aí, isso eu tenho comigo, isso eu tenho comigo. É um dos orgulhos que eu carrego. Até outros mais velhos do que eu, capoeiristas, não tiveram contato com ele. Não tiveram, porque tinham medo dele. Tinham. Mas ele era... era bom no que fazia, principalmente coisa ruim. Quando ele cismava de fazer uma coisa ruim, ele fazia mesmo. Mas para ele fazer uma coisa ruim tinha que ter motivo. Então de vez... de vez em quando aparecia um motivo. Então quando aparecia um motivo, ele estava sempre pronto. É igual a eu. Eu estou sempre pronto. Se sair uma confusão... sempre... nunca estou indisposto! Bom, esse foi meu contato com ele.²⁷

Compreendo que a viagem à Ilha Grande evidencia seu aspecto de pesquisador intuitivo, sobretudo do viés marginal da realidade. Por outro lado, a dimensão marginal do Mestre não exclui seu aspecto infantil, representado pelas crianças que foram fazer a apresentação com ele no presídio.

Sem querer descartar a preocupação das mães que se desesperavam pela demora de seus filhos, entendo que essa viagem representou uma experiência do *êthos*

²⁷ Depoimento de Mestre Dentinho colhido em 2003 para o documentário Bemvindo.

malicioso e criança de Mestre Dentinho. Um homem pronto a transitar entre esses dois polos num instante ou de acordo com os matizes do jogo da vida.

O corpo de Mestre Dentinho era capaz de correr uma maratona de 100 km descalço, plantar bananeira com os punhos ao inverso e jogar capoeira por mais de uma hora seguido. No entanto, sua força e resistência corporal estavam além da sua condição física, isto é, compreendo que seu corpo era uma expressão política de seu modo de ser e dos valores e princípios que o moldavam:

Tenho a fase de aquecimento, né? Fase de aquecimento que é no mínimo 20 minutos. Pulo corda pelo menos umas 100 vezes. Faço o que tenho que fazer de alongamento em pé. Todo em pé. E depois caio na pista. Dependendo do alongamento eu vou a longa distância. Dependendo do alongamento eu vou a curta distância. Que é curta distância? 32 km é o mínimo que eu corro por dia. Longa distância, as vezes eu vou até Copacabana. Vou até a praia do Pepino. Saio daqui da Zona Norte, da Penha, vou até a Zona Sul. Ida e volta. (...) Se tiver com sono é melhor ir de barriga vazia, agora se tiver sem sono é melhor ir de barriga cheia. Que o biotipo, meu biotipo, eu não aconselho ninguém a fazer isso, mas o meu biotipo pede isso... pede isso. Eu sinto quando eu estou melhor de barriga vazia e sinto quando melhor... vou render de barriga lotada. Apesar que eu sou igual a passarinho para comer. Só como uma vez de vez em quando e assim vou levando, né?! Porque o organismo meu já está habituado a isso.²⁸

Um corpo-político que tinha consciência de sua dimensão física e a transmitiu até onde pode. Segundo o depoimento de seu filho, também conhecido por Mestre Alcino Bemvindo, Mestre Dentinho se manteve alegre, espirituoso e vigilante até o final de seus dias, mesmo depois de um problema vascular cerebral, que o levou a falecer em 2011.

Segundo Elias (1995, p. 13) para “se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações.” No caso de Mestre Dentinho, um de seus lemas mais conhecidos estava relacionado a transmissão de seus conhecimentos: "Não fiquei rico, mas enriqueci muita gente com a minha arte."

É importante destacarmos que a condição de escravidão que poderia ter anulado o modo de ser daqueles que vivenciaram a Diáspora africana, dialeticamente, teceu a expansão territorial de um saber corporal comunitário capaz de cunhar singularidades. Sobre esse saber Tavares (2008) destaca:

Este tipo de saber é característico, principalmente, das civilizações primordiais e não europeias, que estabeleceram uma relação com seu corpo sem a mediação de instituições, sendo ele mesmo a instituição maior e complementar da própria

²⁸ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

vida na comunidade: o ser instituinte e agenciador do projeto comunitário. (TAVARES, 2012, p. 83)

Sodré (2008, p.83) também compreende que é o saber corporal que advém da “cultura do grupo que dá aos indivíduos os meios de representação do seu corpo”. Vale ressaltar que essa representação não é uma mera reprodução mecânica da cultura, pois como nos coloca Tavares (2012, p. 82), a mesma cultura que acolhe e molda o indivíduo através de seus hábitos e costumes, também possibilita que ele estruture seu repertório corporal de forma consciente:

Por fim, o que é saber corporal? É a possibilidade de constituição de uma enunciação gestual em prática discursiva, que se serve dos movimentos e ações corporais para a estruturação de seu repertório. Este repertório é a resultante das articulações dos signos elaborados a partir das vivências cotidianas ou nelas intercambiadas. O vórtice do processo em questão localiza-se na sincronização da condição de se estar-no-mundo, em estado consciente, com a consciência prática corporal situada no instante cotidiano e na interconexão com a dimensão cósmica que esta consciência institui. (TAVARES, 2012, p. 82).

Os irmãos Bemvindo são Mestres de capoeira com experiência de mais de 40 anos de ofício. Muniz Sodré, no prefácio do livro *Dança de Guerra*, afirma que a capoeira representa um saber corporal de “origem negro-brasileira”, assim como também nos coloca Mestre Touro:

A capoeira é do negro africano no Brasil. Nasceu no Brasil. O negro descobriu ela por necessidade. Descobriu, não é uma coisa estudada nem... entendeu, a capoeira não é estudada, nem analisada e nem divulgada. Ela foi descoberta em vários pontos diferentes e... porrada, liberdade e chegou a esse ponto que chegou. Então, nós não falamos a mesma língua. Para mim meia-lua é uma coisa, para o outro Mestre é outra coisa, entendeu. Isso não é errado. Porque a gente não tinha como se comunicar, não podia falar a mesma língua. Então, é por isso que tem esse problema de nomenclatura da capoeira, é... a maneira, os estilos diferentes. Porque os estilos diferentes? Por causa da região diferente. Aí aparece o outro lá bota - capoeira da minha região, então vai ser capoeira regional. Todas as capoeiras são regionais porque regional vem de região.²⁹

Ainda no prefácio do livro de Tavares (2012, p.9), Sodré nos coloca que a capoeira é marcada por uma funcionalidade artística e cultural” com diversas definições possíveis, mas compreendida fundamentalmente como “jogo”, com uma “funcionalidade psicológica com um valor intrínseco próprio, de natureza ética, histórica, mítica, terapêutica etc.”

Segundo Johan Huizinga, em seu livro *Homo Ludens*, o jogo não deve ser visto apenas como um fenômeno físico ou biológico, mas deve ser percebido como uma

²⁹ Depoimento de Mestre Touro para o documentário BEMVINDO, em 2003.

função própria capaz de conferir sentido a ação. Assim, o jogo é capaz de transcender os apelos imediatos de sentido da vida para o próprio jogar e conferir sentido a ação do jogador:

Desde já encontramos aqui um aspecto muito importante: mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa "em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. (Huizinga, 2019, p. 2).

No movimento do jogo o capoeirista se apropria da tradição e a cada instante exercita a centelha da liberdade, isto é, a escolha. Segundo Tavares (2012, p.20), o jogo “promove uma permanente reinvenção dos movimentos, apuração técnica e sensibilidade estética em corpos de sujeitos encarnados de memória corporal singular e global.” Compreendemos que o jogo da capoeira se coloca como um espaço de invenção e enunciação própria, singular, como Tavares nos auxilia a enxergar:

Os diferentes golpes e as diferentes esquivas, em uma dinâmica permanente, asseguram a constituição de um trabalho singular do jogador com seu corpo, demonstrando, durante o jogo, a sua capacidade de combinar, em atitudes reflexas, os números de cines (GRIRDWHISTELL, 1979) que constituem as frases do jogo (os golpes), enunciando, desta maneira, dentro dos elementos estruturais colocados como invariantes, o seu próprio jogo. Eis que surge o código particular que seu corpo gerou pelos treinos e sua sensibilidade definiu pela sintonia energético-cósmica por meio do som do berimbau. Passa pela ginga a especificidade que diferencia a Capoeira enquanto luta-dança. (TAVARES, 2012, p. 99).

Para o filósofo e poeta pré-romântico alemão Friedrich Schiller (Grifo original, 1990, p.84), um dos primeiros a aprofundar o tema “jogo” na Filosofia, o sentido enunciado do “jogar” advém da própria experiência de humanidade, que em sua plenitude, proclama seu anúncio, isto é, segundo o pensador alemão, “o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e *somente é homem pleno quando joga.*”

Segundo Tavares (2012, p. 102), o processo de “castração da fala que a psique do mundo colonial criou” fez com que o corpo diaspórico assumisse a diversidade dentro da adversidade. Nesse sentido, o corpo do capoeira joga com os corpos possuídos pelas verdades identitárias que tentam homogeneizá-lo. É a partir dessa compreensão que destaque o entendimento de jogo de Mestre Touro ao analisar a diferença entre a capoeira percebida como esporte e a capoeira como cultura:

Veio a evolução e a evolução está matando a cultura. A capoeira de antigamente era uma capoeira rica. Era capoeira jogo. Era capoeira de inteligente. Movimentos pensados. A capoeira de hoje em dia você vê é... um monte de acrobata que não sabe nem o que está fazendo. Quer dizer, ele começa a dar pulo para lá, pulo para cá e diz que é capoeira. Capoeira é jogo. Capoeira tem que saber jogar. Jogar é uma coisa, eu coloco um movimento você sai... entendeu, posso até fazer alguns movimentos acrobáticos, mas isso é uma vez ou outra. O cara chega aqui, a roda começa aqui, pula, corre 10 metros para dar um salto. Inclusive, tá mudando tanto que eles estão querendo botar a capoeira nas Olimpíadas. Capoeira não pode ir para as Olimpíadas. Capoeira não é esporte. Capoeira é cultura. Capoeira é folclore. Então eles querem botar professor de educação física, o Mestre de capoeira tem que ser professor de educação física. É o que estão querendo os projetos deles para botar a capoeira como profissão. Não pode porque o professor de educação física ele sabe fazer ginástica. Então, para ensinar capoeira eles precisam de professor de educação física, precisa de um médico, precisa de um historiador, precisa de um professor de balé, porque o capoeirista é um dançarino, precisa de um artista, o capoeirista é um ator, ele é um artista. Então precisa disso tudo. Agora, na parte cultural, ter só o capoeira (o aluno de capoeira, o capoeirista) e o contramestre de capoeira e o Mestre de capoeira é outra coisa.³⁰

Assim, ao mesmo tempo em que joga com seu modo de ser e, através do jogo expressa seu sentido de humanidade, isto é, a sua ética, o capoeirista também joga com outros modos de ser, no entanto, como destaca Rufino (2018), esse jogo não busca a anulação do outro:

No jogo não cabe a anulação do outro, o vadiar parte do pressuposto da relação, busca o vazio, escarafuncha o dentro e o fora para achar a brecha deixada pelo outro corpo e então saltar para em tom moleque desencadeira-lo. Rasteira, cabeçada, gargalhada, passa pé são artimanhas da sapiência da ginga e fundamentam uma ética. (RUFINO, 2018, p.125).

Tavares (2012, p. 26) destaca que eram nos “momentos lúdicos” que o corpo do negro “se convertia no arquivo restituidor das informações que perfaziam seu *ethos*, seu campo de valores”, de maneira a traduzir suas percepções e elaborações de suas experiências cotidianas, religiosas ou filosóficas nas diversas formas de manifestação de sua cultura, como destaca Tavares (2012):

E destas atividades lúdicas, com seu discurso não verbal predominantemente corporal, foram forjadas as armas dos negros da Diáspora: religiosidade, culinária, arte e luta, eles que se traçaram em verdadeira rede que, poeticamente, programou a constituição de um complexo sistema cultural de resistência, capaz de se potencializar em uma sabedoria de técnicas corporais ainda não suficientemente sistematizadas. (TAVARES, 2012, p.80).

Nesse sentido, entender a capoeira como um jogo diaspórico significa compreendemos que sua memória, sua territorialidade, sua filosofia, sua política, assim

³⁰ Depoimento de Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

como o seu modo de ser serão reconstruídos e transmitidos através de um corpo que brinca de forma maliciosa, um corpo lúdico. Nesse sentido, para Tavares (2012):

O presente estudo, portanto, tem como finalidade não propriamente o desvelamento de um sentido, mas, sim, a demonstração da possibilidade de sua constituição, permanência e reprodução por intermédio de um processo semântico dessemantizado, se levarmos em conta os universos lógico-cognitivos daqueles que operam como sujeitos do fenômeno que aponto: por intermédio da ludicidade estrategicamente reposta na sociedade, pela população negra, recuperaram-se as unidades básicas elementares da cosmovisão, que montou a percepção do agir-estar no mundo da população negra. Residualmente, estes elementos estruturais dos hábitos cotidianos se recompuseram, adquirindo uma roupagem muito específica, capaz de definir uma dinâmica cultural muito própria, sem, contudo, perder seu caráter sedutor, sua sombra energética, seu aspecto predominantemente de jogo. Estabelece-se, deste modo, um permanente desafio aos obstáculos fincados no território da existência elementar do dia a dia pelo colonizador. (TAVARES, 2012, p. 91-92).

Segundo Sodré (2008, p. 86), a “observação quanto à malícia é procedente. A malícia, forma de resistência de escravos, forros e malandros, decorre do "corpo mandingueiro", a corporalidade atravessada pelo simbolismo ambivalente dos ritos holísticos, em que o sagrado, o lúdico e o guerreiro estão fortemente imbricados” diante do enfrentamento do cenário social hostil que esse corpo atravessa.

O capoeirista não deixa de se valer da força, mas através do jogo estão presentes a astúcia, a flexibilidade e a pluralidade dos gestos e movimentos diante dos seus adversários. O corpo do capoeirista não funciona como um bloco, mas constrói estratégias coerentes diante de cada condição de enfrentamento por ele encarada. Essas estratégias se valem da sedução, do engano, do drible que desnorteia o adversário, como nos esclarece Sodré (2008):

Mas a essência da luta sempre esteve no desnorteamento do adversário por meio da malícia e da negaça. A estratégia do bom capoeira era tentar iludir o oponente com trejeitos de mãos e pés, envolvendo-o como a uma aranha na teia, até poder aplicar o golpe. No fundo, uma arte de sedução e engano do olhar do outro, cuja tônica não se definia pela pretensão a uma verdade identitária do corpo (como no boxe anglo-saxão, por exemplo), mas pela falsidade, isto é, pela tapeação do adversário. (SODRÉ, 2008, p. 48).

Ser malicioso na capoeira não é ser maldoso. Pelo menos não somente. Ser somente maldoso na capoeira significaria estar preso apenas a lógica da submissão entre sujeitos. Compreendo que devemos estar atentos a essa lógica, mas isso não significa necessariamente acatá-la.

A malícia implica na manha, a arte de ludibriar, zombar e de perceber nas entrelinhas o jogo do adversário. Esses princípios se associam a capoeira como jogo,

vadiagem, onde o criança pode se fazer presente e a troca entre sujeitos pode ser sustentada.

Como neste depoimento, em que Mestre Dentinho afirma que sua família mora em Cabo Frio e mesmo eu sabendo que isso não é verdade, pois ele não revelaria a exata localização da sua família, assumo o jogo:

Às vezes eu ando só porque... coisa da profissão, porque não pode também botar muita gente a par da... na planta do que a gente faz, então, a minha família, por exemplo, eu não deixo ninguém saber, não dou a planta onde fica, onde tá, porque, eu tenho muitos amigos e o perigo... e o perigo são os amigos que eu tenho. Eu já fui envenenado duas vezes, já me deram tiro um montão de vezes, também dei, não foi assim de graça. Então se eles souberem onde mora a minha família... é em Cabo Frio que a minha família mora. Eu estou sempre lá, vou e volto, vou e volto, porque eu vou e volto? E nem digo a ninguém quando vou e nem quando venho. Para ninguém ficar de “*stande-by*”, né?! De “Abajur” me esperando ou na Rodoviária ou em outro lugar, para pegar carona em mim e saber onde é o meu Comando Geral. Então, o meu Comando Geral eu não deixo a pista da base pra ninguém.³¹

Quando jogava, Mestre Dentinho pouco piscava. Mantinha seus olhos grandes por todo corpo do adversário, analisando, desvelando suas brechas. E muitas vezes, ao invés de entrar nessas frestas ele somente as apontava. Mostrava ao seu oponente o que ele poderia ter feito, se quisesse.

Apesar de se identificar com a vida marginal Mestre Dentinho também a negava. Essa negação seria mais uma manifestação de sua malícia? Uma manifestação da negaça? É possível, pois a negaça o autorizava a transitar entre os tensionamentos da realidade.

A negaça é uma outra estratégia do jogo do capoeirista. Um conceito que faz parte da sua malícia, da sua irreverência, da sua ginga diante da realidade. Segundo Rufino (2016), podemos entendê-la da seguinte forma:

A capoeira, na boca de seus praticantes, compreende-se como uma sabedoria inacabada que quase sempre é difícil de ser apreendida em palavras. Talvez, essa dificuldade denote uma das características mais astutas dessa manifestação, pois a mesma caracteriza-se como um saber que não pode ser revelado totalmente, pois parte de suas potencialidades está naquilo que deve ser negado. Daí emerge o conceito de negaça tão utilizado pelos praticantes do jogo. Nas palavras de Mestre Ananias, negaça é aquilo que se sabe e não pode dar de uma vez. (RUFINO, 2016, p. 75).

Em seu depoimento Mestre Dentinho nos coloca que seu desejo era ser um projeto exemplar para sua comunidade. Isso reforça que ele não desejava ser um modelo,

³¹ Depoimento de Mestre Dentinho em 2003 para o documentário Bemvindo.

isto é, uma forma definida ou cristalizada a ser imitada, tão pouco um bandido, mas um exemplo dentre as tantas respostas possíveis diante das contradições da realidade:

Essa comunidade da Penha... Ela me tem como um ídolo. Fui um dos primeiros atletas na comunidade da Penha e principalmente da Vila Cruzeiro. Mas eu sou representante legal de toda a Penha. Apesar que antes de mim já tiveram outros, mas não brigaram, não lutaram até o fim, até a vitória. No meio do caminho eles tropeçaram, caíram e não levantaram. E eu, dentro da comunidade, briguei, tropecei, caí, levantei, caminhei, caí de novo, e a comunidade sempre tomando conhecimento. E antes de qualquer projeto da comunidade eu já era um projetista. Mas como projetista? Exemplar! Eu sempre dava exemplo do que era ser, do que era ser, um atleta, do que era ser, uma pessoa respeitada dentro da comunidade. Como respeitado? Eu sempre respeitei a todos! A todos. A menos quando fugia do limite, né?! Quando fugia do limite também eu tinha meu jeitinho, porque agente sempre tem o jeitinho... o jeitinho comunitário. Então esse jeitinho comunitário me fez... essa palavra eu nem conhecia na época, né?! Só fazia porque tinha que fazer, eu achava que era isso que eu tinha que fazer. Se eu não fizesse isso eu não iria fazer mais nada. Bandido eu sabia que eu não iria virar. Que a minha procedência... não era... de bandido, não tinha ninguém lá atrás que foi bandido. Então bandido eu sabia... eu tinha que ser um ídolo! Não era a qualquer custo. Era... jogando meu sangue... jogando meu sangue, meu suor. Tanto é que comecei com corridas. Tentei botar... fazer atletas dentro da comunidade. Não fui aceito. Não pela comunidade. Não fui aceito porque na época a coisa era difícil de se chegar e fazer um aluno, uma pessoa, porque a gente não falava em aluno, uma pessoa virar atleta dentro de uma comunidade. Então um atleta dentro de uma comunidade era difícil. Mas eu consegui bater, bater, bater na mesma tecla até chegar ser uma pessoa de respeito dentro da comunidade. E a comunidade até hoje me dá uma retribuição de carinho.³²

Entendo que as tensões vivenciadas pelos irmãos Touro e Dentinho encontraram acolhimento na palavra Mestre, nesse caso, o Mestre do jogo, o Mestre da cerimônia da capoeira. Até onde entendi, não existe um padrão ou modelo para se tornar um Mestre na cultura da capoeira.

No entanto, Mestre Touro nos aponta um caminho: “O que é Mestre? É a pessoa que sabe fazer bem o que faz... A pessoa que sabe fazer bem o que faz e tem seguidores. O Mestre sem seguidores ele não é Mestre. E se ele não fizer bem o que faz ele não é Mestre.”³³

Por outro lado, outras qualidades também ganham relevo nesse ofício, dentre elas a relação que ele estabelece com sua comunidade. A respeito disso Mestre Touro nos coloca:

Em primeiro lugar, o Mestre de capoeira, ele se torna Mestre porque, quem diz que ele é Mestre é a população, é o povo, é a comunidade. Então, o Mestre de capoeira... o cara para ser Mestre ele tem que saber fazer o que faz muito bem, no caso capoeira, ele tem que jogar capoeira muito bem. Que a palavra Mestre lhe diz isso...é... Mestre é o que sabe fazer muito bem e tem seguidores. Eu

³² Depoimento de Mestre Dentinho em 2003 para o documentário Bemvindo.

³³ Depoimento colhido no FÓRUM CAPOEIRA VIVA, na Igreja da Penha, em 2006.

não tenho aluno, eu tenho seguidores. E a comunidade é que diz que nós somos Mestres ou não. Eu sou Mestre de capoeira porque a rapaziada aí, a mulherada, a criançada... Ôh Mestre Touro! Ôh Mestre! Uma vez um cara me falou: você é um Mestre no que faz! Aí que eu fui descobrir o que era Mestre de capoeira. Aí claro, analfabeto, mas procurei lá, dei umas “lidinhas” e encontrei, Mestre de capoeira é aquele que faz bem o que sabe fazer e tem seguidores.³⁴

Entendo a posição dos Mestres Bemvindo como um reflexo coerente da cultura do corpo diaspórico e comunitário. Apesar dos irmãos Bemvindo não restringirem sua circulação e frequentarem diversos territórios, academias de capoeira e rodas de rua, ambos perceberam a importância de assumirem seu compromisso local, mesmo que também transitem globalmente. A respeito da representatividade do Mestre de capoeira na comunidade, Mestre Touro nos esclarece:

Olha, existe Deus, né? Depois o Papa, depois Pelé. O Presidente, o Governador não importa. Mas depois é o Mestre de capoeira. Mestre de capoeira é mais que Doutor para a comunidade. A gente anda na rua todo mundo: oi, oi, oi!! Oi Touro, toma uma gelada que eu pago! Vem cá, senta aqui. As pessoas fazem questão de sentar ali com a gente, querer conversar, querer pagar uma geladinha, é claro que a gente paga também, que graças a Deus a situação melhorou, né? Mas no tempo que era ruim, eu tomava todas que eles mandavam! E falava assim: me empresta um dinheiro aí que eu tô duro. Só que não tinha retorno. Agora eu dou uma forra... Aê! Bebe aê que é por minha conta! Deixa que é meu! (Risos).

Mas é assim, o Mestre de capoeira é super, super considerado, não só na comunidade dele, mas também pela sociedade. Por isso que está essa briga aí, todos querendo ser Mestre. Mas não é assim, Mestre de capoeira não se compra, também não se, como é que se diz, não se faz, ele nasce. O cara entra na capoeira começa a treinar, treinar, fica bom de capoeira, se a comunidade não botar ele para nascer como Mestre ele não vai ser Mestre nunca. E, nas minhas aulas aqui eu ensino o cara só, ele só passa a ser Mestre de capoeira quando ele tem um bom trabalho e é reconhecido pelo meio capoeirístico e pela comunidade. Se não, ele não vai ser Mestre nunca.³⁵

Nesse sentido, compreendo que se os Governos Federais, Estaduais e Municipais corroborassem a amplitude do respeito e da responsabilidade de um Mestre de capoeira em sua comunidade, assim como também os Mestres de pescaria, os Mestres de Maracatu, os Mestres de obra, dentre outras lideranças comunitárias legítimas, entendo que ampliaríamos significativamente a comunicação e as realizações das Políticas Públicas nos territórios populares. Pois esse compromisso é transmitido como uma cultura de geração em geração, a exemplo da descrição dos Mestres a respeito de sua Mãe e de seu Pai:

³⁴ Depoimento de Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

³⁵ Depoimento de Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

Mestre Touro: Ele era Mestre de obras e nós viramos Mestre de Capoeira. Não deixamos o Mestre pra lá não, continuamos no Mestre! (...)

Mestre Dentinho: Ele nos passou a palavra Mestre. Então a palavra Mestre é ser bom no que faz, ser dedicado ao que faz, ser cumpridor dos deveres, ser honesto no que faz, **isso é ser** Mestre. Que a obra ele não só pegava ela para fazer como também ele prometia entregar no prazo e entregava até antes, as vezes. E ele passou isso para nós, né? Ele, a Dona Maria Rosa, que era nossa Mãe também passou para nós. Ser cumpridor de dever, ser correto no que faz, se fizer, faz certo! Mesmo se sair errado não voltar atrás, é ir concertando. Pensar muito antes de fazer. Para fazer... fazer correto. E isso para nós é... o chamado aprendizado de Mestre. Que aí a gente só tem a passar para frente, para aqueles que estão chegando ou aqueles que a gente acha que merece a gente passa essa mensagem. É difícil a garotada de hoje adaptar a essas mensagens, mas nós insistimos, né? Que o ser Mestre também é ser insistente. Não obrigar a pessoa a aceitar, mas vê que a pessoa quer, aí a gente vê que a pessoa tem o Dom... a gente vai passando. Lá na frente eles serão grandes Mestres no que eles querem.³⁶

No entanto, esse ainda não é entendimento padrão do Estado, talvez porque essa relação não seja mensurável quantitativamente ou economicamente. No entanto, essas lideranças fortalecem o compromisso e a rede do corpo comunitário do território, como pudemos evidenciar com a instalação do Monumento Homens de Fibra. Sobre essa questão Mestre Touro faz uma advertência:

Eles estão querendo apagar a palavra Mestre. E infelizmente para eles eu sou uma resistência. Que eu não deixo, eu não permito. Quando começaram a botar professor de capoeira na roda eu disse isso não existe. Como é que eu vou me intitular professor, aonde? Eu sou Mestre de capoeira. O meu título de Mestre de capoeira é aquele título folclórico. Que veio de Jesus. Depois veio para Mestre de obra, Mestre de pescaria, não é? Então, é esse o meu Mestre. O Mestre que eu sou, sou esse Mestre, tipo um Mestre de obra. Tipo um Mestre de navegação. Eles não mudaram um Mestre de obra para professor de obra. Então como querem mudar o Mestre de capoeira para professor de capoeira? Isso eu não aceito. E outra coisa, nós Mestre de capoeira, nós capoeiristas, não precisamos de diploma, nem de governo, nem de dinheiro de... governo de... de órgão nenhum público não, porque nós somos capoeiristas, nós jogamos com a alma. Eu jogo capoeira. Eles precisam de local para dar aula, precisam de dinheiro para ganhar o sustento deles. Eu não, eu só preciso de outro capoeirista para jogar capoeira. Tendo um berimbau, a capoeira eu jogo. Eu vou nessas rodas de capoeira e vejo esses professores de capoeira, chegam lá machucado, sentindo dor aqui, dor ali. Isso não existe. Eles são a vergonha da capoeira. E, não sou contra os universitários não, mas a maioria deles são universitários. Eles estudaram e agora querem excluir os Mestres que não tiveram a oportunidade de entrar na faculdade deles, mas também, eles não tiveram a oportunidade de entrar na faculdade que eu entrei, que é a da vida.³⁷

³⁶ Depoimentos dos Mestres Touro e Dentinho colhidos para o Documentário BEMVINDO, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

³⁷ Depoimento de Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

As condições apresentadas pela comunidade também colaborarão na definição do tipo de relação que cada Mestre irá estabelecer com seu território. Assim como o território também irá contribuir com a formação do *êthos* de cada Mestre, como nos coloca Mestre Touro:

O problema é o seguinte, sou pobre, nasci pobre aí no Cachoeiro de Itapemirim, vim para essa favela da Vila Cruzeiro. A favela me aceitou, Nossa Senhora da Penha me cobriu com um manto, me protegeu. E eu não precisei de dinheiro para aprender capoeira. Então, eu prefiro ensinar capoeira para quem não tem dinheiro. Em primeiro lugar, porque essas pessoas são as pessoas que realmente eu falo, tem uma roda de capoeira, eles estão presentes e quando termina a roda de capoeira eu tenho aquela comunidade, sei lá, todo mundo pobre bebendo, comendo comigo, duro, mas tá comigo. Tu vai na comunidade que tem grana, termina o treino, termina a aula, cada um vai para sua casa, ninguém quer conversar com o Mestre, ninguém quer conversar com ninguém. Então é diferente. Por isso é que eu prefiro essa comunidade. Uma comunidade que se identifica comigo. E também porque eu fui criado aqui, né?! Não tenho para onde fugir. Aí eu procuro só no subúrbio. Aqui tem um monte de alunos aqui que não me pagam nada. Meu filho agora está como Mestre de capoeira, está dando aula no Bombeiro de capoeira de graça, sem apoio de governo, sem apoio de ninguém. Também não precisa não. Não precisa, nem eu quero. É ele é que tem que trabalhar. Se você ler a história do capoeira, todos os capoeiristas eram trabalhadores, não existia capoeirista... Malandro, mas trabalhador. Burrinho sem rabo, estivador, todos eles. Nenhum deles vivia as custas de ninguém. Podia não viver bem, mas eram trabalhadores. Agora, gostavam de andar bonitão, todo elegante. Se as mulheres... se as garotas “marcassem”, eles estavam pegando todas elas. Então, eu sou contra que o capoeirista pegue uma coisa que é do povo, que é... isso é folclore, capoeira é cultura, então tem que manter do jeito que é. Termina a roda de capoeira tem que ter uma... uma bebida, um churrasco, uma cerveja, quer dizer, antigamente, naquela época tinha-se uma feijoada, né? O cara ia para a casa do outro para vadiar. Vadiava-se o dia todo. Aí comia lá o feijão do cara, a farinha do cara e depois bebia cachaça. Agora evoluiu a gente toma chopp, come churrasco. Tem que ser contrafilé se não ninguém quer. Então, isso é a tradição da capoeira. Terminou a roda a gente tem que sentar, bater papo, conversar, falar da vida do outro. Falamos muito da vida do outro. É... quando tu sair daqui podes crer que eu vou falar da tua vida. Aquele Cabeludo é muito maneiro só que... sei lá heim, o cabelo dele é muito grande! É... a gente sempre fala da vida do outro. Então, isso é a tradição da capoeira. Se não houver isso não é capoeira. A capoeira deixa... acaba ali.³⁸

Segundo Sodré (2008, p. 22) a “capoeira dos velhos mestres baianos jamais foi esporte, e sim jogo. É o mesmo que dizer que sempre foi arte, cultura.” Para o sociólogo e jornalista baiano, se por um lado temos “a brincadeira, o descompromisso com a seriedade, tudo aquilo que restitui no homem a disponibilidade mental e física da criança”, por outro temos “uma prática integrada de luta, dança, canto, toque e forma de pensar o mundo.” Como reafirma Mestre Touro quando fala de Zumbi:

³⁸ Depoimento de Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

Então, o Zumbi é tipo um Mestre Touro, tipo um Mestre Dentinho que tem os seguidores dele ali, quer dizer, agente resiste aqui na capoeira, eu sou contra o professor de educação física tomar a capoeira. Eu sou contra a sociedade tomar a capoeira do jeito que eles querem. Então eu sou uma resistência. Mas eu não sou o cara que vou fazer é... é, como é que se diz, derrotar a sociedade não. São os capoeiristas que se unirem a mim, não... vou na ideia do Touro. Aí então eles também passarão a ser contra e a sociedade vai ser vencida por causa do número. Porque a sociedade para aceitar a capoeira ela teve que botar a capoeira Olímpica, a capoeira esporte e a capoeira não é isso. Então, ela não tá aceitando a capoeira, está aceitando outra coisa.³⁹

³⁹ Depoimento de Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

CAPÍTULO 3 – VILA CRUZEIRO: território encarnado.

De lá do sertão mesmo, vim lá do meio do mato mesmo. Tabaréu legal. É... São José da Barra, São José da Barra, município de Condu... São José da Barra, Distrito de Conduru, Município de Cachoeiro de Itapemirim, quer dizer, lá de dentro. Aí cheguei aqui na cidade grande. Minha Mãe, a maior caipira, meu Pai o maior pau de arara, família tudo burro. Salto lá na... Presidente Vargas... eu que nem um bobão... oh o bonde!⁴⁰

Segundo Mestre Touro, foi por falta de perspectivas de futuro em sua terra natal que seu Pai, Manuel Oliveira Bemvindo, trouxe a Mãe, Dona Maria Rosa, e família da Tapera, interior de Cachoeiro de Itapemirim⁴¹, para o Rio de Janeiro, em 1957, como os Mestres nos colocam sobre a chegada de sua família na cidade. Mestre Touro apresenta sua família que veio da Tapera, junto com seus pais:

Claro rapaz, acha que a gente vai esquecer? É... Ailton, Ailda, Arlindo, Aíde, Aleir, Adalto, Amilton, Alcino, Arildo e Adenilson.⁴²

Essa época coincide com um período de grandes deslocamentos no País devido ao rápido desenvolvimento dos “meios de transferência” como o transporte, a comunicação e a transmissão de energia. Dessa forma, a partir de Moraes (2005) podemos entender que:

o pano de fundo das análises do século XX sobre a conjuntura ocidental assinala que a influência do pensamento e a constituição do moderno remetem às idéias de aceleração do tempo, de esgotamento de modelos relacionais e de racionalidades, de intensa e contínua troca de informações, e de usos de tecnologias de produção, circulação e utilização de símbolos e linguagens. (MORAES, 2005, p. 90).

Como nos coloca Moraes (2005, p. 90), “viver em um tempo acelerado que, simultaneamente, esgota e supera outros tempos e processos” é a realidade de muitos migrantes dessa época que procuram um lugar para chamar de morada e “traz grandes consequências para a subjetividade humana”, sobretudo se tratando de crianças, como as descritas pelos Mestres:

Mestre Dentinho: Lembro que eu botei um short de chita, né? Era o pano da época... um short de chita, o pé descalço, que não tinha calçado para quem era pobre. E além do pé descalço, aquela merenda tradicional, que eram aquelas

⁴⁰ Depoimento gravado com Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

⁴¹ Estado do Espírito Santo.

⁴² Depoimento colhido para o Documentário BEMVINDO, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

frutas que a gente levava para comer no meio do caminho. Primeiro era um frango passado na cinza, hoje é frango defumado, né? Mas na roça fazíamos frango na cinza. E a fruta era jenipapo, jaca, para não ficar sem comer fruta no caminho e... água a gente bebia... dependia das paradas do trem... dependia das paradas do trem... a gente bebia água fresca nos córregos. Então, a gente ia lá... fazia igual animal, metia o beíço... metia o beíço dentro d'água e ia sugando enquanto pudesse, enchia a barriga d'água, ali durava até a próxima sede, que a próxima sede as vezes era a próxima Estação, que a Estação era distante uma da outra.

Mestre Touro: Mas a gente era um bando de caipira. Parecia mesmo aqueles caipiras carregando trouxa, mala, arrastando mala, trouxa que... só tinha uma mala e um monte de... roupa para 12 pessoas... 13 pessoas, né? Papai e Mamãe... tinha que botar...

Mestre Dentinho: Eram trouxas...

Mestre Touro: Tinha que botar nas trouxas, enrolar e... levava no trem.

Mestre Dentinho: cada um com sua trouxinha... era pouca coisa...

Mestre Touro: É!

Mestre Dentinho: Ninguém tinha muita coisa mesmo, né? Era pouca coisa. Cada garoto levava tua trouxinha. E as trouxas maiores iam com os mais velhos, né? Os mais velhos tinham essa responsabilidade de carregar mais peso. Não tinha nada para levar, mas o nada pesava também. Que o nada naquela época pesava porque a distância que se andava a pé... não era nem pelo volume do peso que se carregava, mas a distância que andava é... 2 gramas iam se tornando em pesos maiores. Então a gente andava muito a pé. E tinha que andar a pé porque até chegar à Estação do trem eram léguas e mais léguas. Até hoje eu não sei essa medida, o que é uma légua, só sei que eram léguas e mais léguas que a gente andava. As vezes faltava meia légua, uma légua e pouco, mas ali para nós que éramos pequenos era distante, até hoje ainda é distante para andar a pé no meio do mato, né? E era no meio do mato.⁴³

Segundo Santos (2002, p. 327-328), por traz dessa aceleração do tempo encontramos um processo de “proibição do repouso” ou intensificação do “estado de alerta”, resultado do percurso de “desterritorialização” ou “desculturalização” do sujeito.

A partir de Santos (2002, p. 327-328) podemos entender que a família Bemvindo se encontrava mais uma vez em movimento, mais um desdobramento da diáspora, mais um território cuja memória lhe será “estranha” e de “vigorosa alienação”. Como nos coloca Santos (2002):

Vir para a cidade é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajuda ou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.” (SANTOS, 2002, p. 328).

Por outro lado, Moraes (2005, p. 90) compreende que o sujeito desterritorializado é “obrigado a produzir novos padrões de existência” e a “reinventar”

⁴³ Depoimento colhido para o Documentário BEMVINDO, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

uma “cultura”. Assim, Manoel Bemvindo buscava uma abertura, uma oportunidade (*kairós*), uma brecha para sua morada. Segundo os Mestres, seu Pai pode ser descrito da seguinte forma:

Mestre Touro: O rapaz, o meu Pai era um negão alto, forte, quer dizer... é o lado que eu quero guardar dele, né? Que depois ele morreu lá... aí... eu deixo para lá. É um negão alto, forte, legal comigo.

Mestre Dentinho: sempre sorridente, nunca bateu na gente... nunca bateu na gente, sempre sorridente. Falava sempre num tom de piada. Todas as mensagens que ele dava era em tom de piada, para deixar a gente animado. Quando ele falava em trabalho, falava em trabalho com tom de piada, que era pra gente ri do trabalho e admirar o trabalho. Que ele mesmo era um exímio trabalhador, né?

Mestre Touro: Ele era pedreiro. Pedreiro não é aquele que quebra pedra não... faz casa.

Mestre Dentinho: Ele fazia casas, construções, coisas que engenheiro fazia ele executava. Ele às vezes ele era convidado para pegar do chão para fazer um trabalho de... de um prédio, né? De 2 andares em diante já era um prédio. Então ele fazia tudo isso... de estuque, de madeira, ele sabia mexer com tudo isso, que era a necessidade que ele tinha. Que lá na roça ele aprendeu isso e aprendeu a roçar também. Ele era roçador, pegava a estrovenga e ia cortar mato. (...)

E a vontade de ser gente também, né? Que ele sempre passava para nós a vontade de ser gente. E a gente sempre foi gente, mas gente... gente atrevida, né? Gente desordeira, gente que queria conhecer. Então para conhecer a pessoa tinha que partir para o mundo e a gente partia para o mundo contra a vontade dele. Que também não dava para ele controlar, nem ele, nem a nossa Mãe, aquele monte de criança. Eles tentavam controlar do jeito que podiam. Controlava um, perdiam 10 de vista, controlava outro, perdia 9 de vista. Só quando estava todo mundo cansado, que eles faziam lavar o pé para dormir, a gente dormia na esteira, isso já era lá no Rio de Janeiro.

Mestre Touro: Tinha que lavar o pé.

Mestre Dentinho: Tinha que lavar o pé. Escutar Ave Maria. Ninguém sabia rezar, só eles mesmo que sabiam. Então, faziam a gente dá Benção, deitar e... tinha que dormir cedo. Acordar não, acordar cada um acordava a hora que queria, mas quem dormia cedo tinha a obrigação de acordar cedo, que o sono tem um tempo de duração. Então ela (a Mãe) dizia... quem acorda cedo é abençoado, né? E nós, até hoje estamos sendo abençoados graças a essas palavras de quem acorda cedo é abençoado, pelo menos vive mais o dia, né? Perde menos tempo da vida, se ganha tempo. Se viver X anos... esse X anos vale o dobro, que viu mais, assistiu mais, sofreu mais e tem mais o que contar.

Mestre Touro: Participou mais da vida.

Mestre Dentinho: Tem mais o que dizer para quem está chegando. Tanto é que quando falamos para outras pessoas o que nós vimos eles as vezes nem acreditam. Aí dá tempo de gravar também na mente e quem tá dormindo não grava nada. Quem está dormindo, se acontecer um fato ele não tem tempo de gravar. Quem está acordado a fita gravadora que o Ser Humano tem está gravando.⁴⁴

⁴⁴ Depoimento colhido para o Documentário BEMVINDO, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

Compreendo que é fundamental estarmos atentos às diversas variáveis que compõe a trajetória social de uma família, como nos alerta Elias (1995), pois o peso da responsabilidade individual da sobrevivência que recai sobre essas pessoas é ainda reforçada pela alienação social que elas vivenciam:

Aqui podemos ver como, a não ser que se domine o ofício de sociólogo, é difícil elucidar os problemas que os indivíduos encontram em suas vidas, não importa quão incomparáveis sejam a personalidade ou realizações individuais - como os biógrafos, por exemplo, tentam fazer. É preciso ser capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo. (ELIAS, 1995, p. 18).

A família Bemvindo desembarcou na Estação Barão de Mauá, também conhecida como Estação Leopoldina, e se instalou inicialmente no centro do Rio, no prédio conhecido como “Balança Mais Não Cai”, onde residia sua irmã mais velha, Iolanda, para em seguida fixar residência no território da comunidade Vila Cruzeiro⁴⁵, local em que almejavam uma realidade melhor para os seus. Mestre Dentinho nos apresenta esse primeiro momento:

Foi um transporte feito pela minha irmã mais velha, que ela tinha um namorado aqui no Rio de Janeiro. Ela veio pra cá para trabalhar, aí ele achou conveniente trazer Pai meu, Mãe meu e toda a família para o Rio de Janeiro. Para conhecer o Rio de Janeiro. Aí viemos parar justamente na Penha, justamente na Penha. Precisamente na Rua do Cajá primeiro. Aí meses depois nos destacamos pra Parque Proletário da Penha, hoje Vila Cruzeiro. Que é um bairro hoje bonito, né?! É quase um subdistrito. Mas antes era uma favela. Continua sendo favela no nosso coração, mas cidade pra nossa mente, né?! Esse é o nosso reduto. Meu e de toda minha família, os que sobreviveram, os que estão vivos, né?! Nós não abandonamos e nem gostaríamos de abandonar essa Vila Cruzeiro.⁴⁶

Logo perceberam que as condições oferecidas pela cidade não seriam favoráveis. Assim, os irmãos Bemvindo contribuíram na renda familiar vendendo limões, carregando caixotes e dormindo na carroceria dos caminhões de verduras das feiras locais da Vila Cruzeiro.

Desde o início da chegada dos Mestres a relação construída com o território da comunidade se deu a partir da sobrevivência física, porém, como nos coloca Porto-Gonçalves (2006, apud, CARVALHO, 1999), o território também pode ser construído através da concepção de abrigo, isto é, como morada existencial (*êthos*), pois:

Território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de

⁴⁵ Comunidade localizada no bairro da Penha, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁶ Depoimento de Mestre Dentinho colhido em 2003 para o documentário Bemvindo.

territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades. Todavia, o território tende a naturalizar as relações sociais e de poder, pois se torna abrigo, lugar onde cada qual se sente em casa, mesmo que numa sociedade dividida. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 46).

Compreendo que a Vila Cruzeiro fora constituída como abrigo para muitos migrantes que vinham arriscar seu destino na “Cidade Maravilhosa”. E, assim como em tantos territórios populares, essa comunidade também contribuiu para que os princípios e valores éticos dos irmãos Bemvindo fossem forjados. Para ilustrar essa relação entre território e subjetividade cito o exemplo de Maurano (2016) quando nos apresenta a relação entre a dinâmica social e a subjetiva, através da analogia da fita de Moebius:

Aqui, a imagem topológica da fita de Moebius – que é uma fita na qual, por uma meia torção em seus extremos antes que se os junte, constitui um objeto no qual se passa diretamente do lado interior da fita ao exterior –. em continuidade, aparece como propícia para figurar o modo de funcionamento do inconsciente, e a dinâmica do paradoxo pelo qual ele opera. Dessa forma, longe de o sujeito ser o que se opõe ao social, apresenta-se como uma dobra deste. (MAURANO, 2016, p. 207).

Destacamos a importância do papel do território da Vila Cruzeiro no estabelecimento de uma fecunda dialética no processo de desterritorialização e reterritorialização desses dois meninos negros recém chegados do interior do Espírito Santo e a sabedoria das ruas do subúrbio carioca.

Quando chegou na Vila Cruzeiro com cerca de seis para sete anos de idade, Mestre Dentinho vinha da zona rural do Espírito Santo, na Tapera. Através do projeto CAPOEIRA VIVA, do Ministério da Cultura, em 2006, tive a oportunidade de gravar no sítio onde os Mestres nasceram.

Em 2006, a Tapera se conservava como uma comunidade rural, com um campo verde e vasto onde seus moradores, a maioria negros, viviam da agricultura de subsistência. Conversamos com alguns moradores e tivemos a informação de que ainda existiam pessoas da família Bemvindo que haviam permanecido no local.

Mestre Dentinho visitou o trecho onde tomava banho de rio e a árvore onde seu umbigo fora enterrado. Em contraste com sua infância rural, onde a espontaneidade de uma criança tinha grandes espaços para se desenvolver e brincar, Mestre Dentinho nos relatada o início de sua experiência na favela, no tempo em que chegou à Vila Cruzeiro:

No meu, no tempo que eu era mais jovem era um conjunto de barracos de madeira. Que não tinha saneamento. Não tinha ruelas. Não tinha nem ruas nem

beco. Era uma coisa que era implantado um barraco a cada distância do outro. É... inclusive até privadas não tínhamos. É isso é que eu conheço como favela. Quando necessitava de fazer uma necessidade tinha de ser feito no mato, na grama, no capim. Depois é que veio a privada. Que era um outro barraquinho menor, fechado. Fechado só pelas laterais, não tinha porta. E as casas da favela, que eram os barraquinhos de madeira. As portas que tinham, era difícil ter porta. Quem tinha uma porta com uma tramela era o comandante da comunidade da favela. E isso nos ensinou muito. Que aí a favela deixou de ser... ser favela para ser o que é hoje, o que temos hoje. E Favela para mim é isso, é um conjunto de barracos de madeira. Mal feitos, que antigamente não tinha engenharia nenhuma. Cada um chegava e fazia do teu jeito. É... é igual a oca de um índio. Cada um fazia a tua. Tinha um modelo. Mas cada um fazia do teu jeito. Usava-se sempre madeira e zinco como cobertura. Não tinha encanamento de água. Não tinha saneamento. Não tinha nada...nada...nada. Aí a palavra favela já está, do meu ponto de vista, descartada, está descartada. Hoje, hoje o barraco onde utilizo e adoro ele, ele tá mal acabado, mas ali já não é mais favela. Ali já é uma comunidade mais avançada.⁴⁷

Compreendo Mestre Dentinho como um pesquisador intuitivo das causas populares, sobretudo as marginais. Essa atitude investigativa demonstra uma atenção coerente com a arte da capoeira, que sempre foi marginalizada, assim como os moradores de favela, como nos coloca em seu depoimento:

Para mim é um nome até bonito de se falar. E bonito de se ouvir. Aliás é até fácil de se escrever. São poucas letras qualquer um analfabeto entende o que é favela. Qualquer um entende. Já sabe que o favelado é o menos favorecido. Que ainda existe. Não digo aqui..., aqui..., aqui onde nós estamos. Mas ainda existe. Como existem em outras cidades, chamadas malocas também. Que são favelas. Só que as nossas favelas daqui, vou falar sobre o Rio, elas foram implantadas em alto relevo, em morro. E malocas, em outras cidades, são favelas implantadas em buracos. Que se é baseado no idioma indígena, a maloca, porque só se fazia em baixadas, “em baixadas”. E a nossa favela cresceu muito porque as leis de épocas passadas botaram muito a sociedade de épocas passadas também contra os moradores de favelas, dizendo que eles eram as piores raças que existiam na face territorial.⁴⁸

Apesar da condição de pobreza apresentada pelos territórios populares, que muitas vezes são a única alternativa espacial possível para a população de uma cidade, a Vila Cruzeiro se tornou um abrigo para diversas culturas da diáspora africana como o Samba, a Culinária, o Candomblé, a Umbanda e, é claro, a cultura da Capoeira.

Culturas que encontraram ali um terreno fértil para se desenvolverem e se manifestarem, a exemplo das comemorações do mês de outubro, no período da Festa da

⁴⁷ Depoimento colhido em 2003 para o documentário Bemvindo.

⁴⁸ Depoimento de Mestre Dentinho colhido em 2003 para o documentário Bemvindo.

Nossa Senhora da Penha que, segundo Moura (1995), aos pés do morro da Igreja, se compunha uma grande interação cultural.

O início da Festa da Penha nos remete ao século XVII e, segundo Noronha (2003, p. 104-105), no seu auge, no século XX, ela era a “principal festa popular do Rio, depois do Carnaval, e acontecia no primeiro domingo de outubro”, como confirma o samba “Festa da Penha”, de Cartola:

Uma camisa e um terno usado
 Alguém me empresta
 Hoje é domingo
 E, eu preciso ir à festa
 Não brincarei
 Quero fazer uma oração
 Pedir à santa padroeira proteção
 Entre os amigos
 Encontrarei algum que tenha
 Hoje é domingo
 E, eu preciso ir à Penha
 Levarei dinheiro pra comprar
 Velas de cera
 Quero levar flores
 Para a santa padroeira
 Só não subirei
 A escadaria ajoelhado
 Pra não estragar
 O terno que foi emprestado⁴⁹

Segundo Noronha (2003) a Festa da Penha “que nasceu lusa com certeza”, “virou ponto de rodas de samba e capoeira, estas regadas a cachaça ou cerveja barbante (da mais barata, feita em pequenas cervejarias de fundo de quintal e vendidas em garrafas fechadas com uma rolha amarrada por um barbante).” Para Noronha (2003) a Festa da Penha se transformou em uma síntese de interação cultural:

Onde antes havia uma missa solene, com venda de medalhinhas, apresentação de músicos e dançarinos típicos das diferentes regiões de Portugal, entre barraquinhas de prendas e jogos, antecedendo o ritual de pagamento de promessas com a subida dos 365 degraus da igreja da Penha, passou a acontecer um festa sincrética, com as tias chegando na frente, no primeiro trem que saía da Central, para executar um rito de louvor aos orixás e preparar a moqueca em imensos panelões, sendo seguidas pelos homens,

⁴⁹ Música “Festa da Penha”, de Cartola: https://sonichits.com/video/Cartola/Festa_Da_Penha. Acesso em: 27/01/22.

que chegavam para o almoço trazendo instrumentos de percussão e armando rodas de samba. Como descreveu Raul Pompéia, "um delírio de sambas e fados, modinhas portuguesas, tiranas do Norte. Uma viola chocalha o compasso, um pandeiro acompanha, geme a sanfona, um negro esfrega uma faca no fundo do prato." A puritana festa da colônia portuguesa virou o palco onde mulatas sensuais davam o espetáculo, dando umbigadas desenfreadas entre fadistas. Grupos carnavalescos, cordões e zé-pereiras se misturavam com romeiros e guitarristas lusos. (NORONHA, 2003, p. 105).

Um dos marcos da territorialidade da comunidade da Vila Cruzeiro se encontra na Roda da Penha. Segundo Mestre Touro, entre os anos de 1825 e 1850 o capoeirista Manduca da Praia (Manuel Alves da Silva) iniciou os primeiros jogos de capoeira na Festa de Nossa Senhora da Penha. Uma homenagem à Santa que mais tarde viria a ser chamada de Roda da Penha. Descrita assim por Noronha (2003):

A roda de capoeira era aberta logo depois das rezas, e nela entrava qualquer um que tivesse peito para tanto. Seja pela rivalidade entre negros e portugueses, seja pela presença ostensiva da polícia ou pelas rixas entre os malandros, o fato é que a Festa da Penha muitas vezes terminava num quebra-pau generalizado, com pernadas e golpes de navalha sobrando para todos os lados. (NORONHA, 2003, p. 105).

Manduca da Praia foi descrito por Melo Morais Filho (*apud* SODRÉ, 2008, p.50) como “um pardo claro, alto, reforçado, gibento”, Mestre Touro acrescenta ainda que Manduca da Praia vendia peixes na feira da Praça XV, na cidade do Rio de Janeiro.

A origem da sua capoeiragem ainda é duvidosa para mim, pois, segundo Tavares (2012, p.120) ele era “o principal líder dos Guaiamuns”, mesma “malta”⁵⁰ da qual Mestre Touro afirma proceder sua capoeira. No entanto, Abreu (1886, p. 3, *apud*, IPHAN, 2007, p. 16-17), o cita como membro da malta “Nagôa”, que fazia oposição aos Guaiamuns e dominava os “partidos: Santa Luzia (Centro do qual foi chefe Manduca da Praia), S. José, Lapa, Sant’Anna, Moura, Bolinha de Prata, além de outros grupos menores, filiados àqueles.”

Para Noronha (2003, p.107), com “a repressão sistemática pela polícia, pela imprensa e pela Igreja, a predominância do rádio como instrumento de divulgação da música e com a morte de Tia Ciata, em 1924, a Festa da Penha foi se esvaziando.” No entanto, ainda inspiravam poetas que eternizaram o bairro, como este samba de Noel Rosa, que homenageia a boemia, a malandragem e sua navalha:

⁵⁰ Segundo SOARES (1994, p. 95), as “maltas são as raízes dos agrupamentos de capoeiras, tendo como ponto central os dois grandes grupos, nagoas e guaiamus, que conforme a tradição e a documentação da época, congregavam as diferentes maltas que “loteavam” o perímetro urbano da cidade do Rio.”

Quem tudo olha quase nada enxerga
 Quem não quebra se enverga
 A favor do vento Eu não sou perfeito
 Sei que tenho de pecar
 Mas arranjo sempre um jeito
 De me desculpar

Eu lá na Penha agora vou estifa⁵¹
 Mas não vou como um cafifa⁵²
 Quem foi lá desacatar
 Mas a força falha
 Ele teve um triste fim
 Agredido a navalha
 Na porta de um botequim

Pra ver a minha santa padroeira
 Eu vou à Penha De qualquer maneira...⁵³

Vale ressaltar que dentre tantas culturas que movimentaram a tradicional Festa da Nossa Senhora somente os capoeiras ainda se fazem presentes aos pés do morro, através da lendária Roda da Penha. Estamos falando aqui de uma roda de capoeira com pelo menos 150 anos de existência. Roda que os Mestres Touro e Dentinho frequentam desde sua chegada na Vila Cruzeiro e que posteriormente a assumiram, junto com seus discípulos e demais capoeiras da região.

Outro marco fundamental do território da Vila Cruzeiro se encontra no local de sua formação. Segundo Pollak (1992, p. 202), além “dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.” Assim, a riqueza cultural ofertada pela territorialidade da comunidade, levou os Mestres Touro e Dentinho, respectivamente com sete e seis anos de idade, a terem contato com memórias como:

...a liberdade dos negros tinha endereço certo na Zona Norte do Rio no século XIX: as encostas dos morros da Penha. Era para lá que os escravos foragidos corriam e ganhavam abrigo sob a proteção de um padre abolicionista. Livres,

⁵¹ Gíria da época: alinhado, bem-vestido.

⁵² Gíria da época: sujeito sem sorte.

⁵³ Música "De qualquer maneira" de Ary Barroso e Noel Rosa <https://www.vagalume.com.br/noel-rosa/de-qualquer-maneira.html>. Acesso em: 27/01/22.

eles começaram a ocupar a área que deu origem a duas comunidades: Vila Cruzeiro e Parque Proletário... Em finais do século 19, um certo padre Ricardo, republicano e abolicionista, capelão da irmandade da Penha, costumava abrigar em sua casa escravos fugidos das redondezas. O lugar terminou conhecido como Quilombo da Penha.”⁵⁴

Existem poucos registros a respeito do Padre Ricardo Silva. Em uma conversa com a Bibliotecária da Igreja da Penha, Jussara Faria Cestari, foi possível verificar que o Capelão contribuiu muito para a Paróquia nos anos de 1900 e 1902. Dentre tantas contribuições ele esteve à frente da construção das duas torres da Igreja.

Segundo Cestari, em 1905 o Padre Ricardo também deu início ao processo de obtenção do Título de Santuário para a Igreja da Penha. Esse título só foi conseguido depois de sua morte, em 1966, através de Dom Jaime de Barros Câmara, como consta nas atas e registros dos livros administrativos da Venerável irmandade.

A escassa informação oficial a respeito do Capelão Ricardo Silva não apagou sua contribuição no imaginário da comunidade, considerada hoje como um “Quilombo Moderno” nas palavras de Ramildo Belizário da Silva Filho, Presidente da Associações de Moradores das Quatro Bicas, comunidade localizada no território da Vila Cruzeiro, que enxerga a favela como potência resistente e acolhedora:

Essa minha expressão Quilombo Moderno, que as favelas se tornaram um Quilombo Moderno, isso já vem de antigamente, né?! Porque quando acabaram com as moradias do pessoal no Centro da cidade foi quando se formaram as favelas no Rio de Janeiro. E atualmente o quadro continua o mesmo porque dentro da favela somos nós que somos sobreviventes e o Governo Federal, o Governo Estadual e o Municipal são os Senhores Feudais e a Secretaria de Segurança é o Capitão do Mato, né! Que entra dentro das favelas para matar, para esculachar o morador, acha que todo mundo que mora na favela é bandido. Então, a minha concepção é essa, entendeu, porque eu não vi mudança nenhuma até agora, cara. Agente aqui dentro da comunidade dependemos de saneamento básico, uma boa educação, trabalho, moradia digna e não temos. O que que o Governo faz? O Governo toda a eleição o Governo entra com armas. E... porra... gente já está calejado disso, eu estou com 60 anos de Complexo da Penha, né! E até agora não vi nada mudar, cara! Um futuro melhor para os moradores. Parece que não querem que a gente bote um curso de capacitação dentro das comunidades, não quer que o povo se eduque, né! Porque se a... os moradores tiverem uma boa educação, um curso, porque dentro da comunidade sai advogado, engenheiro, sai tudo, cara! Jogador de futebol, músico. A favela, ela em si é uma potência, né! Ela é uma potência! Só que para a classe dominante, para a burguesia, eles não querem

⁵⁴ Entrevista do site Observatório Quilombola com o jornalista Alberto Barbosa, que vem publicando curiosidades sobre as origens do bairro da Penha pinçadas de publicações da época e do acervo do falecido historiador João Lima, pesquisador local. (<http://www.koinonia.org.br/oq/noticias-detalhes.asp?cod=5698>. Acesso em: 04/03/2006).

isso, porque eles querem ter sua empregada, querem ter o seu motorista e, a comunidade se capacitando não vão ter isso. Vai lutar pelos seus direitos.⁵⁵

Entendo que o exercício de abrigo trazido pelos territórios populares pode fortalecer uma atitude mais receptiva ao estigmatizado, ao estrangeiro, ao diferente, ao outro, ou seja, ao humano. Como nos coloca Ramildo Belizário da Silva Filho, liderança comunitária da comunidade Quatro Bicas:

A favela em si ela é acolhedora, a favela é solidária, aqui... um precisar o outro estende a mão. Tem gente de tudo quanto é lugar do Brasil, até de fora, da Bolívia, da África, então, a favela em si, o Complexo da Penha é um Complexo acolhedor. Isso aqui era uma fazenda, né! Que foi doada pela Irmandade Nossa Senhora da Penha e foi subdividido com o pessoal que foi... quando acabou aqueles, aquelas residências no Centro, se instalaram por aqui, né. Aqui, cara, a cultura nossa aqui é... eu sou da época que a gente tinha... tinha... tinha... Festa Caipira, a gente tinha... é... Folia de Reis.... nós tínhamos, é.... desfile de Escola de Samba aqui na Av. Nossa Senhora da Penha... é.... aqui tem... tem... várias potências de, de pessoal que estuda, batalha, consegue se formar com todas as honras porque é dificultoso para um pobre favelado chegar numa faculdade. Então, irmão... é... a gente aqui é potência sim, por isso. Mas também tem... daqui saíram vários jogadores de futebol como o Adriano Imperador, o Ives, entendeu, que jogou no Vasco. Fora outros jogadores que já se aposentaram e estão aí. Tem nosso torneio de futebol todo final de semana no Campo do Ordem. Então a gente tem a nossa cultura aqui e o nosso divertimento. Isso aí atrai gente de fora como, né, vem turistas de fora que... o nosso maior ponto turístico é a Igreja da Penha, né, cara, e a nossa Festa da Penha que é em outubro. Então a gente precisa de um olhar carinhoso do Governo para dentro da comunidade. Eu queria que eles passassem aqui uma semana dentro da comunidade, para eles rodarem para ver o que que é da comunidade, o que que precisa. Não adianta vir com projeto pronto e entrar na comunidade e jogar no peito! Não adianta! Eles têm que sentar com as lideranças locais perguntar o que que precisa, o que vocês acham, certo, a gente vai escutar, mas eles não fazem isso, cara. Infelizmente isso não acontece. Mas estamos aí na luta, né! Porque sem luta não há vitória. Valeu meu irmão! E a capoeira, né, a capoeira é um dos símbolos daqui da Penha, tanto que está a Roda tombada lá, até com a sua ajuda, né! Lá no Largo da Penha, com Mestre Dentinho e Mestre Touro, então, estamos aí, cara! Agente precisa de ajuda e conto contigo nisso aí, valeu! Forte abraço!⁵⁶

Ramildo Belizário sugere que entendamos as Favelas como Quilombos Modernos, devido aos conflitos ocorridos no passado e que ainda hoje se reproduzem como um ciclo vicioso que não aprendemos a resolver. Segundo Mestre Touro, guarda dentro de si um grito por reconhecimento:

Quer dizer, então, de repente é a maneira que essas pessoas fazem de gritar para a sociedade. Socorro! Vocês não querem me socorrer então vou brigar! Então, a maior resistência, justamente esses caras que tão aí com... eles não sabem falar, eles não foram educados para falar, eles não tem outra maneira de

⁵⁵ Depoimento de Ramildo Belizário da Silva Filho (Presidente da Associação dos Moradores da Comunidade Quatro Bicas), no dia 31/01/2022.

⁵⁶ Depoimento de Ramildo Belizário da Silva Filho (Presidente da Associação dos Moradores da Comunidade Quatro Bicas), no dia 31/01/2022.

brigar. E nem de aparecer. De repente um moleque entra para a vida do crime porque ele quer aparecer. Ele acha bonito tá com arma na mão. Ou... ou então começa a cheirar, fumar, para aparecer, para dizer... não... eu faço isso! Eu sou malandro! Eu sou esperto! Então, eu acho que a sociedade tem 90% de culpa porque deveria educar as pessoas. Educar que eu digo não é abrir um monte de escola sem professores que nem existe na sociedade não. É ir na própria comunidade e botar as escolas e os professores, de repente nem precisa escola, só botar os professores. Todo mundo quer aprender. Agora, muitas pessoas tem vergonha e medo de descer para aprender.⁵⁷

Além de moradores do território da Vila Cruzeiro há mais de 40 anos, os meninos Touro e Dentinho foram escolhidos como seus Mestres. De modo que compreendo os irmãos Bemvindo como representantes legítimos da dinâmica humana e espacial desse território.

Percebo os Mestres Bemvindo como uma síntese dessa territorialidade encarnada em seus corpos. Como uma morada corporal de gestos e movimentos de uma dinâmica territorial comunitária, que se apresentou como uma brecha, uma fissura e uma oportunidade de acolhimento para as culturas diaspóricas.

Através de Tavares (2012, p.105), compreendo que essa territorialidade encarnada se “encontra sobreterminada pelo repertório linguístico – como *background* -, que a comunidade a que este corpo pertence trará”, como uma perspectiva do seu coletivo. Uma perspectiva política, diaspórica e comunitária.

Ao refletirmos sobre a enunciação dos corpos desses dois Mestres de capoeira, penso que poderemos contribuir com a pluralidade apresentada pela realidade de outros Mestres, isto é, de outras territorialidades, como nos coloca Pollak (1992):

Digo portanto que se nos proporcionamos os meios e as condições para construir cientificamente, com todas as técnicas das quais dispomos hoje em dia, temos condições de produzir um discurso realmente sensível à pluralidade das realidades. Temos uma possibilidade, não de objetividade, mas de objetivação, que leva em conta a pluralidade das realidades e dos atos. Acredito que um discurso científico desse tipo é perfeitamente possível, nem que seja como projeto. (POLLAK, 1992, p. 211).

Assim, em oposição à analítica cartesiana, juntos, Mestres Touro e Dentinho formam um “fragmento” da Vila Cruzeiro, que segundo Lissovsky (in GONDAR, JÔ e DODEBEI, 2005, p. 133), baseado em Benjamin, se funda no exame dos "detalhes", em

⁵⁷ Depoimento de Mestre Touro colhido em 2003 para o documentário Bemvindo.

que o fragmento guarda um ponto de vista único sobre o “Todo”, irreduzível a qualquer outro.

Um fragmento de memória muitas vezes marginalizado ou silenciado, mas que, dialeticamente, a partir de Porto-Gonçalves (2006, p.51), é possível compreender que ele apresenta uma forma de “(r)existência” cultural onde “(r)existir” quer dizer “mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage simplesmente à ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se RExiste.” Como nos coloca Mestre Touro a respeito da sua resistência na capoeira:

Se eu não fosse um cara de resistência eu já teria... ou partido para o crime... ou já estava massacrado a muito tempo ou mendigando. Conheço um monte de pessoas que conviveram comigo na feira que é mendigo, outros estão presos. Se eu não fosse um cara de resistência, de lutar pelo meu ideal, que eu tenho um ideal, eu sou capoeirista, Mestre de capoeira, minha capoeira é essa e meu ideal é esse. Se eu não fosse isso já era! Já tinha dançado a muito tempo! Ou estaria morto, preso ou mendigando. Primeiro lugar, eu não ia correr atrás de trabalho, outra coisa, eu não ia querer ser igual ou melhor que os outros. Então esse meu idealismo é vencer... é ser... é ser eu. E, consegui me encontrar. Consegui saber quem sou eu. Consegui descobrir que eu tenho uma riqueza. Que não é para qualquer um. Esse meu dom de capoeirista, sei lá, essa minha missão, é missão, isso é missão. A capoeira me deu uma missão. E eu cumpro tão bem, rapaz. Então, eu estou feliz da vida. Então, se eu não fosse um cara de resistência, teria acabado já a muito tempo. Luto pela capoeira, em defesa da capoeira, não aceito que... os caras venham modificá-la, se modificá-la para mim deixa de ser capoeira.⁵⁸

Sem o acolhimento dificilmente haveria r-existência. Inicialmente imposto pela condição econômica, o acolhimento da favela pode ser um limite fronteiro entre sobreviver ou não. Sabemos que algumas casas possuem apenas um só cômodo para mais de dez pessoas, muitas vezes com famílias distintas.

A proximidade entre as janelas, becos, vielas, brechas e quebradas, também se refletem na relação humana dos que ali habitam, assim como no seu modo de ser e sua perspectiva de vida. Assim, mesmo diante da dinâmica dos conflitos e da diferença, é imposto a essas pessoas o exercício da morada comum, com o outro.

E foi valendo-se do exercício de acolhimento dos territórios populares que a capoeira de outros Estados brasileiros pôde se aproximar e fixar residência no Rio de Janeiro. Segundo o Mestre Alcino, filho de Mestre Dentinho, quando seu Pai chegou à Vila Cruzeiro no final da década de 1950 teve contato com o capoeirista Fernandinho da

⁵⁸ Depoimento de Mestre Touro colhido em 2003 para o documentário Bemvindo.

Bahia e através dele se iniciou na capoeira. Como confirma o pesquisador Matthias Assunção (2019):

Outro baiano da primeira geração de capoeiristas no Rio foi Fernandinho. M. Gegê lembra que ele dava aulas na Escola de Samba Rouxinol, na Penha, “embaixo do Cruzeiro”. O grupo de Fernandinho fazia também apresentações de capoeira, ali e no Morro do Alemão, incluindo seus alunos – alguns dos quais se revelariam personalidades importantes no cenário da capoeira carioca, como M. Dentinho da Penha. (ASSUNÇÃO, 2019, p. 91).

Ainda segundo o Mestre Alcino, Mestre Fernandinho aprendeu capoeira com seus irmãos, os capoeiras Nilton e Nelson Cutica, todos representantes da antiga capoeira baiana, denominada de modo geral de Angola. Assim, a partir da composição da capoeira baiana e de elementos da capoeira carioca, Mestre Dentinho desenvolveu um estilo próprio de jogar capoeira, denominado por alguns de seus discípulos como “Angola da Penha”.

Mestre Dentinho ganhou seu apelido ainda criança. Apesar da precariedade de sua realidade na Favela, os esportes sempre fizeram parte de sua vida, seja na corrida, na natação, no judô, no jiu-jitsu ou na capoeira, seu apelido marcou sua trajetória desde cedo:

É porque quando eu era mais novo eu era feio. Aí eu tinha os dentes salientes para fora. E sempre gostei de usar os dentes para morder, para mastigar, para sorrir, para escovar. Então os dentes são coisas que eu sempre usei. E principalmente para morder as pessoas. Quando eu estou brigando, que o adversário é mais forte do que eu... eu uso toda a minha arcada dentária que é uma das defesas naturais que eu tenho. Isso... se alguém me tirar eu tenho que usar um outro processo, mas enquanto tiver essa arcada com mais de 80 dentes na boca (fala em tom de brincadeira) o Dentinho vai funcionando. Aí a gurizada que jogava capoeira comigo, era um esporte luta, né?! Então quando lutava comigo quando eu via que eu estava perdendo eu ia no pescoço mordida... na orelha, nas costas, a onde me desse chance eu mordida, sola do pé, onde me desse chance eu mordida, até a sola do pé eu costumo morder, depende do adversário, se ele me der a sola do pé... é a sola do pé que eu tiro um pedaço. E é para tirar pedaço. Igual Mike Tyson tirou da orelha do Holyfield. Então, o dente é para isso, para gente roer osso, morder alguém, escovar e quem puder sorrir com ele bonito sorri, quem não puder... sorri sem ele.⁵⁹

E nós estamos sobrevivendo e essa sobrevivência para nós é uma honra, por ser considerado o Dentinho, né?! O Dentinho. Um pseudônimo que me deram quando ainda criança. Eu era e consegui manter até hoje, dentro do espírito esportivo. Foi dentro do esporte que eu consegui esse pseudônimo de Dentinho. Que chegou a ser hoje a peça que sou para o esporte. Em todos os esportes que eu entrei, sempre me destaquei. As vezes não ser campeão, mas me destaquei. Brilhei, né?! Brilhei. Como as estrelas brilham no céu, porque nem todas as estrelas brilham, sempre uma tem mais volume que a outra. Eu fui uma dessas estrelas. Brilhei pouco, mas consegui um brilho que nunca imaginei que fosse conseguir. E o pseudônimo de Mestre Dentinho, que hoje

⁵⁹ Depoimento colhido em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

é. Eu nunca imaginei que esse nome seria levado a tantos ouvidos, né! A tantos ouvidos... Isso é bom, isso é bom, para o Mestre Dentinho.⁶⁰

Mestre Dentinho também nos expôs outros apelidos. Alguns associados à sua infância, como o de Coelho:

Uma das vezes foi Coelho, que eu tinha o dente... como eu falei antes... saliente. E o coelho sempre tem os dentes para frente. E gostava de comer cenoura, couve... então era coisa que eu achava no meio do mato... comia. Eu era comedor de mato. Então, eu tive o pseudônimo de coelho.⁶¹

E outros apelidos associados ao preconceito em relação a sua cor. Situação que o punha a refletir, como um Filósofo:

Tive de bandoleiro, tenho até hoje de mentiroso. Que tem gente que fala mais mentira do que eu e sobrevive melhor do que eu. Só que as minhas mentiras não são acreditadas porque a minha cor não permite. Quando se fala a verdade, na minha cor é mentira, quando a cor é branca é palestra. Eu admiro quem é pensador, eu não quero ter o título de pensador, mas eu penso, penso bastante, mesmo com a pouca cultura.⁶²

Já Mestre Touro assumiu a capoeira do Rio de Janeiro como seu abrigo cultural, denominada por ele como “Capoeira de Angola de São Bento Grande”. Seus primeiros ensinamentos dessa arte ocorreram com Mestre Celso Pepe, discípulo de Mestre Leopoldina.

Por sua vez Mestre Leopoldina aprendeu com Quinzinho, um “marginal” do século passado que Mestre Touro afirma ser um remanescente da malta Guaiamuns, antiga capoeira do Rio de Janeiro do século XIX. A respeito de Quinzinho, Mestre Leopoldina afirmou:

Meu nome é Derneval Lopes Lacerda (Mestre Leopoldina). Comecei a aprender capoeira com meus 20 anos de idade, no ano de 1932, no antigo morro da favela, (atual morro da providência) com o marginal chamado Joaquim Félix, conhecido por Quinzinho que fora morto a tiro no ano de 1954, em uma de suas costumeiras rebeliões, e quase sempre ele liderava, quando cumpria pena no presídio da Ilha Grande. Noticiado pela imprensa da época, foi o chefe de disciplina de vulgo Chicão que fez o disparo, Quinzinho ensinava-me capoeira, na intenção de preparar-me como bandido. Naquela época eu não sabia nem o que era mestre, nem mesmo os nomes dos golpes que ele nos ensinava. Aprendi o jogo da capoeira, muita gíria e malandragem. Quando Quinzinho foi preso em 1954, eu tive que percorrer outros caminhos para prosseguir meus treinamentos de capoeira. Então eu conheci a academia do

⁶⁰ Depoimento gravado com Mestre Dentinho em 2003 para o documentário Bemvindo.

⁶¹ Depoimento colhido para o Documentário BEMVINDO, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

⁶² Depoimento colhido para o Documentário BEMVINDO, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, em 2006.

mestre Arthur Emídio, no bairro de Bonsucesso e comecei a freqüentar as rodas dominicais, e até mesmo treinava nos dias de aulas. Daí comecei a me socializar. Eu me fiscalizava, para não falar gírias e procurava me comportar com outras pessoas, porque passei a conviver em outro ambiente social. Com o mestre Arthur Emídio eu aprendi muita coisa, como por exemplo o nome dos golpes, e o que eu deveria ensinar para divulgar a capoeira. Então resolvi criar meu grupo de capoeira, cujo nome é Bantos de Angola. Com o passar do tempo o simples Leopoldina passou a ser considerado pela imprensa, e o povo em geral, como o Mestre Leopoldina, que vive viajando o mundo todo para divulgar e mostrar minhas habilidades na capoeira. Como você pode observar, eu escolhi o bom caminho, da honestidade e cumpridor de meus deveres, pois esse é o melhor caminho, mesmo eu tendo um mestre que viveu à margem da lei. Não andei, nem meus discípulos pois todos são pessoas de respeito, trabalhadores e honrados. (BEMVINDO, p. 219-220, ainda não publicado).

Através desse depoimento podemos concluir que Mestre Leopoldina já tinha 22 anos de prática de capoeira quando teve contato pela primeira vez com a capoeira baiana de Mestre Arthur Emídio, em 1954, ano da morte de Quinzinho. A respeito de Mestre Arthur Emídio, Mestre Touro nos expõe o seguinte:

Arthur Emídio, quando veio para cá era lutador de Luta Livre. Ele chegou aqui viu que era ‘mole’ ganhar dinheiro ensinando capoeira começou a ensinar capoeira. O Leopoldina lá no Morro da Providência desceu, o Arthur Emídio falou assim: ‘muda tua maneira de ser porque assim você não vai ganhar dinheiro não!’ Aí o Leopoldina ‘bobinho’, né?! Se modificou, mas o estilo dele de malandro teve que manter. E o estilo de capoeira dele também teve que manter. Só modificou o jeito de falar. Eu sou aluno do Mestre aí, o Mestre fala por mim. É assim que era. Então nós temos que conscientizar os capoeiristas que tão aí com anel de doutores pra lutar em defesa da origem da capoeira. Não tô dizendo que é pra dizer que a da Bahia não é da Bahia. Da Bahia é da Bahia, do Rio é do Rio, de Pernambuco é de Pernambuco. E se procurar em outros Estados... escravo desembarcou em vários Estados. Então, se procurar..., ela nasceu em outros Estados também.⁶³

No entanto, apesar do contato de Mestre Leopoldina com Mestre Arthur Emídio, Mestre Touro afirma que sua capoeira provém somente das maltas cariocas, como nos coloca em seu depoimento:

Enquanto que os capoeiras de outros estados tiveram apoio e proteção das autoridades políticas locais. Pelos fatos históricos dos grupos ou maltas de capoeira do Rio de Janeiro, pode-se deduzir que minha capoeira, ou estilo originou-se das maltas guaiamuns, pelos seus locais de treinamentos e domínios, e das minhas raízes de capoeira, até onde os meus conhecimentos alcançam, pertencendo ao Mestre Quinzinho (que ensinou ao Mestre Leopoldina), malandro com processos criminais, e que de várias prisões na época, que controlava os morros da Favela, Saúde, Livramento e Central do Brasil. Esses locais, eram domínios das maltas Guaiamuns, principalmente o morro do Livramento, lugar onde os Guaiamuns treinavam ou ensinavam a prática da capoeira, (BEMVINDO, p. 13, ainda não publicado).

⁶³ Depoimento de Mestre Touro na banca de avaliação do projeto desta pesquisa, no dia no dia 11 de maio de 2021.

Na banca de avaliação do projeto desta pesquisa, no Programa de Mestrado em Memória Social (PPGMS) da UNIRO, no dia 11 de maio de 2021, tivemos a oportunidade de ouvir o depoimento do Mestre Touro a respeito da memória de sua capoeira. Nesse momento foi possível que Mestre Touro apresentasse mais informações a respeito da sua capoeira, da história brasileira e também pudemos acompanhar como o Mestre realiza a sua elaboração histórico-cultural.

A partir de Santos (2002), entendo que mesmo com um histórico de desterritorialização ou desculturalização (alienação), pelo qual a família Bemvindo passou, Mestre Touro utilizou a capoeira como um elo de conexão e apropriação cultural e política da realidade, que o levou a reconstrução de sua história. Como podemos perceber na sequência do seu depoimento:

Quero dizer a todos que a minha capoeira é a capoeira do Rio de Janeiro. Então esta capoeira é antiga. Essa eu sei a história dela. Não sou que nem esses outros capoeiristas que não sabem a suas origens. A minha capoeira nasceu, ou melhor, surgiu os primeiros vestígios da minha capoeira no ano de 1503, quando o navegador Américo Vespúcio, a serviço de Portugal, veio de passagem pelo Rio de Janeiro. Acho que já era a quarta ou quinta, já que ele passava por aqui. Quando Colombo descobriu as Américas ele já passava por aqui a muito tempo. Por isso que o nome das Américas é América, em homenagem ao Américo Vespúcio, que antes já dizia que existia esse lugar, quer dizer, as Américas.

Então ele (Américo Vespúcio) passou aqui pelo Rio de Janeiro em 1502 quando o Brasil ainda era a Terra dos Papagaios, ali ele desembarcou em Cabo Frio e construiu um Forte. E no ano de 1503 ele seguiu viagem, mas deixou 23 de seus tripulantes... 26 de seus tripulantes armados, quer dizer, soldados para guardar as terras novas de qualquer invasão de qualquer outro estrangeiro que chegasse. E então deixou também alguns escravos que mataram os soldados que ele deixou, com as pontas dos pés, que é o nosso ponta pé de hoje em dia e serviram eles de banquete para os habitantes locais, que eram os índios Tamoyos e canibais. Aí então surgiram os primeiros vestígios da capoeira carioca. E essa capoeira foi crescendo.

Eu vou pular um pouquinho... No século XVII, os capoeiristas passaram a praticar seus movimentos de ataque e defesa com mais nitidez. E então na cidade do Rio de Janeiro, Pernambuco, em Recife, os capoeiristas ficaram famosos por causa das suas façanhas. E então eles eram os negros, escravos, que não era os brancos escravos, porque existiam os Mouros também, que não eram negros. Então eles conseguiram a sua liberdade através da luta, porque na época era luta. E para se manterem livres passaram a usar essas mesmas armas e até hoje é conhecido como capoeira.

Mas acontece que é só a capoeira do Rio de Janeiro que conta a sua história. Os outros Estados não contam. Eu não sei por quê. De repente a capoeira dos outros Estados apareceu do ano de 1900... é! Porque parece ela surgiu, a história começa dali... de Mestre Bimba e Pastinha. A de Pernambuco se apagou. A do Rio de Janeiro não, a do Rio de Janeiro também teve sorte, o D. Pedro I foi grande capoeirista. Ele aprendeu capoeira nos morros, nos quilombos do Rio de Janeiro e nas senzalas, na Quinta da Boa Vista. E ele foi criado com o Chalaça, apesar da diferença de idade, né... que o Chalaça nasceu

no dia 20 de setembro de 1791 e D. Pedro I no dia 12 de outubro de 1789. Posso até estar enganado, mas é com certeza! E então eles se encontravam na Taberna da Corneta. A Taberna da Corneta ficava na Rua da Viola. Rua da Viola é onde tem a Igreja Santa Cecília aqui no Rio de Janeiro, no centro da cidade. Santa Cecília não... esqueci o nome da Santa, mais é uma Santa. Então, o que eles faziam? Eles saíam pelo Rio de Janeiro, pela cidade do Rio de Janeiro promovendo arruaça, porque lá eles encontravam com as Maltas dele. Ali já tinha Malta formada, o Rio de Janeiro todinho sempre foi Malta. Malta é sinônimo de grupo, quer dizer os grupos já eram formados no Rio de Janeiro desde o início da capoeiragem.

E então, com isso aí, eles levaram até quando surgiu o Major Vidigal! Dr. Miguel Nunes de Vidigal, nascido em Angra dos Reis, no ano de 1745. E o Major Vidigal foi um excelente capoeirista. Ele veio de Portugal como Sargento de Milícia, que o cargo aqui corresponde ao posto de Major. Então ele era o Major Vidigal, subcomandante da Polícia. Porque Don João VI, com medo dos capoeiristas e da marginalidade da época criou em 12 de outubro de 1809 a Guarda Real de Polícia, que é esta PM.

O Major Vidigal como grande capoeirista, ele perseguia os candomblecistas, os sambistas e os capoeiristas. Quando prendia levava para a Dança dos Camarões ou para a Ceia dos Camarões, que era onde botava os capoeiristas e tome chicotada e depois prendia.

Então, de 23 de abril de 1821 a 12 de outubro 1824 o Major Vidigal foi Chefe de Polícia do Rio de Janeiro. E como Chefe de Polícia do Rio de Janeiro ele foi um dos maiores combatentes de capoeiristas na época. E usava chicote como arma, que os mantinha à distância. O Major Vidigal era um excelente capoeirista. Ele era um cara forte, grandão, tinha mais ou menos dois metros e dez por aí... e largão! E ele morreu no dia 10 de julho de 1845, com 98 anos de idade, num bairro que hoje é conhecido como bairro do Vidigal.

E daí teve a Guerra do Paraguai. Os capoeiristas foram para defender a Guerra do Paraguai. Quando Luis Alves de Lima gritou 'sigam os que forem brasileiros', os capoeiristas já estavam do outro lado de lá da ponte! Atacando, batendo, porque D. Pedro II colocou os capoeiristas para que eles morressem na Guerra, para livrar a sociedade deles, mesmo que fosse às custas de suas vidas. Então, os capoeiristas venceram a Guerra do Paraguai e quando voltaram, voltaram imune à perseguição policial. E isso aí, continuando as Maltas, os grupos, porque não acabou. Então eles começaram a ter prestígio com a nobreza, né?! Frequentavam a corte, alguns eram convidados para dar aula, para ensinar capoeira para os nobres, outros continuavam na briga, alguns ganharam o posto de Alferes no Exército, outros não. E foi com os capoeiristas que fundaram o Exército brasileiro. O Exército brasileiro foi fundado com os capoeiristas na Guerra do Paraguai. O Brasil não tinha Exército. Tinha só os Oficiais que já vinham formados. Coronel, General já vinha de lá pronto. E a Coroa era defendida pelos mercenários. Que por maus tratos dos seus subalternos eles se revoltaram. E então, D. Pedro I, usou os capoeiristas para tomar de volta o poder. Teve uma grande batalha no Campo de Santana. Não sei a data, mas sei que teve. Os capoeiristas derrotaram os mercenários.

Os capoeiras sempre foram usados pela sociedade.

Os capoeiristas apoiavam a Princesa Isabel e o Deodoro era republicano. Então teve a Guerra do republicano contra os capoeiristas. Foi onde criaram o Decreto Lei de número 811... não... 840... 480... e... eu esqueci. E então, com esse decreto era para combater os capoeiristas. E os capoeiristas já se sentindo derrotados, eles fugiram para os morros. Foi depois da Guerra dos Canudos que começaram a chegar os baianos. Eles ficaram lá na Central, né?! E quando eles começaram a tirar os pobres de lá, subiram o morro da Favela. E lá surgiu a primeira Favela, com as Maltas cariocas. Mas a Malta que comandava lá era

os Guaiamuns. Eu sou descendente dos Guaiamuns. Essa é a história da minha capoeiragem.⁶⁴

A primeira vez que vi Mestre Touro foi no carnaval de 2003, momentos depois de ter encontrado Mestre Dentinho que, na ocasião, estava caminhando com seu sobrinho, Jorge Bemvindo, filho de Mestre Touro. Sem saber o futuro que nos aguardava, todos os principais atores desta pesquisa estavam vadiando em um bloco de carnaval no centro da cidade do Rio de Janeiro. Neste dia, depois de revirar bastante a sua memória, Mestre Dentinho me ofereceu seu telefone para um posterior contato.

Eu estava sentado na esquina da Rua Ouvidor com a Rua Ramalho Ortigão, no Largo de São Francisco quando Mestre Touro apareceu com uma calça branca surrada e sem camisa. Lembro de ter pensado “esse é capoeira” apenas por seu caminhar e sua intensidade física. Apesar de seus cabelos brancos, seu corpo conservava a expressão e a força responsáveis pelo seu apelido.

Em março de 2003 liguei para Mestre Dentinho. Após o contato telefônico com o Mestre recebi o convite para ir à Penha. Lembro exatamente daquele momento que para mim foi bastante apreensivo e instigante, pois desconfiava de que o telefone apresentado por Mestre Dentinho, em pleno carnaval de rua, não estivesse correto, mas estava.

A pessoa que me atendeu também se chamava Rafael, era seu sobrinho e o chamou na ligação. Ele demorou para atender, mas quando ouvi a voz do Mestre por telefone senti uma mistura de alívio e euforia, pois a continuidade dos encontros estava praticamente assegurada.

Assim, no dia 05 de abril (primeiro sábado do mês) de 2003 tive a oportunidade de jogar com o Mestre Touro e Mestre Dentinho pela primeira vez. Mestre Dentinho me levou à roda de seu irmão, próximo à comunidade Quatro Bicas, no território da Vila Cruzeiro.

Mestre Dentinho marcou comigo no ponto de ônibus do antigo Cortume Carioca, localizado na Penha. O Cortume Carioca fora uma das fábricas de couro mais importantes do Brasil a partir da década de 1920, mas já estava desativada naquela época e apenas os escombros abandonados estavam ali presentes.

⁶⁴ Depoimento de Mestre Touro na banca de avaliação do projeto desta pesquisa, no dia no dia 11 de maio de 2021.

Nos encontramos às 15h e a roda de Mestre Touro era às 17h. Levamos mais de 1 hora no trajeto entre o Cortume Carioca até a casa de seu irmão mais velho, um percurso de cerca de 1,5 km, mas Mestre Dentinho era cumprimentado a cada 10 metros. Era O Mestre passando. Chegamos na roda do Mestre Touro cerca de 30 minutos antes do início.

Quando cheguei na casa 363, da rua Paul Muller, já estavam presentes Mestre Zé, Mestre Crioulo, Mestre Touro, Jorginho, seu filho, e a Lú (Luciene Andrade), sua esposa. Confesso que fiquei intimidado em jogar em uma roda desconhecida, sobretudo por ouvir histórias de que a capoeira do subúrbio era mais dura do que eu estava acostumado.

Apesar de ter levado uma calça mais flexível, resolvi dizer que não havia levado roupa adequada, mas Mestre Touro retrucou dizendo que “capoeira que é capoeira joga de qualquer jeito”. Resumindo, tive que jogar com minha calça jeans. E nesse dia pude perceber como o Mestre começava sua roda:

Eu havia dito que... a minha casa é a casa dos amigos. Então, a roda de capoeira chama-se roda livre. Livre, você pode chegar, quer dizer, não vai chegar de bermuda que pega mal. Mas com uma calça branca, uma calça jeans, sei lá, do jeito que você chegar você joga. Sem camisa, de camisa e qualquer estilo. Eu costumo, para agradar inclusive a mim, abrir a roda com toque de Angola. Geralmente a metade da roda é em estilo angola, depois que eu modifico o ritmo, que eu aumento o ritmo. Inclusive esse toque de Angola é até mais fácil, melhor para agente treinar, para praticar. Tu jogas sem aquela intenção de ficar pulando, sem querer aparecer, tua exibição é... é no jogo. É só encostar, mostrar que pode fazer. É assim que é o Angoleiro. E se torna mais liso. Liso que eu digo é bom de capoeira. Então, a metade é no toque de Angola, depois é que eu aumento a velocidade do ritmo, chegando ao toque de São Bento, que é o Regional que vocês falam.⁶⁵

Por outro lado, creio que uma roupa mais flexível não me auxiliaria muito naquela ocasião - eu “apanharia” de qualquer jeito. Lembro de ter jogado primeiro com Mestre Dentinho e numa segunda chance joguei com Mestre Zé. Sem vê-lo sair do berimbau, Mestre Touro comprou o jogo. Ele já estava com sua camisa branca na cabeça e cresceu na minha frente. Lembro que passei sufoco. Na verdade, quando jogo com ele sempre passo.

Fui cercado em cada canto da roda, tapas, gritos e voadoras me obrigavam a ir para a negativa, movimento de esquiva que os capoeiristas fazem no plano baixo, mas

⁶⁵ Depoimento de Mestre Touro para o Documentário Bemvindo, em 2003.

que na ocasião não adiantou muito. Finalmente o Mestre cansou e chamou o Mestre Crioulo para substituí-lo, dizendo: “pega esse cara aí pra mim!”

Apesar do sufoco, me senti “batizado” para dar início a pesquisa, imediatamente autorizada por Mestre Touro, que começou a me chamar de “Cabeludo”. Até hoje é assim que sou chamado na Penha.

Com a convivência no cotidiano de sua casa, nas rodas e na vadiagem pude perceber melhor a liderança de Mestre Touro. Havia uma hierarquia implícita entre os irmãos que levou Mestre Dentinho a me apresentar ao seu irmão mais velho. Mestre Touro é um líder nato, rigoroso e se faz respeitar tanto pela força quanto por seus preceitos na capoeira.

Apesar de cada Mestre de capoeira ter sua autonomia, a liderança de Mestre Touro no território da Penha é inegável. Posso ilustrar a liderança de Mestre Touro pela descrição de Whyte (2005, p. 28), quando expõe o personagem Doc, em seu livro Sociedade de Esquina, pois não é “só no “murro”, ele é a pessoa que sempre pensa, articula e organiza coletivamente as coisas que tem que ser feitas. Ele representa o coração e também “o cérebro do grupo.”

Ele demonstra sua liderança física a cada jogo desde o início dos grandes desafios da capoeira quando era soldado do exército e vencida disputas internas e em desafios com outras modalidades, como quando venceu com sua destreza capoeirística o professor de Karatê e faixa preta Manoel Félix Leite na década de 1980.

À cada roda de capoeira, mesmo no auge dos seus mais de seus 70 anos de idade, Mestre Touro parte para a ofensiva. É sua característica. Voadoras, gritos, ameaças e ironias fazem parte do seu repertório e, dependendo do oponente, o contato pode ser mais estreito.

Para compreendemos melhor a reconstrução dos contornos da identidade capoeirística de Mestre Touro, além da memória corporal reconstruída por ele, consideramos importante compreendermos o conceito de cultura de Stuart Hall (2013), também jamaicano como o menino Thomas, que ao discorrer sobre a diáspora africana no Caribe, o apresenta como uma produção de si:

a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos

capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2013, p.49).

Outro olhar que colabora para compreendermos algumas posições de Mestre Touro é o apresentado por Ribeiro (2020, p. 66), sobretudo quando a autora entende que a cultura é “um dos elementos fundamentais para a organização das classes subalternas”, como na experiência do Mestre na educação formal e na política:

E quando eu tive... quando eu fui... já estava adulto e fui procurar estudar, eu não tinha como me adaptar porque as pessoas já começavam a rir de mim. É o que eu digo, não pode mandar o cara lá de cima vir para a escola aqui em baixo. Tem que mandar a escola lá em cima no cara. Porque ele tem vergonha de vir. E, sem querer, as pessoas vão rir deles. As vezes eu falo errado, no meio das pessoas que tem conhecimento, que são letrados, que eu não sou letrado. Alguns me corrigem, outros... “negão burro”. Então isso, quer dizer, não me proíbe de falar, eu não fico sem jeito de falar não, porque eu vou falar e chamo ele de idiota, burro é você rapaz, não tá vendo que eu não sei?! Entendeu? Isso faz com que o cara se retraia, procure não falar mais, o cara fica fechado, fica só ouvindo. Isso é vergonha que o cara tem de falar, porque sabe que vai falar errado. Então se o cara incentivasse, oh... ah... eu quero falar uma palavra falei errado o cara... não, oh Touro, é assim que se fala, a palavra é essa, né, Touro?! Não é isso que você quis dizer? As vezes o Gil Velho, várias vezes até... não o que o Touro quer dizer é isso... o Gato também, o que o Touro quer dizer é isso, então, com eles eu posso conversar abertamente e qualquer um pode conversar abertamente por que não vai se sentir inibido de “pagar aquele mico” como se diz. Então, acho que é a onde a sociedade não deixa o cara progredir. Porque de repente se ele me incentivar... quando eu encontro um incentivo eu vou à frente. Eu vim candidato a vereador, dei discurso político, por quê? Porque quando eu falava... falava errado, nego, não, tu falou assim... é isso mesmo, tem que falar assim, do jeito que você é. E moral da história, aprendi até a falar melhor. Então, isso aqui fica em geral no meu conselho para todo mundo, quando pegar um cara analfabeto, ignorante, não faça ele passar vergonha, ensine a ele, ajude, incentive. É, que o incentivo ajuda o cara a desenvolver. Mais tarde, de repente a uns cinquenta ou cem anos, tu vai ver menos gente de arma na mão. Eles vão estar de livro. É!⁶⁶

A partir de Ribeiro (2020, p. 66), compreendo que a cultura da capoeira contribuiu na organização do corpo diaspórico, envolvendo-o em uma “disciplina do próprio eu interior”, na “apropriação da própria personalidade, numa só expressão”. Como nos coloca Mestre Touro ao lidar com sua negritude:

Agora a pouco tempo que eu... poucos anos, né? Que eu tive a coragem de falar abertamente o que eu penso e o que eu sinto. Porque antigamente eu tinha vergonha de falar. Eu fui tão mal educado. Mal educado não, sem educação, né?! Que eu tinha vergonha de dizer que era negro. Fui descobrir isso agora, a pouco tempo. Então, tem que ensinar isso para essa turma. E não adianta me

⁶⁶ Depoimento gravado com Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

fazer Doutor e eu ir para a PUC não. Tem que fazer o negro Doutor, o pobre Doutor e deixar ele ali na pobreza para ele transmitir aquilo para os outros.⁶⁷

Podemos perceber em Mestre Touro a necessidade da construção de uma consciência política mais ampla, mas ao mesmo tempo comunitária. Segundo Ribeiro (2020, p. 66), é graças a essa consciência “que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres.” Como complementa Mestre Touro:

Não... eu sempre assumi a negritude, mas eu não sabia. Eu era ignorante. Eu era um negro que não sabia que era negro. É a mesma coisa o cara está lá escravo a vida toda e aceitando aquela condição de ser escravo, sem saber que o escravo tem que dizer, espera aí, eu sou escravo, mas eu quero liberdade! Sou livre que nem você. Então, quando eu assumi... passei a notar que eu sou negro, eu falei, eu sou negro, mas eu sou igual a esse cara, rapaz! Sou mais inteligente que ele. Porque ele estudou e eu não estudei. Ele teve alguém para ensinar a ele, eu não precisei disso. Então, eu sou mais inteligente, eu aprendi sozinho. Então, eu descobri que... o mínimo que vocês... que os... a sociedade branca, a sociedade que eu digo são os brancos. Que a maioria é branco mesmo. O único negro da sociedade que pode dizer é Pelé, Ronaldinho que tá com bala na agulha. Mesmo assim é discriminado. A mãe dele foi lá em Copacabana, lá na Barra lá... não deixaram entrar porque é favelada. Então, eu descobri isso, aí eu falei ué, o mínimo que eu posso fazer pelos caras é considerar eles igual a mim. Inferior a eles jamais. E tem mais, eu faço uma coisa muito bonita, chamasse capoeira, todo mundo fica assim, oh! (faz a expressão de boca aberta). É ou não é?! (risos). Quando eu joga capoeira todo mundo fica de boca aberta olhando. Então, eu tenho o meu valor.⁶⁸

Baseada em Gramsci, Ribeiro (2020) destaca a importância política da cultura na “construção de uma vontade coletiva, contrapondo-se às concepções de mundo que fundamentam a hegemonia do capital.” A cultura é um espaço de disputa onde a amplitude da *práxis* política de cada Mestre está diretamente relacionada a sua legitimidade comunitária.

Ao invés das diferenças entre os Mestres Touro e Dentinho provocarem a anulação ou a preponderância de uma identidade sobre a outra, entendo que suas distinções contribuíram para fortalecimento de suas singularidades, a ponto de afirmar que Alcino de Oliveira Bemvindo não seria o grande Mestre Dentinho sem Antônio, e esse não seria o grande Mestre Touro sem Alcino. Assim, sobre a alteridade, Pollak (1992, p. 204) nos esclarece que:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de

⁶⁷ Depoimento gravado com Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

⁶⁸ Depoimento gravado com Mestre Touro em 2003 para o documentário Bemvindo.

transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p. 204).

A diferença entre os irmãos Bemvindo também pode ser melhor compreendida se levarmos em consideração a explicação de paradoxo de Hall (2003), que evoca a diferença intrinsecamente hibridizada de toda identidade, sobretudo as diaspóricas. Assim, segundo Hall (2003):

Ao mesmo tempo, em um movimento que parece paradoxal, enfoca sempre o jogo da diferença, a *différance*, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial. O paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. (HALL, 2013, p.16).

Como colocado anteriormente, as memórias dos Mestres Bemvindo são um fragmento composto pela territorialidade da cultura da capoeira da Vila Cruzeiro e de suas famílias, ou seja, uma síntese cunhada pelas condições apresentadas pela dinâmica diaspórica. Um fragmento que foi muitas vezes despedaçado, mas que, como corpo diaspórico, reivindica sua posição de recriação e reinvenção, como nos coloca Rufino (2016):

É com esta abordagem que imaginamos as presenças negro-africanas nas margens ocidental do Atlântico. Cada corpo – suporte físico que encarna sabedorias múltiplas –, que por aqui pisa, esquiva, ginga, afronta, dissimula, seduz e nega, é um caco do que foi despedaçado nas inúmeras travessias transatlânticas. Assim, as presenças negro-africanas nas Américas constituem-se de forma dupla, são ao mesmo tempo os fragmentos de algo que foi despedaçado nos cursos da diáspora, como são também elementos inventivos, recriadores de mundos, práticas e possibilidades. (RUFINO, 2016, p. 67-68).

Entendo que o exercício de explorar as diferenças apresentadas pelos irmãos Bemvindo fora fundamental para o desenvolvimento de um olhar menos unilateral sobre a realidade da capoeira. Através dos Mestres Touro e Dentinho pude enfraquecer meu olhar cristalizado para com a diversidade para que realidade pudesse se apresentar com menos binarismos e idealizações, como destaca Hall (2013):

uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. (Grifo original. HALL, 2013, p.36).

Assim, se por um lado o menino Alcino Bemvindo apresentava um biotipo magro, que lhe ofereceu condições de se tornar atleta e campeão, descalço, de diversas

maratonas de médio (42km) e longo percurso (100 km). Como ele nos coloca em seu depoimento:

Maratonas, de 42 km e 195 metros, eu tenho 189 maratonas. São Silvestre, que é a corrida de final de ano, comemorativa ao dia de São Silvestre, eu tenho 32 realizadas. E 100 km tenho 18 realizadas. Nessas 18 tem uma que me custou o corô do pé. Que eu parti para cima do recorde, consegui bater o recorde mundial de pisar descalço. E isso ninguém tira meu, tanto é que até hoje eu corro qualquer distância descalço. E corridas assim, comemorativas, corridas de festival, às vezes de curta distância eu tenho um *muçado*, o número exato, com precisão, eu não posso dar, tem que olhar lá na documentação. Que tudo que eu estou falando eu tenho documentação.

Então para dar o número exato de corrida rústica eu não tenho na cabeça, porque a minha memória já é um pouquinho passada pelo tempo. Então nem tudo a gente consegue lembrar.⁶⁹

Mestre Dentinho nos apresenta algumas motivações para o seu desenvolvimento no atletismo:

A necessidade de ir para o... deslocar para ir para o colégio me fez ser atleta. Que eu corria para ir para o colégio, saía em cima da hora, que não se tinha relógio naquela época, tinha que sair correndo com o papel na mão, era um papel e um lápis, não era nem caderno, era um papel e um lápis. Então me fez... me fez ser adepto de corrida.

E outras coisas também, às vezes eu brigava, eu sempre gostei de briga. Brigava, quando tinha mais de 5 oponentes, e correr sempre fez parte do avanço para a retaguarda. Não é dizer que eu recuava, eu avançava para a retaguarda. Então tinha que ser bom de corrida. E a perna tinha que ter força para superar os oponentes, porque se eles me apanhassem talvez eu pudesse levar a pior. Quando eu sabia que eu ia levar a melhor eu até batia de frente, eu até encarava. Então, correr também, na época quando eu corria, quando eu era mais novo, tinham muitos detalhes, diziam que quem corria não tinha futuro, corrida não tinha futuro... como jogador de futebol não teria futuro. Então, por não ter futuro em corrida eu abracei mais o atletismo por causa dessas palavras que eu ouvia, de que não teria futuro, não daria futuro, que todos os corredores que nós tivemos no passado, até em Olimpíadas, não tinham arrumado nada. Porque só é incentivado quando a gente vê um corredor nosso brasileiro ganhar alguma coisa, exemplo, uma São Silvestre, já tinha São Silvestre desde 1925, seu eu não me engano, 25 ou 26, mas dificilmente um brasileiro ganhava, então não tinha incentivo do próprio povo brasileiro para um brasileiro chegar e ganhar. Tanto é que levamos uma faixa de quase 30 anos para um brasileiro ganhar a São Silvestre. Dali pegou mais força. E eu já tinha na minha cabeça que um dia eu seria um campeão de corrida, nem que fosse uma vez, mas fui diversas vezes, mas eu pensava em ser uma vez só. E por ironia do destino fui diversas vezes... diversas vezes... não valia nada, não valia dinheiro, só valia... uma medalhinha, um trofeuzinho, um tapinha nas costas. Hoje, é bem diferente, né?! Hoje é até profissão. E essa profissão eu não pude me agarrar nela porque chegou tarde a profissionalização do atleta

⁶⁹ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

corredor, mas eu sou teimoso, eu continuo insistindo, continuo desgastando o meu gás, dando força a minha perna com o atletismo, continuo correndo. E a ligação entre ser Estrela Solitária, que é o Botafogo, e ser atleta, preferi ser atleta de longa também, porque acostumei com a solidão correndo, porque eu só corro só. Então, esse é um dos motivos também que a Estrela Solitária me fez brilhar sozinho, como a Estrela Dalva quando brilha no céu, ela se destaca, ela fica sendo a maior, a mais possante de toda a constelação.⁷⁰

Por outro, o menino Antônio Bemvindo ganhou seu apelido “por ser fortinho e ruim de bola”⁷¹, pois “passava que nem um Touro”⁷² nas “peladas” de futebol da comunidade. Seu biotipo favoreceu seu desenvolvimento como atleta e campeão de halterofilismo.

Compreendo que o corpo foi um dos aspectos concretos que marcou a diferença, assim como a trajetórias de ambos. Para Tavares (2012, p. 61), é através do “corpo” que “percebemos e sentimos o mundo”, assim como determinamos nosso modo de ser e nossa alteridade, isto é, a relação com “as demais pessoas em nosso convívio, que se transformam em nosso Outro”.

Como destaca Elias (1995, p. 66) o processo de tomada de consciência do indivíduo, “qualquer que seja sua forma específica, não é inata a ninguém. No máximo, o potencial para formar uma consciência é um dote humano natural.” No entanto, como destaca o autor alemão, tal “potencial é ativado e toma forma numa estrutura específica através da vida de uma pessoa com outros. A consciência individual é específica à sociedade.”

Apesar de pactuarem da mesma família, da mesma cultura e dividirem a mesma comunidade, compreendo que foi a alteridade dos irmãos Bemvindo que nos ofereceu a oportunidade para pesquisarmos de forma mais ampla e plural a capoeiragem do território da Vila Cruzeiro e, como nos coloca Tavares (2012, p. 110), desenvolvermos uma “visão totalizadora, isto é, periférica” da territorialização realizada pelos Mestres Touro e Dentinho.

⁷⁰ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

⁷¹ Depoimento de Mestre Touro, em 2003.

⁷² Depoimento de Mestre Touro, em 2003.

CAPÍTULO 4 - BRECHA

Malandragem... só tem uma maneira de resumi-la, malandragem é o cara que sabe viver, o malandro ele sabe viver. Ele vive bem em qualquer lugar, não se deixa enganar por ninguém e nem engana ninguém. Claro que o malandro... ele não gosta muito de trabalhar, aliás, não é só ele não; não é só malandro não, acho que todo mundo trabalha porque é obrigado, porque precisa do dinheiro e tem que correr atrás do trabalho. Então, o malandro ele dificilmente ele anda mal vestido, ele dificilmente está trabalhando, só trabalha quando precisa mesmo, quando não tem recurso. O malandro, ele trata todo mundo bem. Ele é amigo de todo mundo. Gosta de boas mulheres, de preferência nova, né?! Essa é a malandragem. Ele está sempre elegante e bem com todo mundo.⁷³

Para Sodré (2008), a sabedoria popular nos proporciona inúmeros caminhos para o pensamento. No entanto, o autor nos alerta que para nos relacionarmos com tal sabedoria é necessário uma cultura que a reconheça enquanto produção de saber:

Tal experiência implica uma cultura. De reconhecimento difícil, certo, porque nos habituamos a ver a cultura apenas ali onde o conceito e a letra exercem o seu mandato de onipotência. Por isso, temos dificuldade em reconhecer a sabedoria do analfabeto ou do pobre, cegos para a evidência de que culto ou sábio (e não erudito letrado) é aquele que produz saber a partir da sua precariedade no mundo. (SODRÉ, 2008, p. 17).

Assim, explorar o termo “brecha”, através da perspectiva apresentada por Mestre Dentinho, significa levar em consideração que sua experiência na capoeira é mais ampla que sua força física e sua resistência corporal. Ela nos oferece um pensamento, uma compreensão filosófica e política da realidade que implica princípios e valores.

A atenção com as palavras sempre foi tratada de forma atenta tanto pela cultura popular quanto pelos acadêmicos. Maurice Halbwachs, por exemplo, é um aliado dessa atenção. Em seu livro “A memória coletiva” o autor nos alerta que normalmente o pesquisador é levado a procurar a expressão da verdade de suas investigações através de uma identificação imediata com a linguagem existente. No entanto, para o sociólogo francês, isso pode limitar o processo investigativo e conseqüentemente as futuras conclusões da pesquisa.

No prefácio do livro “A memória coletiva” Halbwachs apresenta que nem sempre a linguagem domina completamente o sentido da experiência. No entanto, ao invés desta constatação ser um impedimento para a investigação, ela deve provocar o pesquisador a sondar as tensões e os possíveis limites do sentido das palavras investigadas. Desse modo, destaca Habwachs (1990):

⁷³ Depoimento de Mestre Touro para o Documentário Bemvindo, em 2003.

não é certo que a existência dos problemas confunda-se com a de um sistema constituído da linguagem, sobretudo no domínio do conhecimento do homem onde a conceptualização não recobre senão em parte, e sempre aproximativamente, a riqueza infinita de uma experiência nunca dominada completamente. (HALBWACHS, 1990, prefácio)

Assim, compreendo que uma investigação da memória, a partir do termo brecha, auxiliará na compreensão da dinâmica das circunstâncias vividas pelos Mestres Bemvindo. Dinâmica essa que perpassa por seus corpos, sua família, sua cultura, sua memória e seu território. Entendemos que Rufino (2018) confirma nossa percepção:

Atamos o verso, lançando como perspectiva que o salto crucial entre a sobrevivência e a supravivência perpassa por uma transgressão lexical. Ou seja, um descacetamento, uma transformação radical que tem como potência a emergência de linguagens historicamente subalternas que devem ser credibilizadas não em uma impressão linear dos seus dizeres, mas em uma dinâmica cruzada entre a sobrevivência e a supravivência é aqui também escrito com a dobra da linguagem entre o político e o poético. (RUFINO, 2018, p. 111-112).

Para isso, entendo que o termo brecha deva ser atravessado por diversas disciplinas, de modo que possamos explorar mais amplamente os aspectos de sua *Herkunft*⁷⁴, sem com isso pretendermos encerrá-lo em um sentido absoluto, fechado, contrário a abertura que o termo aponta, mas o investigarmos a partir do alerta de Michel Foucault (1979):

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocábulo retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. (FOUCAULT, 1979, p. 28).

Como desdobramento desse entendimento percebi a necessidade de me aproximar do livro “O que é memória social?”, em seu texto “Quatro proposições sobre a memória”, das autoras Jô Gondar e Vera Dodebei (2005), que nos esclarece a respeito do conceito da transdisciplinaridade, sobretudo no que diz respeito aos jogos de saber e como seu caráter aberto pode contribuir para o arejamento das relações de poder.

Segundo Gondar e Dodebei (2005, p. 17) “um conceito não deve ser confundido com uma idéia geral ou abstrata; ele expressa um mundo possível trazendo consequências para a vida que se leva e que se pretende levar”. É nesse sentido de interferência na realidade através da pesquisa que compreendemos que a transdisciplinaridade pode colocar:

⁷⁴ Proveniência. (FOUCAULT, p.20, 1979).

em xeque a disjunção entre as disciplinas, valorizando pesquisas capazes de atravessar domínios separados. A idéia não é reunir conteúdos, mas produzir efeitos de transversalidade entre os diversos saberes. Transversalidade que, evidentemente, não toma a síntese por horizonte: não se trata de promover o diálogo entre disciplinas em prol de um consenso, de um equilíbrio último em que a razão domine o caos. Ao contrário, supõe-se que é justamente do dissentimento que se faz a invenção e podem ser geradas as novas idéias. O objeto transdisciplinar não é comum a diferentes disciplinas; ele é criado como um novo objeto, de maneira transversal, quando problemas que até então eram próprios de um campo de saber atravessam seus limites e fecundam outros. Esse objeto não existe antes que o atravessamento se dê. Nesse caso, a própria ordem disciplinar é posta em questão, surgindo um para além - indicado pelo prefixo trans - da divisão do saber em disciplinas. Os novos objetos produzem deslocamentos nos jogos de saber e poder, desestabilizando as regras sobre as quais havia consenso e propondo novos discursos e novas práticas de pesquisa. (GONDAR e DODEBEI, 2005, p. 14-15).

Para ilustrar a tensão entre as regras vigentes e as disputas de poder destaco a experiência do artista plástico carioca Hélio Oiticica e sua amizade com o famoso criminoso da década de 1960, o Cara de Cavalo. Ao homenagear seu amigo Cara de Cavalo, Oiticica (2006) nos traz uma eloquente reflexão a respeito do que significa transitar pela tênue linha da ética, da estética e do crime através do viés marginal.

Em busca de uma linguagem, o artista se expõe ao processo artístico e também se torna obra, como na sua célebre frase “seja marginal seja herói”. Segue abaixo a reflexão de Oiticica:

Gostaria de explicar a outra caixa com fotografias e palavras: não é um poema mas uma espécie de imagem-poema-homenagem (isto me faz lembrar de Milton Lycidas, quando homenageou um amigo que morreu no mar) a Cara de Cavalo (o morto em cada uma das fotos). Afora qualquer simpatia subjetiva pela pessoa em si mesma, este trabalho representou para mim um “momento ético” que se refletiu poderosamente em tudo que fiz depois: revelou para mim mais um problema ético do que qualquer coisa relacionada com a estética. Eu quis aqui homenagear o que penso que seja a revolta individual social: a dos chamados marginais. Tal idéia é muito perigosa mas algo necessário para mim: existe um contraste, um aspecto ambivalente no comportamento do homem marginalizado: ao lado de uma grande sensibilidade está um comportamento violento e muitas vezes, em geral, o crime é uma busca desesperada de felicidade. Conheci Cara de Cavalo pessoalmente e posso dizer que era meu amigo, mas para a sociedade ele era um inimigo público nº 1, procurado por crimes audaciosos e assaltos – o que me deixava perplexo era o contraste entre o que eu conhecia dele como amigo, alguém com quem eu conversava no contexto cotidiano tal como fazemos com qualquer pessoa, e a imagem feita pela sociedade, ou a maneira como seu comportamento atuava na sociedade e em todo mundo mais. Você nunca pode pressupor o que será a “atuação” de uma pessoa na vida social: existe uma diferença de níveis entre sua maneira de ser consigo mesmo e a maneira como age como ser social. Todos esses sentimentos paradoxais tiveram grande impacto em mim. Esta homenagem é uma atitude anárquica contra todos os tipos de forças armadas: polícia, exército etc. Eu faço poemas-protostos (em Capas e Caixas) que têm mais um sentido social, mas este para Cara de Cavalo reflete um importante momento ético, decisivo para mim, pois que reflete uma revolta individual contra cada tipo de

condicionamento social. Em outras palavras: a violência é justificada como sentido de revolta, mas nunca como o de opressão. (OITICICA, 2006, p. 25).

Segundo o pensador Luís Britto Garcia (2005), em seu livro “Cultura e Contracultura”, o marginal é aquele que trava uma relação à margem do contexto determinado por uma cultura hegemônica que tenta impor aos demais as suas concepções de mundo, seus valores e hábitos.

Para que essa hegemonia ocorra é fundamental que uma cultura lance mão de diversas estratégias. Para Garcia (2005, p. 3), a principal delas se encontra na política. Para o autor a política é o espaço para se realizar operações de forte penetração social e psicológica. Sua tarefa é influenciar e mesmo dominar o corpo vivo de uma cultura. Esse tipo de operação é denominado pelo autor venezuelano como “Guerra Cultural”, pois seu objetivo fundamental é enfraquecer, dominar e tornar estéril qualquer tipo de oposição frente ao modelo hegemônico. De modo a fazer com que os demais modos de ser e seus valores sejam submetidos à cultura que exerce a supremacia em um determinado momento histórico.

Garcia (2005) nos alerta que esse tipo de submissão gera muitos conflitos entre as culturas que também compõem as estruturas internas da sociedade. Segundo o autor é muito comum que uma cultura tente subordinar ou até mesmo eliminar as heterogeneidades que ela mesma produz. Isso ocorre na tentativa de se estabelecer uma homogeneidade, ao invés de se compreender que é através da heterogeneidade que ela se torna mais plural e fértil.

Segundo Garcia (2005), as culturas são parciais e se manifestam através de subdivisões chamadas de subculturas. As subculturas podem ocorrer através do território, das classes sociais, da sexualidade, da cor, etc. Agora, quando se estabelece um conflito inconciliável entre uma subcultura e a cultura hegemônica, estamos diante da formação de uma contracultura. Isso pode ocorrer quando os setores centrais de uma determinada cultura negam a integração de uma ou mais subculturas, transformando-as em setores marginais, na tentativa de excluí-las da sociedade.

Para Garcia, tanto as subculturas quanto os setores marginalizados são fundamentais para que as transformações sociais ocorram e a cultura possa se renovar e não entrar em declínio. O autor venezuelano nos coloca que tais setores são como a pele de um corpo que se comunica e troca informações com outras superfícies mais externas do que aquelas que estão na estabilidade das partes mais centrais.

Para Garcia (2005), a mobilidade da estrutura social pode se adaptar de três maneiras diferentes: a primeira se destaca pela grande capacidade de dar respostas e se transformar mediante a relação dialética entre as estruturas sociais vigentes e as novas que solicitam espaço; este movimento é chamado pelo autor de evolução. A segunda maneira se apresenta quando uma cultura perde a capacidade de responder aos novos desafios, assim como dar respostas em tempo hábil, o que poderia acarretar em uma violenta destruição de suas instituições e ideologias. Este estilo é chamado de revolução. A terceira forma se destacaria pela inoperância frente às estruturas sociais vigentes, seja pela falsificação dos mecanismos de percepção social ou pela paralisia de seus centros de decisão, inábeis em dar resposta diante dos brados e advertências sociais. Garcia chama esta última de decadência.

Uma das conclusões que podemos chegar a partir de Garcia é que a decadência de uma cultura hegemônica advém da própria imobilidade de seu núcleo de poder, isto é, da incapacidade de fazer com que a parte mais central desse organismo troque informações e acolha as solicitações de sua pele.

A partir das palavras de Stuart Hall entendemos que, no que diz respeito a pele negra, essa imobilidade é ainda mais evidente. Hall (2013) nos apresenta como na cultura caribenha percebe os “traços negros” posicionados em termos marginais e de subordinação. Entendemos que essa realidade não é muito diferente da cultura brasileira:

Na formação cultural caribenha, traços brancos, europeus, ocidentais e colonizadores sempre foram posicionados como elementos em ascendência, o aspecto declarado: os traços negros, "africanos", escravizados e colonizados, dos quais havia muitos, sempre foram não ditos, subterrâneos e subversivos, governados por uma "lógica" diferente, sempre posicionados em termos de subordinação e marginalização. (HALL, 2013, p.46).

Por outro lado, é claro que tais setores marginalizados prezam por sua sobrevivência e permanentemente constroem táticas para materializar o seu modo de ser no mundo. Como nos coloca Pollak (1989) a respeito das memórias subterrâneas:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p.8).

As memórias que são reprimidas nessas disputas de poder, isto é, as memórias subordinadas, acabam por buscar frestas ou brechas no enfrentamento das disputas e da imobilidade que as tenta sufocar. Assim, segundo de Pollak (1989, p.4), devemos estar

atentos a essas disputas, pois “essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.”

Percebo que Foucault (1979, p. 25) compartilha do pensamento de Pollak e Garcia quando compreende que “a humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituiriam para sempre a guerra”, ao contrário, para esses autores a guerra “instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação.”

Nesse sentido, é fundamental estamos atentos aos momentos de disputa e tensionamentos de poder para que outras memórias possam encontrar frestas para assumir outra posição no cenário social. Esse foi o caminho escolhido pela capoeira, como ressalta Rufino (2018):

Lancemos como orientação uma experiência marginal, parida e tecida nas frestas do Novo Mundo. Uma sabedoria inventada entre a escassez e a possibilidade, modos de sentir, fazer e pensar rebeldes, transgressivos e resilientes que nascem e operam nos vazios deixados pela obsessão cartesiana da razão moderna-ocidental. Esse outro caminho é a capoeira. (RUFINO, 2018, p.125).

Os Mestres Bemvindo são um resultado dessas disputas que assumem diversas formas de resistência. Como no caso de Mestre Dentinho, que subverteu seu modo de ser marginalizado ao transformá-lo em referência de uma cultura, mesmo sem deixar de se qualificar como marginal.

Mestre Dentinho se compreendeu como o Quinto maior bandido da capoeira, ao representar o desdobramento de uma linhagem marginalizada em que Zumbi dos Palmares foi o primeiro:

O Primeiro foi Zumbi, porque Zumbi quando começou tudo, dentro da arte que eu faço, ele foi considerado o maior fora da lei. Brigou até onde pode como fora da lei. Teve grandes batalhas. Venceu algumas. Foi derrotado, foi derrotado porque tinha... um dia tinha que cair. Mas morreu contente, morreu contente porque pelo menos foi o Primeiro. Ele nem sabia que era o Primeiro, mas a sociedade da época considerou ele o Primeiro. O Primeiro vagabundo da palavra capoeira. Porque a palavra capoeira vinha do matagal, do mato, da mata, de matos, de árvore menor. Então ele quando ia invadir a senzala para roubar comida, roubar instrumento, instrumento que eu digo é... facão, e roubar outros negros, roubar... e roubar outros negros pra levar lá pro Quilombo dele, ele era mal visto pela sociedade da época. Então, por isso ele foi o Primeiro vagabundo pela monarquia.

Ele era de pouca cultura igual eu sou. Ele era de pouca cultura, mas ele tinha as descobertas dele. Os europeus não chegaram a descobrir que o braço é mais curto que as pernas. Então ele começou a usar as pernas dentro dos combates que ele tinha pela frente. Ele, para combater os europeus, ele combatia mais

utilizando as pernas. Apesar que isso era cópia também de certos animais. Que tem muito animal de perna curta que usava as pernas. Mas ele descobriu que as pernas eram mais compridas que o braço e tem mais força, e tem mais força que o braço. E isso aí foi provado, mas como foi ele quem descobriu isso ninguém quis botar isso em pauta, ninguém quis botar isso em escolas. Até para ser 20 de novembro, até 20 de novembro, eles botaram como, botaram como, botaram como consciência negra, mas demorou, demorou a acontecer isso. Demorou passar por diversas Câmaras de Deputado, passou primeiro pela monarquia, depois pelo reinado, Câmara de Deputados para chegar agora, agora, em nossa época, a ser consciência negra. Que eles acharam que ele tinha um pouquinho de razão. Que ele foi o primeiro a querer a libertação total dos negros. Ele não estava diferenciando negro X nem negro Y. Ele queria de todos os negros, de todos os negros. Mas ele não tinha o apoio, não tinha o apoio. Brigou como pode. É aí que eu digo, porque que ele foi burro? Ele foi burro porque ao invés de procurar o apoio dos ingleses, mas ele não tinha como chegar aos ingleses. Que os ingleses é que queriam a libertação dos negros aqui dentro do Brasil. Que a intenção deles era eles controlarem o Brasil. Aí o Zumbi... o fracasso dele foi nessa parte, ele não fracassou geral. Ele foi apanhado covardemente. Se não fosse a ambição do europeu, principalmente português, ele não seria apanhado.⁷⁵

A lista de capoeiristas marginalizados pela sociedade é vasta. Mestre Dentinho destaca alguns nomes como Zumbi, Besouro, Mestre Pastinha e Madame Satã até chegar a ele, o Quinto. Entendo que o resgate dessa memória marginalizada colaborou para que o Mestre desse sentido a sua trajetória capoeirística, como as apresentou em seu depoimento⁷⁶ sobre suas experiências no Baixo Meretrício na década de 1970:

Mestre Dentinho: Desde de 70... desde de 70... 70... (década de 1970). Na rua Pinto de Azevedo, no Mangue. No Baixo Meretrício. Foi lá que eu comecei. Fazia segurança das prostitutas, fazia segurança em casas noturnas, fazia segurança em restaurantes. Dali vim, em açougue, frigorífico. Então... tudo isso somou... somou no meu currículo próprio, isso chama-se currículo próprio, é o meu próprio currículo. Isso eu não tenho como provar, mas tenho material que eu consegui apreender. Ou eu apreendia ou eu perdia ou o emprego ou então perdia a vida. Então, eu tenho alguns materiais aí que inclusive eu consegui dentro da segurança, para que eu não me machucasse eu tive que machucar alguém.

Raphael: que materiais são esses?

Mestre Dentinho: Navalha, soco inglês, que pouca gente conhece, punhal, garrucha, revolver, facão, estrovenga.

Raphael: o que é estrovenga?

Mestre Dentinho: É uma espécie de foice... uma espécie de foice. E, tudo isso, o povo daquela... mais antigo usava, mais antigo não, vinte anos atrás já usavam. E, a gente tinha que ser esperto. Se não morria na pista, né?! Aliás, eu não morri nem envenenado, nem das quedas que eu levei e nem de batida de carro, já foram duas vezes. As duas me deram trabalho. Mas eu superei... superei. Tenho até hoje guardado a roupagem ainda, que passei pelo... pela dificuldade de ser tirado de dentro da ferragem de carro pelos bombeiros. Então, são as medalhas que eu tenho. São os troféus que eu tenho. E as marcas

⁷⁵ Depoimento gravado com Mestre Dentinho em 2003 para o documentário Bemvindo.

⁷⁶ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

que eu tenho no corpo, mas foi só de acidente. Tanto é que eu caí daqui do terceiro andar, desse barraco aqui e consegui sobreviver. A desvantagem que eu tive é que eu era mais cheinho, a bunda era maior, aí quando eu caí, o beco era estreitinho, saí ralando a bunda, aí diminuiu, até chegar lá embaixo. Depois me embalsamaram, com gesso, fiquei engessado aí alguns dias, aí fingi que estava bom, parti pra dentro de novo. A minha fisioterapia eu mesmo provoqueei. Nunca fui formado em fisioterapia, mas eu mesmo provoqueei uma espécie de treinamento de fisioterapia e deu certo... deu certo! Tô pronto, tô esperto agora acontecer... mas agora não acontece tudo de novo. Esperando acontecer, mas não vai acontecer. Não é que eu ande com cuidado, de repente vai acontecer ou pode acontecer, mas eu acho que já chega, né? Já chega para mim.

Raphael: pode mostrar pra gente as suas medalhas do baixo meretrício? (Mestre Dentinho pega um punhal com uma lâmina de cerca de um palmo de comprimento, sem corte, não era feito para cortar, mas sim para furar, pois era extremamente pontiagudo).

Mestre Dentinho: Isso aqui, no tempo passado, era muito usado, o punhal. E a gente como era segurança lá no Baixo Meretrício era de costume a gente ter alguns inimigos, eles chegavam perto da gente (aponta o punhal para a barriga) e guardava, ainda dava um tapinha assim em cima do cabo. E aí, ele ia embora e deixava quem tivesse aquilo guardado dentro do corpo cair ali e dependia da Assistência, né? Que hoje se chama Ambulância. Tinha que esperar a Assistência. Mas nunca me furaram. Eu tomei, essa eu tomei. Tem outra também que eu tomei.

(Mestre Dentinho pega mais materiais que conseguiu no Baixo Meretrício).

Mestre Dentinho: Essa aqui, esse aqui é a chamada Garrucha, que antigamente se usava muito lá no Baixo Meretrício. O cara deu dois... só saía dois, só sai dois. Tomei também. Ela está meio enferrujada assim porque... o tempo... isso aqui é madre pérola. Na época valia muito. Tomei. Esses são os troféus que eu tenho. Essa faca aqui também... foi tomada no Baixo. Isso aqui me deu muito trabalho, mas não deixei rabiscar o meu corpo. Me deu muito trabalho. Que a capoeira me fez ser um cara *safo*, um cara que não queria morrer. Então... fui obrigado a não morrer. Mas não era meu dia de morrer. Eu tenho o dia certo.

Isso aqui foi outro também que eu tomei (pega um canivete manual, dobrável). Tudo lá no Baixo Meretrício. Chama-se canivete, quase ninguém usa mais. Tá até meio *trucado*, que o tempo quase quis acabar com ele. Mais eu não deixei acabar, tá guardado, mas se acabar é a lembrança que eu tenho de lá do... da Zona de Baixo Meretrício. Isso aqui foi outro canivete (também manual e dobrável) que eu tomei dentro de um açougue também, de um bandidinho. Tá até difícil de abrir, mas ele já veio com ele aberto. E era para cortar meu pescoço (com o canivete em mãos, faz um gesto de degolamento com o polegar esquerdo), o cara me agarrou, rolou para lá, rolou para cá, a vantagem foi minha. Tomei... ele saiu meio machucado. Esse aqui o cara falou que ia enfiar no meu umbigo (segurando um facão de mais de 5 palmos), eu falei, oh rapaz (olhando para o umbigo), isso não vai caber no meu umbigo. Olhei bem para o meu umbigo, olhei para isso aqui aí tive que cair para dentro dele, cai dentro dele, resultado, tá na minha mão e ele se ele foi casado a mulher dele hoje é viúva. Agora se ele não foi... coitada da família dele, perdeu ele. Mas não foi por minha causa, foi por causa dele. Esses são os troféus que eu consegui tudo no Baixo Meretrício. Que lá tinha muito disso. Inclusive o Jacaré era polícia lá na época. A gente se conhece desde lá. Jacaré é aquele que anda comigo, o Hugo. Esses são os troféus que eu consegui dentro do Baixo.

Então é bom agente saber que o corpo não está bonito mas também não deixei botar ele feio. Não tenho uma marca de cicatriz, que eu não fui bobo, né? E eu brincava na frente de... de qualquer arma, soco inglês então, eu tinha um soco inglês, ele está em Cabo Frio, também que eu tomei, mas antes deu tomar o soco inglês eu levei umas duas pancadinhas. Depois que eu embolei com o cara, dei um jeitinho no Jiu Jitsu, porque eu também ralei um pouquinho, que no esporte eu fiz quase todos eles. Só bola que até hoje eu não consegui me adaptar. Aí quando eu embolei eu consegui tomar o soco inglês e tenho ele guardado lá na minha casa em Cabo Frio, guardado a 7 chaves. Tem coisa que tem que ser guardada a 7 chaves. Tanto é que... não é qualquer ocasião que eu mostro esses trunfos que eu tenho. Eu deixo isso tão bem guardado que se sumir um deles eu até fico aborrecido, que não tem outro Baixo Meretrício como era a 30 anos atrás, 35 anos atrás pra mim tomar de alguém. Que hoje ninguém usa mais isso, hoje é na base do pistolão, né? É 18, bum, bum, bum... (simula com a boca os tiros de uma arma), acabou, joga mais 18 (simula novamente). Mas eu continuo fazendo minhas seguranças, continuo... continuo. Agora faço a segurança mais psicológica. Eu ganho agora na inteligência. Agora só em falar que eu estou no local... quem imagina em assaltar pensa mil vezes antes de ir. Pensa mil vezes assim, pensa hoje... leva um ano para pensar de novo, aí ele quer viver muito, então ele quer viver mil anos, aí ele demora a pensar e com isso eu vou ganhando tempo, ganhando tempo e faturando, dentro... dentro das Serestas, dentro dos Forrós, dentro, é... agora é mais psicológico, eu ganho ele na psicologia, mas se meterem a mão pra mim tem, tem negócio. Sou disposto a qualquer negócio com eles. Desde que não atrapalhe meus afazeres, né? Eles sempre não atrapalham meus afazeres porque eu tenho, eu já tenho um nome, por isso que eu sou o Quinto. Então já está registrado que é e é mesmo.⁷⁷

De modo distinto de Mestre Touro, que também utilizou a capoeira como elo de contato com a sociedade, mas dentro de uma busca institucional, a exemplo de quando foi Presidente Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro (FCERJ) ou quando foi candidato a Vereador da cidade.

Sem perder contato com o viés institucional, Mestre Dentinho assumiu a tênue linha entre a marginalidade e o crime, como entendia que também trilharam Zumbi dos Palmares, Besouro, Mestre Pastinha e Madame Satã:

Depois veio o Segundo, que veio pelo Império, já era na época do Império. Foi Besouro. Era desordeiro, mas porque ele era desordeiro? Porque ele trabalhava com políticos, fazia servicinho de segurança para os políticos e os políticos não valorizaram ele. No final ainda botaram ele como desordeiro. Aí criou uma revolta dentro dele. E essa revolta ele ficou com a independência dele e partiu pra dentro. Aí fazia o que bem cabia a ele. Só podia fazer aquilo não tinha outra coisa para fazer. Então, o Segundo, foi ele.

E o Terceiro foi Mestre Pastinha. Pastinha fez o que fez, trabalhou muito para político, fez muita segurança de casa de jogo, casa noturna, casa de prostituição. E com isso ele ficou sendo o Terceiro.

Depois veio o Quarto foi o Madame Satã. Madame Satã fez o que fez, mas como a sociedade da época, aí já era República, a sociedade da época não

⁷⁷ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

aceitava o que ele fazia, principalmente que ele fazia capoeira e ele vivia as custas das prostitutas. Ele vendia o trabalho dele para elas e nunca se ligou em trabalhar para os políticos. Aí os políticos inventaram códigos penais da época para apanhar ele como recalcitrante. E ele como recalcitrante veio bem, veio bem. Apesar de ser... ter sido um nazista, né! Um viado. Apesar dele ter sido um viado, mas ele representou bem o Quarto.⁷⁸

Mestre Dentinho se orgulhava em assumir a identidade do Quinto bandido da capoeira. Entendia que seu modo de ser marginalizado precisava ser preservado. Talvez como uma forma de resistência e representação de pessoas, capoeiristas ou não, que enfrentavam as mesmas condições que ele sobreviveu, mas que não conquistaram o reconhecimento de seus anseios sociais e ainda eram tratadas como suspeito.

A condição de suspeito não é aleatória, a sociedade elege seus marginais preferidos. Sem perder o humor, Mestre Dentinho consumava dizer: “a polícia na minha época prendia negro, capoeirista e o elemento que fosse feio. E eu era enquadrado nesses três itens. Hoje eu melhorei um pouco.”⁷⁹ Ao mesmo tempo que expunha de forma consciente essa situação: “Porque, no passado, outros também não fizeram tanta maldade, mas assinaram por tudo. Eu não cheguei a assinar por nada.”⁸⁰

Mesmo andando no fio da navalha, entre a lei e a desordem, Mestre Dentinho conseguiu ser respeitado por uma cultura e por seu território. Sempre evidenciando seu lado marginalizado:

E depois vim eu agora na época atual porque sempre trabalhei de segurança, sempre... nunca gostei de morrer, nunca gostei de morrer. Se eu gostasse de morrer eu já teria morrido há muito tempo. Tenho doze crimes nas costas, fui inculcado como estuproador, mas não conseguiram prova, nunca fui preso. Então a sociedade me tem, principalmente a sociedade capoeirística atual, principalmente a sociedade capoeirística. Não é nem mais a lei. Que pela lei eu estou bem. Qualquer agente da lei agora me conhece, me conhece, me respeita, se deixar eu conversar, nós vamos conversar de igual para igual. Apesar de que eles são representantes da lei e eu sou representante dos vagabundos. Dos vagabundos... porque os vagabundos, porque dentro da arte que eu faço, que é a capoeira, fui considerado o mentiroso, o medroso, o matador, o estuproador, então eu sou o Quinto. Sou o Quinto. E me orgulho disso. Me orgulho, me orgulho. E quero morrer assim. Mas não de...de...se alguém vier me matar é claro que...tem...vai tropeçar, vai tropeçar, que eu... mas também eu não sou flor que se cheira, porque esses cinco que eu falei, nenhum deles também foram flor que se cheira. Aí eu estou falando de mim, eu também não sou muito flor que se cheira. Eu também trabalhei muito na Zona de Baixo meretrício aqui no Rio. Dei muita cobertura a mulher de Zona, dei muita cobertura a botequins, a bar, a casa de jogo, a políticos, a políticos. (...)

⁷⁸ Depoimento gravado com Mestre Dentinho em 2003 para o documentário Bemvindo.

⁷⁹ Depoimento colhido no FÓRUM CAPOEIRA VIVA, na Igreja da Penha, em 2006.

⁸⁰ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário Bemvindo, em 2003.

Tenho... tenho essas qualidades, tenho essas qualidades, tenho essas qualidades que... só os bons lá de trás tiveram. E acho que daqui pra frente não vai aparecer mais nenhum que faça essas bravuras, inclusive, dentro da festa de Nossa Senhora da Penha eu fui muitas vezes enquadrado também como vagabundo porque armava roda de capoeira ali. Fui enquadrado muitas vezes na Central porque armava roda de capoeira dentro... ali na Central. Mas só era enquadrado, na hora que saía eu negociava. Sempre... sempre houve negociações com os policiais. Negociava. Mas era difícil negociar, mas a gente negociava. Então... eu sou o Quinto por causa... nenhum deles vão chegar. Os que estão nenhum deles vão chegar ao ponto que eu cheguei. Com pouca cultura, negociar do jeito que eu negociei e ter os padrinhos do jeito que eu tenho, né?! Meus padrinhos são todos de pulso forte. Não é padrinho para me encaixar em lugar nenhum. Eu nunca tive padrinho para me encaixar em lugar nenhum. Também nunca quis. Hoje não... hoje eles tão tentando me encaixar, mas, tem hora também que eu recuo, tem hora que eu digo: não quero. Até hoje vim como Quinto melhor vagabundo dentro da... melhor bandido dentro da arte que eu faço que é a capoeira. Prefiro manter isso. Tanto é que... mantendo isso eu sou uma lenda, uma lenda viva, né?! Eu sou considerado lendário, sou considerado lendário, porque coisas que eu fazia quando era novo, muitos deles hoje para fazer têm que ir para a escola de circo, fazer ginástica Olímpica. Eu sempre fiz tudo que eles fizeram... estão fazendo hoje eu fazia sem treinar em lugar nenhum. Treinava no meio da rua, em cima de carro, em cima de muro. Isso para mim foi uma vitória, uma vitória. Quem viu, viu!⁸¹

Compreendo a relevância de se pensar a respeito de culturas negras como a Capoeira, o Samba, o Funk carioca e as religiosidades Afro-brasileiras, dentre outras, que fazem parte de um longo embate por reconhecimento, representatividade e que mesmo estigmatizadas ou criminalizadas pela sociedade brasileira ainda se fazem presentes em nosso cotidiano.

Os embates das relações de poder apresentados por culturas como a capoeira me estimulou a refletir sobre as táticas que ainda as mantêm vivas e sobretudo reconhecer essa dialética da sobrevivência, em que a condição de subordinação vivenciadas por essas culturas surtiu, justamente, um efeito reverso.

Tavares (2012, p.129) nos esclarece essa questão quando nos coloca que “trata-se, acima de tudo, de revelar que nenhum poder é monolítico, pois a História da Capoeira mostra como é possível resistir, rebelar-se da maneira mais sedutora possível”, pois, como nos coloca Foucault (2006, p. 270-271), “se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade por todo lado.”

Para Tavares (2012, p.135), precisamos de uma espécie de “reviravolta” na memória brasileira para que possamos nos reconhecer como um povo que assume seus

⁸¹ Depoimento gravado com Mestre Dentinho em 2003 para o documentário Bemvindo.

valores. Dessa forma, para o autor, é fundamental que penetremos no “não dito” do nosso inconsciente coletivo para almejarmos um autodesenvolvimento cultural:

Toda coragem é pouca, mas temos que correr o risco de penetrar no não dito do inconsciente coletivo do povo brasileiro se quisermos desenvolver algumas análises mais reveladoras sobre a possibilidade de um autodesenvolvimento cultural. Temos que ter ousadia de propor a conscientização de nossos próprios valores a partir de uma fecunda reviravolta nos porões trancafiados da memória, com o fim de superarmos o estado de amnésia social em que nos encontramos. (TAVARES, 2012, p. 135).

Assim como Tavares, o sociólogo Stuart Hall (2013, p. 51) compreende que devemos fortalecer novas perspectivas de modernidade, pois esses novos centros estão “determinados a construir seus próprios tipos de "modernidade vernáculas" e estas são representativas de um novo tipo de consciência transcultural, transnacional, até mesmo pós-nacional.”

Mesmo que ainda tenhamos que avançar é inegável que a capoeira é um exemplo bem sucedido de construção de táticas de reconhecimento social da cultura afrodescendente, pois, mesmo submetida a violência e a marginalização social no Brasil, a capoeira transitou por brechas marginais e institucionais para disseminar seu gingado e seu modo de ser pelo território nacional e pelo mundo.

Não deixa de ser uma ironia que depois de tanta violência e marginalização, a cultura afro-brasileira seja considerada uma das formas de expressão da nossa brasilidade, a exemplo da capoeira, que através de sua corporeidade e suas músicas cantadas em português, tenha territorializado tantos Países, como destaca Tavares:

Essa força diaspórica da Capoeira é testemunhada por nossos diplomatas no Exterior e reconhecida pelo Ministério das Relações Exteriores, que reiteram a onipresença, fulgor e vitalidade dessa arte-jogo-luta em sua importante função na disseminação do idioma corporal e vernacular brasileiro. (TAVARES, 2012, p.19).

Compreendo que as táticas que alçaram a capoeira a uma das principais culturas de resistência afro-brasileira ainda se mostram férteis diante dos enfrentamentos que vivemos na atualidade, sobretudo porque os velhos valores unilaterais e homogeneizadores que a consideraram marginal no passado ainda se debatem entre empurrões e ataques raivosos na atual democracia brasileira. Como nos lembra Mestre Touro:

Isso aí é o seguinte, quando... o brasileiro rapaz, o brasileiro que eu digo é... o brasileiro... o Brasil começou com a Europa, né? Com Portugal, né? Então,

eles não trouxeram nada! Eles não têm cultura nenhuma. Aqui no Brasil não tem cultura nenhuma deles. Não nasceu nada deles aqui no Brasil. Quer dizer, eles vieram, o português chegou... isso é meu, eu sou o dono, eu sou o brasileiro. Mas cadê a cultura que eles fizeram do Brasil? Então a cultura que teve do Brasil é a do negro, da mistura, né? Do negro com o índio, com portugueses, entendeu? E eles não aceitam isso.⁸²

Esses valores são como estacas ao longo de um curral onde vemos o gado tropeçar entre solavancos e mugidos para uma espécie de matadouro existencial. Ao expor alguns aspectos da globalização Hall (2013) se alinha com a ideia do enfraquecimento dos modelos homogeneizantes em favor do fortalecimento da pluralidade:

Em suas formas atuais, desassossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, elucidando as trevas do próprio "Iluminismo" ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2013, p.49).

Para compreendermos melhor essa questão destaco a percepção de Hall (2013, p. 52) sobre o velho modelo europeu “centro-periferia” que foi implementado nas Américas. Para esse autor, o modelo “cultura-nacionalista-nação” está ruindo e ao invés de tentarmos sustentá-lo devemos unir forças com as táticas que fortaleceram a pluralidade e hibridização cultural. Segundo Hall, esse é o caminho diaspórico:

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de "pertencimento cultural", mas abarcar os processos mais amplos - o jogo da semelhança e da diferença - que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da "diáspora", que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2013, p.52).

Talvez por esse motivo os que tentam homogeneizar a cultura brasileira enxerguem os que gingam como inimigos, pois consideram compartilhar seu modo de ser com a pluralidade uma espécie de morte. No entanto, entendemos como Rufino (2018, p. 128) que "a capoeira como filosofia da ancestralidade é reza para fechar o corpo contra as obsessões universalizantes desses seres e saberes que se querem únicos." (RUFINO, 2018, p.128). Para Rufino (2018):

“a capoeira joga em cima, embaixo, para um lado, para o outro, balança e não cai, os discursos que tendem a monoracionalizar a atividade do pensamento são contrários ao movimento. Guiados por uma cabeça que caminha em

⁸² Depoimento colhido para o Documentário BEMVINDO, em 2003.

sentido contrário do seu corpo o monoracionalismo tropeça em si mesmo diante da diversidade do mundo.” (RUFINO, 2018, p.129)

Tal situação me remete a um mito. Não ao “mito” que vivemos na política atual evidentemente, mas a Alegoria da Caverna, onde o Filósofo Platão (1990, p. 317) nos coloca que “desde a infância” alguns seres humanos foram “algemados de pernas e pescoços” em uma caverna, “de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente” a observar as sombras dos objetos projetados por uma fogueira, “incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões”.

Platão (1990) considerava que vivemos em um mundo de cópias ou sombras, reflexos da verdade apresentada pelo mundo das ideias. Para o autor grego a verdade não era construída a partir dos diversos entendimentos, investigações e pesquisas no mundo em que vivemos. Como destaca Barrenechea (2005, p. 57-58-59), a ideia de verdade platônica é uma lembrança, isto é, "a reminiscência é a-létheia, não-esquecimento, recordação, des-velamento (tirar os véus que nos cegam). Lembrar é, essencialmente, retornar à verdade, rever as essências, as genuínas realidades do outro mundo.”

A lembrança dessa verdade nos libertaria dos erros e nos permitiria recuperar a perfeição perdida. Entendo que todos nós no ocidente somos de alguma forma influenciados pelo platonismo; no entanto, os que assumem fortemente esses valores estão propensos a desenvolver um tipo de saudosismo platônico, como uma ideia de passado perfeito.

O exagero desse saudosismo pode levar esse tipo de pensamento a dimensões extremas, sobretudo se alimentado por uma moralidade religiosa que corrobore com o entendimento de um mundo metafísico puro e ideal. Dessa forma, um pensamento crítico, que privilegia a investigação, a pesquisa e a pluralidade de enunciações pode soar ameaçador a uma mentalidade extremamente conservadora.

Podemos dizer que os desdobramentos desse permanente processo de exclusão étnico, econômico e social se apresentam como um dos fatores fundamentais para compreendermos nosso atual momento, em que a exposição visceral do nosso conservadorismo extremo apresenta na história brasileira sua face mais explícita.

Por outro lado, mesmo que ainda tenhamos que conviver com o extremismo dos valores conservadores durante um bom tempo no Brasil, já que esse se mantém

encrustado nas estruturas sociais, econômicas e políticas, já podemos afirmar que sua referência não é mais a única.

Como nos coloca Hall (2013, p. 51), antes a "modernidade era transmitida de um único centro. Hoje, ela não possui um tal centro. As "modernidades" estão “por toda parte”, elas “assumiram uma ênfase vernácula.” Vemos uma multiplicação de referências se espalharem pelo mundo, sobretudo com a ampliação da dinâmica da comunicação.

Para exemplificar essa violência, dissimulação e esquecimento, escolhemos um fato histórico que marcou de forma contraditória a nação brasileira no século XIX, a Guerra do Paraguai. Segundo Muniz Sodré, essa guerra dá uma dimensão da conveniência do Estado brasileiro ao tratar suas necessidades esquivando-se de seus compromissos:

Entre 1864 e 1870, os capoeiristas eram recrutados à força para lutar na Guerra do Paraguai. Distinguiram-se sempre por bravura, em especial no Batalhão dos “Voluntários” da Pátria, onde a maioria deles se arregimentava. Na tomada de Curuzu, assim como na da ponte de Itororó, as companhias de zuavos baianos destacaram-se pelo heroísmo. Conta-se mesmo que, em Itororó, esgotadas as munições em pleno andamento dos combatentes, os baianos jogaram fora as espingardas e pularam nas trincheiras paraguaias com arma branca nas mãos e a capoeira nos pés. (SODRÉ, 2008, p. 34).

Nesse período os capoeiras eram uma força social importante nas disputas políticas da Capital, principalmente nas ruas. Segundo Mestre Touro (BEMVINDO, ainda não publicado, p. 30), “no caso dos capoeiristas e escravos, os voluntários tinham como recompensa, a alforria, além de doação em dinheiro e o posto militar, caso voltassem com vida da guerra.” Como quase todos eram considerados marginais, era uma oportunidade de incorporação a sociedade brasileira. No entanto, para Mestre Touro, o objetivo era afastá-los de forma utilitária:

A utilização de capoeiristas na guerra do Paraguai visava, no entanto, dois objetivos; o de combater os inimigos, seguidos do desejo de afastá-los da sociedade, até mesmo com as possíveis mortes. No entanto, os capoeiristas se fizeram heróis do combate, sagrando-se vitoriosos em muitas batalhas, pondo a correr os paraguaios e até implantando o pavilhão nacional. (BEMVINDO, ainda não publicado, p. 29).

Para em seguida, serem perseguidos criminalmente através do Código Penal Brasileiro de 1890:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação *capoeiragem*; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal: Pena: de prisão celular de dois meses a seis meses. (BARBIEIRI, 1993, p. 117 *apud* IPHAN, 2007, p. 17)

Desorientados, sem armas, suprimentos e identificados pela cor ao chegarem em terras desconhecidas, a população negra escravizada era um alvo fácil para um embate frontal. Logo, um dos aspectos que restavam aos escravizados era o aproveitamento das brechas, aos moldes de uma guerrilha, como destaca Tavares:

Aos africanos e crioulos, coube o lugar do trabalho braçal. O próprio negro, por si só, construiu seu espaço de ócio nas barbas do colonizador, nas franjas do sistema colonial. De maneira invisível, uma guerrilha foi-se realizando, aproveitando as brechas e, nelas, se assentando. Aos poucos, devagarinho, depositavam-se os germes da multiplicação. (TAVARES, 2012, p. 108).

Moura (2020, p. 381) afirma que havia uma estratégia militar na luta dos escravizados no Brasil. Suas iniciativas de libertação não foram “um simples espocar inconsequente de uma malta descontrolada de desordeiros que investia contra tudo e todos a fim de satisfazer instintos baixos ou intenções inconfessáveis.” Para Moura (2020), os escravizados tinham um objetivo:

que era precisamente derrotar militarmente seus senhores; para isso, estabeleciam planos de ataques, muitas vezes demonstrativos de alguma perícia, e que somente por fatores que os escravos não controlavam deixaram de surtir efeitos mais sérios. De fato: alguns dos povos africanos que vieram para o Brasil - principalmente Bahia - eram grandes guerreiros na África e para aqui trouxeram sua experiência militar, aplicando-a em função da libertação dos seus irmãos de infortúnio. Isso talvez explique por que os nagôs e haussás foram líderes incontestáveis das lutas dos escravos na capital baiana: eram povos já experimentados militarmente no Continente Negro, principalmente os últimos. Até em Palmares, movimento em que predominou o elemento banto, encontramos um mouro de capacidade militar superior aos demais, construindo o sistema de defesa palmarino e industriando os ex-escravos na arte da guerra. (MOURA, 2020, p. 381).

Por outro lado, apesar dos Quilombos terem sido grandes marcos de resistências na luta do negro brasileiro, Moura (2020, p. 387) destaca que a guerrilha foi a estratégia militar que levou os escravizados a obterem menos perdas nessa guerra, pois, os “escravos tinham como aliado o movimento e como adversário o sedentarismo, a luta de posição”:

as guerrilhas serão constantes nas lutas dos escravos. Os quilombolas baianos, desde 1704, agiam nas estradas praticando "roubos e escândalos", providos de armas de fogo. Atacavam, também, as estradas de Salitre, Jacobina, Tucano etc., usando a tática de guerrilhas. Onde, porém, usando essa tática parece que os escravos obtiveram maior êxito foi em Sergipe. Antes de Palmares já atuavam e, no ano de 1874, ainda darão trabalho considerável aos governos, que não consegue localizá-los para um ataque definitivo. Essa tática deixará em desespero os dirigentes da província. Unidos aos escravos das senzalas - com quem mantinham estreito contato - serão sempre bem informados e nunca travarão combate de envergadura, mas desgastarão com ataques de flanco seus adversários até o fim. Nunca serão derrotados. Usarão armas de fogo e não constituirão grupos muito consideráveis, durante os ataques. Grupos de 10 ou 12, bem armados e montados, serão suficientes para ocupar vilas e povoados,

onde conseguiram viveres e de onde se retiravam em seguida. Várias expedições foram enviadas contra eles, sem resultado. Jamais ocuparão território. O movimento é sua salvação. (MOURA, 2020, p. 384).

Compreendo que a percepção das brechas não é uma exclusividade dos Mestres Touro e Dentinho, que mesmo em seus momentos de lazer ou vadiagem estavam em permanente prontidão, mas que ela é fruto dessa memória coletiva que durante séculos atravessa seus corpos, territórios e culturas.

Para Tavares (2012, p: 77) essa memória coletiva mantém os negros em um permanente “estado de alerta”, em uma constante “situação de guerra de guerrilha”, em que “o combate se dava de forma permanente, camuflada, fragmentada e paulatina”, na busca de se instalar em “todos os nervos do poder, com o contrapoder de sua atuação.”

Para Sodré (2008), essa atenção ou reação instantânea pode ser associada a uma característica da própria tradição da diáspora africana, que atravessou toda sorte de circunstâncias históricas e se afirma como uma característica da sua memória coletiva, como um estado de prontidão ancestral:

Por isso, pode-se reagir instantaneamente, em função de orientações tradicionalmente assimiladas. Não há predomínio da letra nem do conceito, mas força, ritmo e "micropensamento" corporal, que cria uma forma especial de conhecimento, uma intencionalidade física. Fernando Pessoa resume em verso: "Tudo que em mim sente está pensado." É pensamento que pode provir de uma latência (para evitar falar aqui de inconsciente) inscrita na memória coletiva de vicissitudes históricas. (SODRÉ, 2008, p. 84).

Para nos aproximarmos mais do termo brecha, tão falado por Mestre Dentinho, é fundamental nos distanciarmos do que ele não é. No que diz respeito ao espaço, não o compreendemos como uma abertura estática, que está ali aguardando ser preenchida. Essa característica o aproximaria de palavras como ruptura, fissura ou quebra. Termos que exploram sobretudo a conservação ou permanência de uma situação e não do seu movimento.

O espaço da brecha está em movimento. É o território que acolhe na oportunidade que se apresenta. Como no caso da Vila Cruzeiro, uma comunidade entre morros, uma passagem, um atravessamento entre o estigma e a alegria, entre a exclusão e a enunciação, entre a sobrevivência e a R-existência. Um interstício territorial. Uma tática forjada como morada ou uma morada forjada como tática - uma brecha – como Tavares nos auxilia a compreender:

O aproveitamento de brechas foi a meta definida pela população negra, só que não pelas vias do enfrentamento direto. Foi escolhido, ou melhor, foi trilhado o caminho do meio, dos interstícios: a sedução que, no fundo, dará na manha, no jeitinho do jogo do corpo, enfim, no jogo de cintura e sua projeção cognitiva: a ginga (e a mandinga como sua contraface). Esta seria a positividade desse procedimento. (TAVARES, 2012, p.92).

No que diz respeito a qualidade do tempo da brecha, o compreendo como uma oportunidade ou instante (*kairós*), em que seus resultados não podem ser antecipados ou determinados pelo passado, pois a brecha é filha do presente, em diálogo com impermanente e o imprevisível, um atravessamento ou tensão que se situa “entre” as perenes inconstâncias da realidade.

Como no jogo de capoeira, onde ora abrimos, ora fechamos a guarda, são segundos de vulnerabilidade que expõem o jogador, mas que permitem a continuidade do jogo. Caso contrário, correríamos o risco de torná-lo imóvel, cristalizado, enrijecido em uma defesa extrema e estéril, como nos elucida Sodré (2008, p. 87), que compreende que a capoeira “não é mera disciplina esportiva, e sim uma arte mandingueira do corpo – em suma, um jogo em que passado, presente e futuro podem pôr-se juntos num movimento ou num repente.”

Entendo que tenhamos chegado agora à parte nuclear da brecha, em que ela se mostra como uma suspensão no tempo e do espaço, isto é, se por um lado, como afirma Sodré (2008), o instante é o momento em que passado, presente e futuro se fundem com o imprevisível, na perene dinâmica da impermanência, por outro, ela se apresenta como um espaço possível, ainda por vir. Como no depoimento mandingueiro de Mestre Célio Gomes, extraído do texto de Rufino (2016):

Em uma passagem de ensinamento dos segredos da capoeira, o mestre diz aos aprendizes: “para eu fazer o movimento e conseguir pegar o cara, eu preciso estar em dúvida”. O mestre insinua um movimento de entrada de uma rasteira. Porém, logo em seguida, é interpelado por um dos alunos: “mestre, me desculpe, mas como você vai conseguir entrar estando em dúvida? Ao invés de estar em dúvida o senhor para pegá-lo não deveria estar certo do que vai fazer?”. O mestre para, fica em silêncio por alguns segundos e responde: “eu entendi o que você quis dizer, mas nesse caso para eu ter certeza do que eu vou fazer eu não tenho que está certo não, mas sim tenho que estar em dúvida”. O aluno mais uma vez o questiona: “mas, como assim mestre?”. O mestre responde e se já fosse jogo, antes da resposta, viria a rasteira: “rapaz, se eu estiver certo do que eu vou fazer, eu estarei errado porque com a minha certeza o cara com quem eu jogo vai saber das minhas intenções e não deixará brecha para eu entrar. Assim, eu preciso estar em dúvida, para que ele fique em dúvida também sobre o que eu desejo fazer. Se eu nego, ele não saberá das minhas intenções, aí na brecha que ele der, eu entro”. (RUFINO, 2016, p. 76).

No instante em que a brecha surge ela não tem preenchimentos prévios, é uma possibilidade, um vazio análogo ao que Walter Benjamin (1980, p. 34) percebeu na poesia de Boudelaire, isto é, para o autor alemão, o poeta francês “entreviu espaços vazios nos quais inseriu as suas poesias.”

Trazendo essa analogia para esta pesquisa, posso dizer que Mestre Dentinho entrevia espaços vazios nos jogos de seus adversários onde inseria seu movimento, isto é, seu devir. Nesse sentido, compreendo que a brecha se apresenta como uma abertura para as possibilidades, além de nos oferecer um instante de diálogo entre a memória coletiva e a singularidade apresentada pelo indivíduo. Rufino (2018) nos apresenta um trecho bastante esclarecedor a respeito da brecha quando descreve alguns aspectos da ginga:

Nessa perspectiva, a ginga emerge como uma força existencial dotada de uma inteligibilidade que lança o “ser” em uma escrita de si que confronta os determinantes impostos pela agenda colonial. O seu efeito dissimulador, negaceado faz com que o ser pratique as frestas, os vazios deixados pela própria intenção de dominação. Assim, o ser se constitui no fazer nas brechas daquilo que foi imposto para ele, ao gingar, negacear, pular nos vazios deixados o mesmo desautoriza a ordem, refaz a dinâmica do jogo mesmo que de forma provisória. Dessa maneira, se o ser se refaz na condição de ginga, a vida é interpretada como uma dinâmica de jogo inacabada. É nesse sentido, que os praticantes reivindicam um aforismo que diz muito sobre essa problematização: “o mundo dá voltas”. (RUFINO, L., PEÇANHA, C., OLIVEIRA, E., 2018, p. 78).

No entanto, para um olhar homogeneizador ou distraído, uma brecha, uma lacuna, um vazio ou uma fresta significa uma espécie de falha, uma ameaça que precisa ser imediatamente combatida e controlada. Talvez para esse olhar realmente o seja, como se existisse uma necessidade onipresente de preenchimento e qualquer ociosidade fosse passível de punição.

No entanto, entendo que estar atento a brecha significa estar aberto às constantes provocações dos vazios que proporcionam o movimento, as mudanças e o novo. Nesse sentido, percebo que existem vazios mais acolhedores que preenchimentos cristalizados e homogeneizadores seja na esfera do poder, do território, da cultura, do corpo ou da memória. Como nos ilustra Rubens Alves:

Somos assim. Sonhamos o voo, mas tememos as alturas. Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.

É um engano pensar que os homens seriam livres se pudessem, que eles não são livres porque um estranho os engaiolou, que se as portas das gaiolas estivessem abertas eles voariam. A verdade é o oposto. Os homens preferem as gaiolas ao voo. São eles mesmos que constroem as gaiolas onde passarão as suas vidas. (ALVES, 2005, p.9).

Em seu texto “Nietzsche e a genealogia da memória social”, o Filósofo e Professor argentino Miguel Angel de Barrenechea (2005) nos esclarece que o autor alemão foi um dos pensadores mais críticos da homogeneização e condicionamento do comportamento humano.

Para Barrenechea (itálico original, 2005, p. 60) “a memória é criada, gerada e imposta socialmente, e não uma condição *natural* desse animal tão singular” denominado ser humano. Isso pode ser atestado quando Nietzsche investiga a genealogia dos condicionamentos sociais a partir da memória coletiva, como destaca o autor argentino:

É importante destacar que, segundo a ótica que tentamos destacar neste trabalho, e contra a interpretação geralmente estabelecida sobre a emergência da reflexão sobre a memória social, consideramos que, antes das análises de Halbwachs, Nietzsche já teria realizado, no século XIX, profundas reflexões dedicadas a desvendar as origens da memória em uma ótica mais abrangente. Afastando-se das interpretações oferecidas pela metafísica e pela religião - desde os órficos e pitagóricos até Platão e as concepções judaico-cristãs - ele não considerou que a memória fosse um atributo ou faculdade do sujeito individual. Ao contrário, analisou, principalmente em Genealogia da moral, como a memória teve o seu aparecimento devido a condicionamentos sociais. Na sua ótica, aliás, não haveria um hiato entre memória individual e memória coletiva: a memória individual surge no seio de influências coletivas e já é, em razão de sua própria constituição e gestação, memória coletiva. (BARRENECHEA, 2005, p. 60).

Para Nietzsche (2009), foi a força que o ser humano viu seus instintos, sua espontaneidade, seu esquecimento, sua anarquia e seu nomadismo se enfraquecerem para que fossem priorizados a reprodução confiável da consciência e da memória. Como nos coloca Barrenechea (2005):

Esquecido, instintivo, espontâneo, todos os seus atos respondiam às suas necessidades orgânicas. Todos os seus afazeres correspondiam a um instinto; cada situação era nova para ele. Nada era previsto, calculado, memorizado. Aliás, não era necessário prever, calcular ou memorizar. Os instintos orientavam o homem e para a realização harmônica de suas necessidades. Para que eram necessárias a consciência e a memória? Não eram necessárias. (BARRENECHEA, 2005, p. 61-62).

Para Nietzsche (2009, p. 44) era necessário “criar um animal capaz de fazer promessas”, de modo que ele se tornasse uma extensão homogênea dos condicionamentos sociais. Segundo o filósofo alemão, “a tarefa mais imediata” a se realizar era “tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto

confiável.” Assim, com esse tipo de homogeneização, era possível garantir um tipo de futuro também previsível:

Para poder dispor de tal modo do futuro, o quanto não precisou o homem aprender a distinguir o acontecimento casual do necessário, a pensar de maneira causal, a ver e antecipar a coisa distante como sendo presente, a estabelecer com segurança o fim e os meios para o fim, a calcular, contar, confiar - para isso, quanto não precisou antes tornar-se ele próprio *confiável, constante, necessário*, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si *como porvir!* (NIETZSCHE, 2009, p. 44).

A força e a violência foram grandes ferramentas para a submissão individual, mas gradativamente a espécie encontrou outras formas mais amplas de determinação e controle do comportamento. Para Nietzsche (2009, p. 44), “esta é a longa história da origem da responsabilidade” que tornou o ser humano condicionável e previsível, como reafirma Barrenechea (2005) em relação à linguagem, à memória e à consciência:

Aqueles que possuíam mais força, os chefes da horda que depois constituiriam o Estado, começaram a impor seu poder sobre grupos nômades, anárquicos, fora de controle. Tiveram de usar da força para tornar o animal-esquecido um animal-com-memória. A linguagem, a memória e a consciência são criações contemporâneas. Foi necessária a comunicação por meio de signos que transmitissem rapidamente as ordens, as consignas. Existindo a ameaça de grupos rivais ou animais perigosos, o grupo se comunicava por meio de sons convencionais (posteriormente, palavras) que tinham de ser gravados, memorizados, para facilitar a ação, para que o grupo acatasse imediatamente as ordens dos chefes da horda. (BARRENECHEA in GONDAR, JÔ e DODEBEI, 2005, p. 63).

Segundo o professor Barrenechea (2005, p. 60), Nietzsche entendia que não existiria a necessidade de acúmulo ou registro em uma “faculdade subjetiva”. Logo, “vencer uma natureza espontânea e instintiva não foi uma tarefa fácil”, sobretudo para os seres humanos mais esquecidos, como destaca Barrenechea (2005):

O homem valorizava muito a calma de sua vida, sem previsões ou cálculos; o esquecimento garantia a paz, a tranquilidade, a espontaneidade. Assim, foram necessários métodos terríveis para instaurar a memória. Nietzsche se pergunta: como foi possível que um animal esquecido gerasse uma memória? Esta nasce graças a numerosos castigos, sangue e torturas. A mnemotécnica surge com requintes de crueldade e barbárie. Quanto mais esquecido era o homem, mais terríveis eram os tormentos impostos para que ele lembrasse. (BARRENECHEA in GONDAR, JÔ e DODEBEI, 2005, p. 63).

Segundo Nietzsche (itálico original, 2009, p. 46), “apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória”. Para o filósofo alemão, a dor acabou por servir como um dos elementos constitutivos do processo da construção social, sobretudo no que diz respeito à memória, pois “jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória”. Assim, segundo Barrenechea:

A memória aparece quando são deturpadas todas as condições espontâneas do homem primitivo. Nietzsche assinala que essa mudança radical seria semelhante à imposição de uma vida terrestre a animais marítimos, uma vez que suas condições vitais se alterariam. A tortura, nessas condições, é o instrumento imprescindível para tornar o homem "memorioso". (BARRENECHEA in GONDAR, JÔ e DODEBEI, 2005, p. 64).

Entendo que ao mesmo tempo que Nietzsche (2019) nos apresenta as origens da memória, ele nos aponta para os caminhos que ela pode nos guiar, pois é compreensível que as profundas marcas do processo histórico que a fizeram surgir ainda possam estar latentes até os dias atuais, quando reproduzirmos suas dores, seus condicionamentos e ressentimentos que a originaram:

quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória; os mais horrendos sacrifícios e penhores (entre eles o sacrifício dos primogênitos), as mais repugnantes mutilações (as castrações, por exemplo), os mais cruéis rituais de todos os cultos religiosos (todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldade) – tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica. (NIETZSCHE, 2009, p.44).

Entendo que esse processo doloroso de construção da memória está mais presente do que imaginamos em nosso cotidiano quando estruturarmos nossos pensamentos, sentimentos e ações marcados por esse processo, como um reflexo involuntário e mecanizado.

Não estou com isso ignorando os caminhos abertos até aqui pela linguagem, pela memória ou pela consciência e propondo um retorno a espontaneidade selvagem. No entanto, percebo a necessidade de outra tomada de consciência. Digo outra, porque Nietzsche (itálico original, 2009, p. 67) já nos alertou sobre as consequências da “má consciência”, que fez com que os “instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, *contra o homem mesmo.*”

Como nos alerta Pollak (1989), é fundamental estarmos atentos ao profundo abismo entre o tempo e o constante reavivamento da memória, pois, esse tipo de situação pode reforçar ainda mais a relação entre os submetidos e seus algozes, como um círculo vicioso de amargura, ressentimento e ódio:

Ainda que quase sempre acreditem que "o tempo trabalha a seu favor" e que "o esquecimento e o perdão se instalam com o tempo", os dominantes freqüentemente são levados a reconhecer, demasiado tarde e com pesar, que o intervalo pode contribuir para reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contraviolência. (POLLAK, 1989, p.9).

No entanto, a partir do termo brecha percebo que Mestre Dentinho nos deixou algumas pistas para refletirmos a respeito de uma superação desse ressentimento e amargor, pois esse termo representa um pensamento que acolhe e comporta as tensões no presente. O tempo de tensionamento na brecha é indefinido, depende da capacidade de sustentação do indivíduo, que poderá reproduzir os condicionamentos do passado ou construir a possibilidade de uma atitude inovadora.

É fundamental dizer que termo brecha ganhou força nesta pesquisa quando Mestre Dentinho o associou às crianças. Ele entendia que elas sabiam encontrar “a brecha” para colocar dentro dele a “força da criança”. No trecho abaixo Mestre Dentinho descreve esta relação, mesmo que não identifique com precisão como esse *dever* criança entra em seu corpo, no entanto, é através dessa troca que ele aprende a “ser criança o tempo todo”:

Então, me engajei nisso porque a criança é tudo, é o futuro, é o adiante, é o amanhã. Às vezes eu estou de bobeira uma criança chega perto de mim transmite uma energia que eu cresço, cresço de imediato, é só uma criança apertar minha mão, pronto, já fico... viro outro, né! Às vezes eu estou até em baixa, a criança chega, apertou minha mão já sobe um degrau a mais dentro do espírito! Como eu recebo eu não sei, qual é a porta de entrada, mas a criança sabe a **brecha** para colocar dentro de mim essa força da criança. E quando ele chega a adolescência ele já sabe que eu sou eu. Ai já vai ficando meio de lado, mas esse meio de lado eles já estão sabendo qual é o meu tipo de relacionamento com criança, aí eles vão aprendendo a ser criança o tempo todo, a lidar com criança também.⁸³

Mestre Dentinho era devoto de São Cosme e São Damião, Santos protetores das crianças. Certa vez, quando ele chegava ao campo de futebol da Vila Cruzeiro, o Campo do Ordem e Progresso, automaticamente a partida parou. Eram abraços e risadas vindo ao encontro dele. Para Mestre Dentinho essa era uma forma importante de reconhecimento:

Então, esse é o maior pagamento que a comunidade me dá. De qualquer parte da comunidade que eu chego estão abertas as vielas. Não digo portas. Vielas, que são muitas, são muitas, são muitas. Antes eram poucas, mas as poucas que tinham eu tentei conquistar. Apesar de que eu não fui um grande conquistador, mas me reconhecem... me reconhecem. Da forma que eles podem. Não é reconhecimento financeiro, mas é da forma que eles podem reconhecer. Um aperta minha mão, o outro me dá um beijo, o outro me dá um abraço, então, é uma forma de pagamento que vou levando até não sei quando, né?! Enquanto eu puder levar eu vou levando com essa comunidade. Tanto é que eu não mudo de comunidade. Tenho outras áreas, outras áreas que eu consegui reconquistar ou conquistar, mas prefiro esta comunidade da Penha.⁸⁴

⁸³ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003. Grifo não original.

⁸⁴ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003. Grifo não original.

Por outro lado, entendo que essa relação com a criançada também fazia parte de uma estratégia, como podemos perceber em seu depoimento, pois quando perguntado a respeito de suas aulas na comunidade, Mestre Dentinho destaca a importância de ser lembrado:

O aluno da comunidade, exemplo, um garoto de 5 anos hoje, daqui a mais dez ele estará com quinze e dentro da comunidade. Então, dentro da comunidade daqui a quinze anos eu sei que serei lembrado, por quem? Por esse de 5 anos. Se eu pegar um de 10 anos hoje, daqui a mais dez ele estará com vinte. Então eu já sei que daqui a 20 anos serei lembrado pela comunidade. E de repente ele pode ser um grande líder dentro da comunidade. Apesar que eu nunca espero essa retribuição deles.⁸⁵

Quando gravei esse depoimento com Mestre Dentinho em outubro de 2003 não tinha a certeza de que ele iria aparecer no bar marcado. Eu e a equipe de gravação chegamos mais ou menos às 20h no conhecido bar do Canário e lá encontramos o Jacaré (Hugo Luiz Menezes), policial amigo do Mestre que confirmou que ele viria. No entanto, a dúvida pairava no ar, pelo menos para mim.

Por volta das 21h ele apareceu no Posto de Gasolina do outro lado da rua. Nos observava. Tomei um gole de cerveja e fui ao seu encontro. Pedi que ele se aproximasse da equipe e apresentei-o. A alegria de vê-lo foi contagiante. Ocorria o jogo do Botafogo e Mestre Dentinho introduziu a sua chegada com uma aposta com o Morcegão, um dos membros da equipe de gravação. Se o Botafogo perdesse o Mestre rasparia a barba e, se ganhasse, o Morcegão rasparia o cabelo rastafari. Nossa concentração nele foi tão absoluta que não vimos o resultado final da partida.

Para mim foi um alívio. Ele estava ali. Pela primeira vez cumpriu um combinado da pesquisa. Como uma criança, até aquele momento, o Mestre sempre foi irreverente comigo. E naquele momento, como uma criança, eu não me continha em mim mesmo, mas não transpareci (eu acho). O momento exigia total atenção. De certa forma, naquele momento, eu estava tomado pelo *devir*-brecha, afinal, estávamos gravando com Mestre Dentinho, no território da comunidade Vila Cruzeiro.

A entrevista durou cerca de três horas e começou quase a meia-noite porque a luz do Bar do Canário não suportou o equipamento. A luz caiu e o bar ficou no breu. Tivemos que nos mudar para um botequim próximo. Concluímos a entrevista por volta das três da manhã, no entanto, ainda haviam crianças circulando em volta do Mestre.

⁸⁵ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003. Grifo não original.

Ainda sobre ensinar capoeira na comunidade, Mestre Dentinho falou a respeito da importância da memória:

Sempre é mais fácil trabalhar com quem está mais próximo de nós, porque se eu preparar um aluno de uma outra comunidade, como já preparei, eles até quando vão adiante, chega a um ponto que eles consideram o máximo, eles vão me esquecer.

Como eu tenho aluno hoje que é traficante, aluno...eu tenho tudo isso. Tenho alunos bons também, mas tive aluno também... bandoleiro, então a maior honra minha é saber que eu lidei com todas as camadas. Tive aluno viado, aluno bandido, aluno traficante, aluno polícia. E abraço todos eles, abraço todos eles. Não é caro abraçar todos eles. Não é caro não. Não custa muito, né?! Não custa muito. Agente quando tem que perder mil, perde mil, quando tem que perder um, perde um. A “perca” é uma só. Quando tem que vencer por um, vence por um, quando tem que vencer por mil, vence por mil. Então eu jogo para vencer. Para quem vencer? A comunidade.

O dia que eu desaparecer daqui a comunidade que ficou jovem, daqui a 50 anos vai lembrar, pô “aquele” fez uma coisa assim, assim, assim... eles vão lembrar do que foi feito. Então, pelo menos na mente deles eu vou ficar gravado. É por isso que eu prefiro a comunidade. Porque se botar em outra comunidade, a outra comunidade já vai esquecer, ah... “aquele” é de lá, não é dos nossos. Que tem muito disso. “Aquele” é de lá, não é dos nossos. Para ser dos nossos tem que ser aqui, conosco. É assim que eles pensam.⁸⁶

Podemos observar que ao contrário das culturas homegeneizadoras em que o mais forte submete o mais fraco ou menor, de modo que esse seja simplesmente seu desdobramento, o exemplo de Mestre Dentinho nos apresenta uma relação, uma via de mão dupla, uma troca e uma constante renovação através da criança:

Eu não me considero sozinho porque eu tenho tudo ao meu favor. Em outra ocasião eu já falei que eu estou sempre com as crianças, quem está com as crianças não está sozinho. Pode ver que chegou uma ali perguntou, uma de três anos perguntou se ela podia cantar. Então a criançada... então quem está com a criança nunca está só. Que a criança quando se agarra, agarra mesmo.⁸⁷

Foi a relação de Mestre Dentinho com as crianças que me remeteu a filosofia de Friedrich Nietzsche, sobretudo quando o Mestre nos coloca que tinha uma “péssima memória”, que segundo o autor alemão, é um dos princípios fundamentais para o surgimento do novo.

Eu fui criança né, eu fui criança e eu achei que a criança merecia um apoio total, eu não tive um apoio total e não era por causa disso que eu deixaria de apoiar os que vêm. A vida não foi sofrida, no passado, não foi sofrida, era coisa da época, a época, no passado, era pior do que hoje. Hoje para fazer um esporte, uma leitura, igual a ele aqui que montou uma biblioteca, hoje está mais fácil. Naquela época era difícil, até de se encontrar um livro. Um livro só, tinha que

⁸⁶ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

⁸⁷ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

servir para a família toda, passava na mão de todos aqueles que fossem de boa memória, gravava, o que tinha péssima memória ficava para trás, como eu.⁸⁸

A partir de Nietzsche, Aline Nascimento (2008, p. 121) entende que o esquecimento seria o responsável por abrir “brechas no tempo” e lançar o ser humano na inexplorada “memória da criança”. Para o filósofo alemão o esquecimento é uma força ativa que proporciona a possibilidade do novo, no tempo presente:

Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) - eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento. (NIETZSCHE, 2009, p. 43).

No entanto, não posso confirmar que Mestre Dentinho tinha realmente uma “péssima memória” ou se estava na verdade “negaciando” comigo. Digo isso porque esta pesquisa foi guiada em grande parte pelas lembranças que ele tinha sobre sua vida e a de seu irmão. Parecia que sua capacidade de presentificar a memória, como o fez na narração do episódio em que esteve com Madame Satã, era uma forma de se organizar de maneira própria.

Para Friedrich Nietzsche (2009, p.43) o esquecimento é uma necessidade para o estabelecimento do novo, como "uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido”, em que graças a ele “o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência.”

No entanto, compreendo que ao invés de resistir à penetração das experiências em sua consciência, Mestre Dentinho as acolhia ao máximo; no entanto, as reconstruía de maneira própria em sua memória, sem fortalecer as amarguras ou ressentimentos, como no caso do último depoimento apresentado aqui sobre sua infância: “eu não tive um apoio total e não era por causa disso que eu deixaria de apoiar os que vêm.”

Assim como Nietzsche compreendo que Mestre Dentinho apostou no corpo como espaço de sustentação de suas tensões, dentre elas, a lembrança e o esquecimento,

⁸⁸ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003. Grifo não original.

a comunidade e a singularidade, o jogo e a realidade, a brincadeira e a guerra, o profano e o sagrado, como ele nos coloca quando expõe o seu modo próprio de ser:

Agora, eu sou um andarilho, né?! Ou um bandoleiro. Eu gosto de estar em tudo quanto é lugar ao mesmo tempo. Tanto é que eu aproveito o máximo da vida acordado. Que a vida dormindo para mim é em qualquer lugar. Onde eu chegar der sono ou já tiver meio “fardado” de... de cerveja, aí ali mesmo eu boto meu bloquinho para descansar. E aí continuo, continuo a caminhada... a caminhada... não sozinho, não solitário, mas dentro do padrão, do esquema e do meu modo de ser.⁸⁹

Para Sodré (2008, p. 21), Nietzsche era um “alemão que jogava capoeira com o pensamento”, sobretudo quando relacionava a memória e o corpo, local onde o filósofo alemão considerava “um edifício coletivo de diversas almas”. Desse modo, compreendo a necessidade exposta por Rufino (2016, p. 64) quando nos coloca que “não haverá transgressão epistemológica sem que o corpo seja credibilizado em sua integralidade e reconhecido como o principal elemento dessas ações”.

Da mesma forma, Sarlo (2007, p. 27) nos alerta sobre creditarmos o corpo, local de abrigo dos sentidos, a importância de estabelecermos nossas construções intelectuais, pois, segundo a autora, quando “a narração se separa do corpo, a experiência se separa de seu sentido.”

Dessa forma, como destaca Sodré (2008, p. 22), “Na capoeira, assim como na filosofia de Nietzsche, o corpo pensa. Pensamento e corpo pertencem à ordem do diverso, isto é, a uma simultaneidade de coisas compreensíveis e incompreensíveis, que raramente passam pela consciência.”

Assim, não entendo que Mestre Dentinho defendia o esquecimento da diáspora africana, do processo de escravização negra, as dissimulações da cultura brasileira e de sua violência racial, no entanto, através de seu corpo ele enfraquecia os condicionamentos dessas violências para que o novo fosse potencializado.

Caso contrário, entendo que seus ressentimentos e rancores seriam maiores que a sua perspicácia de inovar e se singularizar e Mestre Dentinho correria o risco de permanecer preso a dinâmica de seu passado sem transformá-lo. A música AmarElo, do músico Emicida, debate de forma precisa a respeito dessa questão:

Mano, rancor é igual tumor, envenena a raiz

⁸⁹ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

Onde a plateia só deseja ser feliz (ser feliz)
 Com uma presença aérea
 Onde a última tendência é depressão com aparência de férias
 (Vovó diz) odiar o diabo é mó boi (mó boi)
 Difícil é viver no inferno (e vem à tona)
 Que o mesmo império canalha que não te leva a sério
 Interfere pra te levar à lona, revide!
 (...)
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
 Que nem devia tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir

Entendo que Mestre Dentinho conseguia abrir brechas em si mesmo, isto é, seu corpo resistente, ágil, brincalhão e malicioso enfraquecia o rancor e os ressentimentos de suas memórias para que outras possibilidades o preenchessem e o potencializassem.

Para Sodré (2008, p. 22) “É a malícia que indica com precisão a capacidade do capoeirista de superar a história do seu ego (a consciência dos hábitos adquiridos e consolidados) e adotar, em questão de segundos, uma atitude nova.” Segundo o autor baiano, na “Arte-Jogo, malícia é palavra-chave”.

Como um espaço de brechas, o corpo tem seus tensionamentos, seus lugares de passagem, seus vazios que possibilitam o instante da inventividade, como nos coloca Sodré (2008, p.22), “Senhor do seu corpo, o capoeirista improvisa sempre e, como o artista, cria.” Como coloca Mestre Dentinho, apensar de sua ressalva:

E a capoeira é a mesma coisa, a gente só orienta o cara, oh, você tem que trabalhar teu corpo assim... assim... assim... assim... assim, porque depois que ele pegar a maneira de trabalhar o corpo o resto é mole, ele vai até criar! Ele cria novidade. Apesar que a capoeira num... tudo para a capoeira não é novidade, que ela vale tudo, né?! Ela vale você ganhar uma facada, vale você dar uma facada, vale você dar um tiro, vale você receber um tiro, vale você dar um soco, agora, tem que ser bem aplicado, não é você demonstrar ao oponente que você vai dar um soco. Tem que sair no automático. Aí é só no jogo, né? É o chamado jogo. Aí é só no jogo. Aí no jogo sai tudo isso. Inclusive, as vezes alguém agarra minha barba, mas larga de imediato, que não... faço questão que agarre a minha barba... faço questão... que para tudo quanto é pegada tem defesa. Não existe uma pegada que não tenha defesa. Todas elas têm.⁹⁰

A dinâmica apresentada pelo jogo da capoeira está na trilha do processo de descolonização dos sentimentos e pensamentos através do movimento do corpo e a perspicácia da capoeira compõe a dinâmica da percepção e desconstrução das estratégias de mecanização e homogeneização do corpo através de outra biopolítica, como nos confirma Tavares (2012):

...a alma teimosa, renitente, manhosa e resistente da rebeldia do povo negro na sua permanente luta pela construção da liberdade. A Capoeira participa, de forma decisiva, da construção de uma nova retórica para os corpos, nesta etapa da redescoberta do corpo, que o homem no Planeta, e os indivíduos, em sociedade, estão realizando em uma nova biopolítica. (TAVARES, 2012, p. 128).

⁹⁰ Depoimento de Mestre Dentinho para o documentário BEMVINDO, em 2003.

PALAVRAS FINAIS

Seria contraditório encerrarmos este estudo com uma conclusão definitiva e cristalizada já que desde do início privilegiei seu caráter aberto, movente e vadio dos temas tratados nesta pesquisa. Reforço que esta pesquisa é uma perspectiva, um olhar a partir de uma vivência que tentou levar em conta os valores e princípios das memórias dos Mestres Bemvindo, ou seja, seus modos de ser.

Essa vivência teve como justificativa principal a realização de um documentário, mas que na verdade era um pretexto para se vivenciar uma experiência singular que atravessava a estética, a ética e a política da memória dos Mestres Touro e Dentinho: “Homens que se impuseram talhar Mestres na escultura feita a navalha e sangue, no olhar da ginga, osso duro de roer.”

Os irmãos Bemvindo cresceram em um mosaico memórias estigmatizadas que foram alijadas do registro e do reconhecimento oficial, ao mesmo tempo que encontraram um reconhecimento depreciativo para suas referências diaspóricas. No entanto, contraditoriamente, asseguraram o fortalecimento de seus modos de ser a partir de táticas que reforçaram a inovação de sua reconstrução existencial, a exemplo da brecha.

Dentre as brechas analisadas por este estudo, o território da comunidade Vila Cruzeiro se apresentou como o acolhimento que possibilitou a enunciação dos Mestres para o mundo, pois, além do reconhecimento no Brasil, os Mestres Bemvindo formaram grupos de capoeira em Países como os Estados Unidos da América, Itália e Espanha.

Desse modo, além de perceber o sobrenome Bemvindo como um substantivo próprio, o compreendo como uma atitude ética, política e filosófica a ser cultivada e enunciada, pois, como nos coloca o geógrafo Porto-Gonçalves (2006, p.42), é fundamental reconhecermos a possibilidade de “novos lugares de enunciação” do território, da cultura, do corpo e da memória.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. Chicletes eu misturo com bananas? A cerca de relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- ALVES, Rubens. **Religião e Repressão**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- ARANTES, Antônio A. (Org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; SOUZA, Carlos Eduardo Dias. Ginga na Avenida: a capoeira no carnaval carioca (1954-1976). **Revista Nordestina de História do Brasil**, Cachoeira, v. 2, n. 3, p. 83-103, jul./dez. 2019.
- BARRENECHEA, M. **Nietzsche e a genealogia da memória**. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- BENJAMIN, W. “**Sobre alguns temas em Baudelaire**”. In: **Obras Escolhidas**, vol.3. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEMVINDO, Antônio. **Conhecimentos e Método de Ensino - Capoeira Angola de São Bento Grande**. Ainda não publicado, 2005.
- BÍBLIA. Português. **A Santa Bíblia**. Fresta Livros LTDA, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASTRO, Eduardo V.. **Equívocos da Identidade**. In GONDAR, JÔ e DODEBEI (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- DIAS, Luiz Sergio. **Quem tem Medo da Capoeira?** Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- DODEBEY, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GARCÍA, Luis. El imperio contracultural: del rock a la postmodernidad. In: **Cultura e contracultura**. La Habana, Cuba: Editorial Arte y Literatura, 2005.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8º ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUATTARI, Felix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. **Revista Tempo Brasileiro**, 108 jan. - março de 1992.

IPHAN. **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, MINC, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora Revista dos Tribunais e Edições Vértice. São Paulo, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. 2º Ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 9º ed., São Paulo: Perspectiva, 2019.

KOHAN, Walter O.. **O mestre inventor**. Relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LISSOVSKY, M..memória e as condições poéticas do acontecimento. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera (orgs.).**O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8º ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACIEL JR. A. Pensar na era do excesso. In: **Cadernos de Psicanálise**, SPCRJ, v. 28, n. 31, 2012.

MORAES, N. A. de. Memória social: solidariedade orgânica e disputa de sentidos. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

MAURANO, D. O mal-estar na memória. In: DODEBEI, V. e outros (ORG). **Revista Morpheus**, Edição Especial, V.9, N.15, 2016.

MOURA, R.. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

MOURA. Clóvis. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, insurreições, guerrilhas**. 6º edição. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

NASCIMENTO, Aline. Uma Leitura Nietzscheana sobre o filme o Trem da Vida. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). **As Dobras da Memória**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F.. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida; tradução de Marco Antônio Casanova**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, v. 10, 1993.

NORONHA, Luiz. **Malandros: notícias de um submundo distante**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2003.

OITICICA, Cesar e OITICICA, Cláudio. **Catálogo Hélio Oiticica**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, 1996.

OLIVEIRA, C. O. de C. ORRINCO, E., G., D.. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera. (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

PLATÃO, **República**. 6º edição. Lisboa Fundação CalousteGulbenkian, 1990.

PORTO-GONÇALVES, CARLOS Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **RevistaGEOgraphia**, Niterói: UFF, vol. 8, No 16, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro., vol. 5, Nº 10, 1992.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais do “indizível” ao “dizível”**. Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil) (O.M.V. Simson, org.). São Paulo: Vértice, editora Revista dos Tribunais, vol. 5, 1998.

RIBEIRO, Rafaela. **A dimensão da Cultura no debate acadêmico do Serviço Social: um panorama dos veículos editoriais pós-movimento de reconceituação (1994-2014)**. 2020. 276f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Revista Antropolítica**, n. 40, Niterói, p.54-80, 1. sem. 2016.

RUFINO, Luiz. Campo de batalha e campo de mandinga. In: SIMAS, Luis Antonio, RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1º edição, Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, L., PEÇANHA, C., OLIVEIRA, E.. Pensamento diaspórico e o "ser" em ginga: deslocamentos para uma filosofia da capoeira. **Revista de Humanidades e Letras**, ISSN: 2359-2354, Vol. 4, Nº. 2, Ano 2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Numa série de cartas. Iluminuras: São Paulo, 1990.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850**. Campinas, SP, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: PallasEditora, 2008.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza e o Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

TAVARES, Júlio Cesar de. **Dança de guerra – arquivo arma**: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Ética e Cultura**. Edições Loyola: São Paulo, 1993.

VERNANT, Jean - Pierre. **A origem do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WHYTE, William Foote. **Sociedade da Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DEPOIMENTOS

Mestre Dentinho (Alcino de Oliveira Bemvindo)

Mestre Touro (Antônio Oliveira Bemvindo)

Ramildo Belizário da Silva (Líder Comunitário da Comunidade Quatro Bicas)

Padre Serafim Fernandes

INTERNET

KOHAN, Walter O.. A infância da educação: o conceito de devir-criança. CECIERJ, ISSN 1994-6290. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>. Acesso em: 29/09/16.

<http://www.koinonia.org.br/oq/noticias-detalhes.asp?cod=5698>. Acesso em: 04/03/2006.

<https://hhmagazine.com.br/1972-da-bahia-a-minas-gerais-do-credo-ao-axe-maria-bethania-gilberto-gil-e-clube-da-esquina/>. Acesso em: 03/03/2021.

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,reporter-foi-capturado-torturado-e-morto-por-trafficantes,20020609p17850>. Acesso em: 21/08/2015.

<https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/tim-lopes-torturado-assassinado-por-trafficantes-na-vila-cruzeiro-8903694>. Acesso em: 10/08/2021.

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lopes/>. Acesso em: 11/08/2021.

<https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/tim-lopes-torturado-assassinado-por-trafficantes-na-vila-cruzeiro-8903694>. Acesso em: 11/08/2021.

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lobes/a-prisao-de-elias-maluco/>. Acesso em: 11/08/2021.

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lobes/a-prisao-de-elias-maluco/>. Acesso em: 11/08/2021.

Quadrinho Calvin e Haroldo:

<https://www.google.com/search?q&tbn=isch&ictx=1&tbs=rimg:CSXbW7g8rOiJggl21u4PKzoiSoSCSXbW7g8rOiJEU0cU1Cn8VcW&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjL6r-1rLvwAhX0OLkGHZ3cCd8QiRx6BAgAEAQ&biw=412&bih=678#imgcr=7eHJZNvTeEqGHM>. Acesso em 09/05/2021.

Música “Festa da Penha”, de Cartola:

https://sonichits.com/video/Cartola/Festa_Da_Penha. Acesso em: 27/01/22.

Música "De qualquer maneira" de Ary Barroso e Noel Rosa

<https://www.vagalume.com.br/noel-rosa/de-qualquer-maneira.html>. Acesso em: 27/01/22.

Música AmarElo de Emicida. <https://www.letras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/>. Acesso em: 09/02/22.